

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Lara Elisa Latância

Memórias (entre) cruzadas
da Biblioteca Municipal de Valinhos
“Dr. Mário Correa Lousada”

Campinas
2011

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Lara Elisa Latância

Memórias (entre) cruzadas
da Biblioteca Municipal de Valinhos
“Dr. Mário Correa Lousada”

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à
Faculdade de Educação da
UNICAMP, para obtenção do
título de licenciado em
Pedagogia, sob a orientação da
Profª Drª Norma Sandra de
Almeida Ferreira.

Campinas
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

L341m

Latância, Lara Elisa, 1989-
Memórias (entre) cruzadas da Biblioteca Municipal de
Valinhos “Dr, Mario Correa Lousada” / Lara Elisa
Latância. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Norma Sandra de Almeida Ferreira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Bibliotecas. 2. Leitura. 3. Leitores. 4. Instituições –
História. 5. Memória. I. Ferreira, Norma Sandra de
Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

12-055-BFE

Agradecimentos

- Primeiramente a Deus, por permitir que o sonho de fazer Pedagogia, e me formar professora, fosse realizado.
- A Norma, minha orientadora e querida professora, por me incentivar e apoiar nas ideias de pesquisa; por perguntar, sugerir, corrigir, discordar, discutir, escrever e reescrever para que este trabalho pudesse ser concretizado.
- Aos meus pais e ao meu irmão, que estiveram sempre ao meu lado, me apoiando durante toda a Graduação e, de forma especial, durante o desenvolvimento desta pesquisa.
- Ao Fernando, namorado querido, que me apoiou em todos os momentos e me acompanhou durante os quatro anos de faculdade, estudando e fazendo trabalhos comigo em diversos momentos.
- A toda minha família, avós, tios, primos, que sempre torceram por mim.
- Às amigas que o tempo e a distância apenas fortaleceram: Livia, Leo, Marcel, Tiago, Vini, Paty, Beto; e a todos os amigos que apesar da distância ainda são muito queridos.
- Às amigas especiais que fiz durante a graduação, Nina e Luíza, pelas risadas, conversas, trabalhos, saídas, fofocas; enfim, por terem tornado os quatro anos de curso muito mais prazerosos.
- A todos os colegas da turma Integral 08, que sempre terão meu imenso carinho – sobrevivemos ao novo currículo!!!!!!
- Aos colegas Alçados, por me acolherem e me fazer sentir parte do grupo: pelas trocas de experiências, de sugestões e de trabalhos que foram essenciais para meu crescimento e formação como pesquisadora. Nossas tardes de café, pão de queijo e bolo de laranja serão sempre as melhores!!!
- Às colegas educadoras da EMEF Maria Luiza Pompeo de Camargo (Isabel, Eliana, Janaína, Vânia, Ana, Giovanna, Rita, Denisetete, Guiomar, Ana Paula, Veridiana, Edith), onde realizei estágio de Gestão Escolar e Ensino Fundamental, por me receberem de braços abertos na escola, nas salas de aula, nas reuniões de pais, TDC's, reuniões de Conselho, enfim, por me permitirem participar e conhecer o dia-a-dia da escola.
- Às colegas educadoras da EMEB Tio Pedro Brandini (Elaine, Débora, Ana, Sandra, Janaína, Celi), onde realizei estágio de Educação Infantil, por me receberem tão carinhosamente e permitir que eu tivesse e aprendesse com minha primeira experiência com a Educação Infantil.
- Às professoras Mary, Val e Marisa, do Projeto Recriação Bom Retiro, onde fiz estágio de educação não-formal.
- À equipe do Colégio Fundamentum, em especial, Laura, Tânia e Alessandra, que fizeram parte de minha formação desde o início de minha vida escolar, e durante a graduação me abriram espaço para estágio e trabalho. Grande parte do que sou hoje, como pessoa e como profissional, veio da formação que tive com vocês.
- Aos professores que tive durante a graduação, pelas leituras fáceis e desafiadoras, pelas teorias, pelas práticas, pelas experiências compartilhadas, pelas discordâncias e argumentações – enfim por tudo

que vivi e que me fez a professora que hoje posso e, acima de tudo quero, ser.

Alguns agradecimentos especiais pela realização desta pesquisa:

- À FAPESP, pelo apoio e financiamento da pesquisa.
- À Rose D'Ávila, pela extensa e completíssima entrevista, pelos materiais emprestados e pela eterna disposição em ajudar e responder minhas perguntas.
- À Márcia Martinez, pela entrevista concedida e por me receber na Biblioteca tantas vezes, sempre com disposição para ajudar e responder perguntas.
- Ao meu avô, João, fonte essencial na pesquisa sobre a “Biblioteca do Padre”, por compartilhar as lembranças e recordações comigo.
- A todos funcionários da Biblioteca Municipal: Luciana, Elisete, Katia, Fabiana, Raquel, Adriano, Cassia, Carlos, Maria José e Wilson, pelo apoio, cooperação e dedicação durante toda a realização da pesquisa.
- E por todas as pessoas que auxiliaram e apoiaram durante a pesquisa:
 - Djalma Braga
 - Luiz Bissoto
 - Fernando D'Ávila
 - Lucia Olivo
 - Nilson Mathedi
 - José Maria Venturini
 - Mario Farci e Alessandra Buffa
 - Folha de Valinhos

*Todos podem e devem ler,
em qualquer lugar,
em qualquer tempo.*
(FERREIRA, 1994)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo conhecer e escrever a história da Biblioteca Municipal de Valinhos “Dr. Mario Corrêa Lousada”. Focar no momento de sua criação para interrogar o significado desta única Biblioteca pública na sociedade valinhense e a constituição de sentidos desse espaço no período de funcionamento de 1971 a 2011.

Esta pesquisa toma como fontes: documentos impressos (leis municipais, matérias publicadas em jornais e periódicos, fotografias do local, etc) e depoimentos orais (entrevistas com bibliotecários).

Rastrear fontes documentais, perguntar a elas, articular representações em torno da Biblioteca, em vários momentos de sua formação (criação, mudanças, instalação e funcionamento atuais) pelas vozes, escritas ou não, das pessoas envolvidas, são alguns dos procedimentos metodológicos dessa pesquisa, apoiada nos estudos de Chartier (1996 e 1999), Certeau (2000 e 2002), Bakhtin (2000), entre outros.

O material identificado permitiu descobrir a existência de outra biblioteca: a Biblioteca Pública Paroquial “Embaixador Macedo Soares”, ou a “Biblioteca do Padre” (1950-1960). Permitiu, também, compor momentos diferentes da Biblioteca Municipal de Valinhos, movimentados por distintos grupos, pela sua instalação em três espaços também distintos e em dois períodos, por nós demarcados como: de 1971-2003 e de 2003 até hoje. Nesses documentos coletados são construídas imagens de bibliotecas diferentes em seus propósitos, em seus projetos de dinamização, em organização e disposição dos seus acervos, na busca pelos leitores a conquistar.

Este trabalho se insere na linha de pesquisa intitulada “Políticas e práticas de leitura, espaços e comunidade de leitores”, do grupo de pesquisa “Alfabetização, Leitura e Escrita” – ALLE.

Palavras-chave: bibliotecas – leitura – leitores – história de instituição

SUMÁRIO

Introdução	9
Livros, Leitores, Bibliotecas e Espaços de Leitura.....	11
- Um breve percurso pela História da Biblioteca.....	15
- Espaços de Leitura.....	19
Leis, fotografias, reportagens e Entrevistas: a aproximação de uma história.....	22
Biblioteca Municipal de Valinhos – 40 anos (1971-2011).....	33
- Um Começo.....	33
A Campanha.....	33
A Inauguração.....	46
- “A Biblioteca do Padre”.....	51
- Um nome, duas Bibliotecas.....	59
A Biblioteca sob coordenação de Roseline D’Ávila... ..	60
A Biblioteca sob coordenação de Márcia Martinez.....	82
Ações em comum.....	92
Conclusão.....	119
Referências	122
Anexo – Concurso de Prosa e Poesia.....	126
Anexo – Hino de Valinhos.....	139

Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso é resultado de uma Pesquisa de Iniciação Científica, feita com apoio e financiamento da FAPESP, no período de maio de 2010 a abril de 2011. A pesquisa teve como objetivo buscar documentos e materiais que auxiliassem na escrita da história da Biblioteca Municipal de Valinhos “Dr. Mário Correa Lousada”.

Organizamos o trabalho em três capítulos. O primeiro, denominado “Livros, leitores, bibliotecas e espaços de leitura”, traz um pouco de estatísticas recentes que tratam sobre leitores e bibliotecas, buscando conhecer como este objeto é visto e conhecido pela população de uma forma geral. Contamos também um pouco da história das bibliotecas, desde antes do surgimento dos livros até hoje. O campo em que essa pesquisa se insere também é tratado; buscamos conhecer um pouco outras pesquisas feitas na mesma área e que poderiam ajudar no cumprimento de nosso objetivo.

O segundo capítulo é denominado “Leis, fotografias, reportagens e entrevistas: se aproximando de uma história” e nele buscamos contar o percurso percorrido durante a pesquisa: o que foi procurado, onde, com quem falamos, quais materiais foram encontrados e quais não foram. Procuramos entender o significado dos materiais encontrados para este trabalho.

No terceiro capítulo, chamado “Biblioteca Municipal de Valinhos – 40 anos (1971-2011)”, escrevemos a história da Biblioteca de Valinhos, propriamente dita. Esta história foi contada em três partes. Na primeira, contamos como se iniciou a campanha para a formação da Biblioteca na

cidade: quem fez parte desta campanha, o que foi feito, quais eram os objetivos de se ter uma Biblioteca na cidade; até o momento de sua inauguração, em 16 de janeiro de 1971.

O segundo momento deste capítulo narra a história de uma outra Biblioteca que existiu na cidade de Valinhos, 10 anos antes da Biblioteca Municipal. Esta foi uma descoberta inesperada durante o trabalho, mas relevante e de extrema importância, já que isso significa que a Biblioteca Municipal não foi a primeira, nem a única da cidade, e por isso sua história também é narrada aqui. Esta Biblioteca era Paroquial e funcionou na cidade durante a década de 50.

Na última parte, contamos a história da Biblioteca desde o ano de sua inauguração até o ano de 2011: seu crescimento, a formação de seu acervo, os projetos e campanhas promovidos pela e na Biblioteca. Para isso dividimos esta história também em três momentos. O primeiro momento é aquele em que Rose D'Ávila é a bibliotecária responsável (1971 – 2003). O segundo momento é quando Márcia Martinez assume a Biblioteca (2003 – atual). No terceiro momento, falamos das continuidades que existem entre estas duas gestões, falando dos projetos que surgiram em uma gestão e que tiveram continuidade na outra.

LIVROS, LEITORES, BIBLIOTECAS E ESPAÇOS DE LEITURA

O discurso em torno da leitura e do livro circula no nosso imaginário social, insistindo na ideia da construção de um país de leitores, há séculos. Em uma cultura letrada, a importância da leitura é inquestionável e, por isso, ações e projetos em nome dela movem pessoas, instâncias públicas, privadas, organizações não governamentais. Ao lado da ideia de que ler é importante e necessário, há uma outra, que anuncia sua ausência em números e estatísticas.

Os números encontrados pelo IPL, na segunda edição da pesquisas Retratos de Leitura no Brasil (2008), e que buscou diagnosticar e medir o comportamento leitor da população brasileira, quando olhados, por exemplo, em sua relação com a leitura de livros, apontam que 55 % da população se declara leitora e 35 % dizem gostar de ler.

Em uma leitura inversa, esses números indiciam que uma parte significativa da população brasileira pode estar distante de uma relação de gosto pelos livros (65%) e de ter uma representação de si mesmos como leitores (45%).

Ao lado desses índices, outros apontam para a informação de que 73% dos entrevistados não frequentam bibliotecas e 47% dos leitores não compram livros. Nesta direção, à representação de “não ser leitor” e à prática de “não gostar de ler”, se junta uma prática cultural dos leitores que é pouco usual em relação à aquisição de livros e à frequência aos espaços dedicados a eles. Tem sido para esta parcela da sociedade que o mercado editorial, as políticas

públicas e muitas pesquisas se voltam no interesse de conquistá-la para o mundo dos livros.

Sabemos que há muitas outras formas de acesso aos livros, além dos empréstimos de bibliotecas ou de aquisições. Eles podem ser doados, xerocados, locados, presenteados, emprestados entre amigos e familiares. Sabemos, também, que em uma sociedade desigual, com concentração de riqueza em uma pequena parcela da população, o livro é um objeto cultural caro, inacessível economicamente para muitos e de difícil acesso para outros tantos.

Porém, o que queremos destacar é a declaração dos entrevistados de estarem distantes da posse e do acesso aos livros, como objetos de leitura. Um discurso que propaga o desencontro entre os sujeitos (leitores) e os objetos de leitura (os livros). Nos motivos indicados para explicar a “não frequência às bibliotecas”, os entrevistados responderam, segundo dados da referida pesquisa “Retratos de Leitura no Brasil”, não gostar de ler/não ter hábito ou interesse (24 %), não ter tempo (22 %), não ser alfabetizado (20 %), não ter biblioteca perto (16 %). (p. 21)

Nesses indicadores mais diretamente ligados à biblioteca, as dificuldades parecem estar articuladas a aspectos que exigem autonomia dos seus frequentadores quanto ao deslocamento de sua casa à biblioteca e disposição – um querer ir – a este lugar. São dados reveladores da pouca familiaridade de práticas culturais com o livro e com a leitura neste espaço – biblioteca; são indicadores do pouco investimento de políticas públicas neste setor, no planejamento de bibliotecas com acesso mais rápido, de melhor

localização, mais bem equipadas, buscando atender a população (atual) a quem elas se destinam.

Segundo Galeno Amorim (2008), organizador do livro com os resultados da pesquisa citada anteriormente, “o País ainda está longe de ser uma nação de cidadãos leitores e há muito chão pela frente até que se chegue lá” (p. 15). Ele ainda afirma que a questão do livro e da leitura não é muito valorizada, não sendo considerada política de Estado. Isso fica evidente nos baixos percentuais de frequência da população às bibliotecas, “um serviço público que, embora essencial, continua a merecer só um tratamento de segunda classe” (p.16).

Mas que bibliotecas são essas tão pouco frequentadas e tão pouco desejadas pelos sujeitos-leitores?

A biblioteca no nosso país, considerada por muitos como um importante espaço para leitura, e, principalmente, para formação de leitores, tem tido pouco investimento e comprometimento por parte do governo. Segundo Quinhões (1995), a biblioteca no Brasil é marcada por descontinuidades, sendo, muitas vezes, um “presente” do político eleito, produto de campanhas eleitorais, mas sem estar realmente inserida no contexto social daquela população.

São poucas as bibliotecas públicas espalhadas pelo país, muitas vezes localizadas no centro das cidades, com acervos desatualizados, sem recursos informatizados, com pessoal pouco capacitado para o atendimento ao público leitor. Mais raras ainda são as bibliotecas que se encaram, de fato, como instrumentos de difusão do conhecimento, de acesso à informação e à fruição.

Seus frequentadores são, principalmente, escolares, especialmente os da classe social do segmento C (37 %, p.120), em busca de pesquisas solicitadas pelos professores, com idades que variam de 05 a 29 anos, conforme dados da pesquisa “Retratos de Leitura no Brasil” (2008).

Na intrincada relação entre programas e planos daqueles que governam e planejam as políticas públicas ligadas ao livro, à leitura e a ações, a biblioteca tem produzido estratégias de sobrevivência naquilo que acredita e para que foi pensada a partir do século XIX: oferecer seus serviços a todos os cidadãos.

Ao longo do tempo, as bibliotecas têm construído um significado cultural como espaço educativo e político na perspectiva de superar a exclusão e de promover a democracia do saber através da leitura.

As bibliotecas - lugar de informações e de pesquisa, de leitura com deleite, ou apenas de encontro dos homens com seus objetos da cultura letrada – tem como propósitos oferecer formas de compreensão do nosso presente. Mais do que isto. Entre as instituições que se configuram como formadoras de leitores e que estão colocadas à disposição deles, a biblioteca tem agregado como papel importante na sua representação social, o de preservar e oferecer acesso às formas de compreensão do passado, da memória dos homens que um dia deixaram seus registros em escritos, pergaminhos, impressos, em CDs, etc., do modo como os homens pensaram e registraram sua cultura no passado.

Para Steindel (2005), as bibliotecas são também lugar de memória local, sendo ainda um espaço de intercâmbio da palavra viva e de opinião crítica.

Um breve percurso pela História da Biblioteca

Segundo Castro (2006), a biblioteca tem representado o sonho de vários povos, desde as mais antigas civilizações, de ter sob sua guarda toda a memória do mundo, como fonte de importância e poder. Também a biblioteca tem sido objeto de censura e de queima de livros. Diríamos que também de bombardeios, de esquecimento, de apagamento, de fechamentos. Entre bibliotecas que foram criadas e que até hoje são referência, muitas se perderam na história e não puderam deixar vestígios sobre a sua importância na sociedade na qual existiram.

Bibliotecas, ao longo da história, tiveram concepções diferentes do seu papel, estratégias distintas de aproximação dos livros e leitores, profissionais e leitores diferentes em suas práticas e em seus protocolos de orientação de consulta, de pesquisa, de leitura.

Podemos dizer que as bibliotecas são anteriores aos livros. Na Antiguidade, elas guardavam, primeiramente, tabletas de argila e, mais tarde, rolos de papiro e de pergaminho. Essa biblioteca antiga, que tinha como prioridade fornecer exemplares para serem feitas cópias que seriam usadas pelos leitores (Battles, 2003), era entendida como um repositório de materiais originais passíveis de serem reproduzidos.

Essas bibliotecas antigas eram, principalmente, particulares; pertencendo a mosteiros e à família real, em sua maioria. A partir do Renascimento, as bibliotecas ganharam novo caráter, tornando-se instituições leigas e civis, além de públicas e abertas.

Esse processo de transformação da biblioteca tem como características principais a laicização, a democratização, a especialização e a socialização

(Martins, 2001). A democracia é, em si, laica; e caracterizada pelo acesso do homem comum ao que antes estava disponível apenas a uma minoria. Essa democratização é um processo de especialização. Martins(2001) explica esse conceito afirmando que

Enquanto a biblioteca era um organismo aristocrático ou sectário, sua especialização automática decorria da identidade de interesse dos possíveis leitores. Aberta ao grande público, as especializações forçosamente teriam de aparecer. A princípio, a biblioteca tentou, num esforço sobre-humano, atender a todas as solicitações; pouco a pouco, as coleções especializadas foram surgindo. (p. 324)

A socialização é o conceito mais significativo, sendo dependente e decorrente dos anteriores e marcando o acesso de todos os grupos. O alcance da biblioteca mudou, “ela não apenas quer servir ao indivíduo isolado (...) mas ainda deseja satisfazer às necessidades dos grupos, assumindo voluntariamente o papel de um órgão sobrecarregado, dinâmico e multiforme da coletividade.” (Martins, 2001, p.325)

A figura do bibliotecário, que também surge com o Renascimento, passa a ter sua própria especialização, além de um papel considerado socialmente indispensável, a partir do século XIX. Segundo Martins (2001), é missão do bibliotecário “racionalizar a leitura”, “organizar todas as bibliografias possíveis e imagináveis”, além de ser “conselheiro de leitura”. (p.35)

A formação do bibliotecário deve ser de nível superior, buscando uma formação de cultura geral. O bibliotecário moderno deve ser tanto técnico quanto intelectual. Milanesi (1986) afirma, porém, que grande parte das bibliotecas brasileiras não tem bibliotecário. Essa função é geralmente exercida por funcionários da prefeitura, sem formação específica.

Em 1808, chega ao Brasil a família real portuguesa que traz consigo a Biblioteca Real. Esta é inaugurada em 1811, porém destinada apenas à elite econômica da época, especialmente ligada à família real. O acesso ao público em geral somente será feito três anos depois (1814). Após a Independência, a Biblioteca Real se torna o patrimônio básico da Biblioteca Nacional (Milanesi, 1986).

No Brasil, a primeira biblioteca pública foi inaugurada em 1811, na Bahia (Milanesi, 1986). Isso se deveu ao fato de que, no período em que o país era colônia de Portugal, os portugueses dificultaram a publicação e circulação de impressos; tudo vinha de Portugal através de uma importação regulada. Antes disso, as bibliotecas ficavam apenas nos conventos; os livros, depois de passar por rigorosa seleção, eram usados pelos jesuítas para evangelizar e propagar a fé. Com a expulsão destes do país, as bibliotecas dos conventos continuaram a existir e tornaram-se públicas.

É nesse período, também, que são fundados jornais e, com eles são impressos e publicados folhetos e livros; surgem, também, novas bibliotecas, públicas e de universidades, “ampliando as possibilidades de acesso ao livro” (Milanesi, 1986, p.31).

De lá para cá, a mudança do regime político (República), a implementação do ensino primário obrigatório e gratuito, a urbanização da população, etc. proporcionaram um investimento em espaços de cultura letrada. Na primeira metade do século XX, houve uma proliferação de pequenas bibliotecas, “organizadas por associações e tendo sempre um patrono como a coluna mestra do empreendimento” (Milanesi, 1986, p.36).

Elas, assim como as bibliotecas públicas infantis, gabinetes literários, centros e academias de leitores, tinham como objetivo levar aos jovens a boa leitura.

“A partir de 1971, as bibliotecas públicas foram, praticamente, transformadas em bibliotecas escolares” (Milanesi, 1986, p.54). É nesse ano que é decretada a Reforma de Ensino, que introduz a prática de pesquisa na escola. Como nem todas as escolas dispunham de bibliotecas em condições de uso, os estudantes passaram a frequentar as bibliotecas públicas para cumprir os trabalhos escolares. (Milanesi, 1986). Assim, a biblioteca pública foi adaptada às necessidades dos estudantes. “A primeira medida foi a compra de obras adequadas: as enciclopédias” (Milanesi, 1986, p.54).

Para Milanesi (1986), as bibliotecas públicas brasileiras poderiam ser “1) centro de informação para a coletividade; 2) um espaço que se abre para o lazer; 3) possibilidade de preservação da memória” (p.90). Em relação à memória, ele afirma que as Bibliotecas Municipais não têm essa preocupação. “O passado é visto como algo definitivamente morto que não merece ser lembrado” (p. 91). Milanesi (1986) ainda escreve que pela busca de um futuro, há o desprezo dos padrões e feições dos tempos antigos.

De acordo com Milanesi (1986), “faltam dados claros sobre a situação da biblioteca pública no Brasil” (p.60), porém, ainda assim, “não há notícia de mobilização popular e protesto público contra a indigência das bibliotecas” (p.62).

Espaços de Leitura

É fato que os espaços de produção, circulação de livros e práticas de leitura têm sofrido um processo crescente de apagamento e esquecimento de sua história.

Delgado (1999), em seu livro “Cartografia Sentimental de Sebos e Livros”, destaca que a pesquisa dos processos de produção, circulação e difusão de livros são bastante recentes no Brasil. Segundo a autora, a ALB (Associação de Leitura do Brasil) informa que

A história do livro no Brasil estava, até há pouco tempo, por se escrever Eram inúmeros os silêncios e as lacunas da historiografia quanto aos livros, às bibliotecas e às práticas de leituras, particularmente no Período Colonial. (...) Mais recentemente, este panorama veio a alterar-se. Realizaram-se investigações baseadas, em maior ou menos escala, no uso da quantificação e que esboçaram uma interpretação sobre a leitura e a recepção dos livros no país. Alguns estudos concentraram-se na abordagem de bibliotecas de indivíduos, de grupos e de instituições; (...) as investigações debruçam-se sobre cruzamentos variados entre leitura, livros, movimentos culturais, políticos em diferentes espaços e períodos históricos.(ALB, apud DELGADO, 1999, p. 28)

É levando isso em conta que Santos (2004), em sua dissertação de mestrado, escreve:

Nas últimas décadas, tem havido uma certa preocupação acadêmica com os espaços de produção e circulação de livros; espaços estes ainda pouco ou quase nunca estudados, mas que guardam uma história do livro e dos impressos, de sua circulação e de suas práticas de leitura necessárias ao entendimento da nossa história individual e coletiva. (p.19)

Esse número cada vez maior de trabalhos e artigos tem o objetivo de estudar e investigar os “espaços e práticas indispensáveis à compreensão de nossa história de leitores e ao sentido que a escrita ocupa em uma sociedade” (Santos, 2004, p.20). Assim, ao pesquisarmos a história da Biblioteca Municipal de Valinhos, que tem sofrido esse apagamento e esquecimento de sua história,

nos inserimos nessa linha de pesquisa, que é constituída por estudiosos como Roger Chartier (1999), Michel de Certeau (2000, 2002), Robert Darnton (1992), Laurence Hallewell (1985). Também na leitura de dissertações de mestrado e teses de doutorado que têm tomado como objeto de interesse a história dos espaços de leitura, como: Santos (2004), Delgado (1999), Ribeiro (1996), Alvisi (2001), Martins (1990), Bragança (1999), Steindel (2005).

Todas estas pesquisas trabalharam sob um ponto de vista histórico, visto que a historicidade é uma das questões essenciais do tratamento de temas culturais. Neste sentido, estudar os aspectos culturais de uma sociedade implica recuperar seu passado e reconstruí-lo, para melhor compreensão do hoje e do amanhã. (Santos, 2004, p.24)

O trabalho de Santos (2004) estuda a CASA LIVRO AZUL (1876 - 1957) a partir de propagandas publicadas nos jornais locais, da leitura de memoriais e de depoimentos de freqüentadores. Ribeiro (1996) discorre sobre a história do Colégio Florence, em Campinas-SP, utilizando-se de jornais, cartas e arquivos. Alvisi (2001), também investigando a Escola Profissional Dom Bosco, de Poços de Caldas-MG, analisa relatos orais, materiais iconográficos e documentos especiais. Martins (1990) estuda gabinetes de leitura da província de São Paulo, na segunda metade do século XIX. Bragança (1999), a partir de fontes documentais e depoimentos de antigos frequentadores, percorre a história da Livraria Ideal. Delgado (1999) focaliza seu trabalho nos estudos dos alfarrábios mineiros, identificando as práticas de leitura 'escondidas' em seu interior.

Todos esses autores se utilizam de fontes orais, escritas e iconográficas, buscando conhecer a história de um espaço de leitura de um tempo e lugar, inserindo-se num campo de investigação centrado nos espaços de produção, circulação de livros e práticas de leitura. Esse é um campo que tem aumentado

nas últimas décadas, pois essa história dos livros e das práticas de leitura é indispensável para o entendimento da nossa história individual e coletiva (Santos, 2004).

Além disso, acreditamos na importância da Biblioteca como espaço de informação, espaço de convivência e espaço de criação (Quinhões, 1995), além de ser local de fortalecimento de práticas de leitura através dos serviços e recursos que disponibiliza e democratiza como prática cultural pública.

Nossa proposta de aproximação e estudos da história da Biblioteca Municipal de Valinhos Dr. Mário Correa Lousada está inserida neste campo de investigação, contribuindo para o crescimento desta linha de pesquisa e do conhecimento da história do livro e das práticas de leitura no Brasil.

A Biblioteca Municipal de Valinhos, criada em 1971, ainda tem importância especial por ser a única biblioteca pública da cidade, atendendo uma população de pouco mais de 100 mil habitantes, além de 56 escolas públicas, 25 particulares, uma faculdade com 7 cursos superiores e 17 cursos de pós-graduação e escolas técnicas (SESI, SENAI e Escola de Comércio) – dados disponíveis do site da cidade de Valinhos (www.valinhos.sp.gov.br)

LEIS, FOTOGRAFIAS, REPORTAGENS E ENTREVISTAS:

SE APROXIMANDO DE UMA HISTÓRIA

Iniciamos esta proposta partindo do conhecimento das dificuldades e impossibilidades de conhecer e entender o passado em sua inteireza e completude. Porém, levamos em conta que poderíamos produzir sentidos sobre ele, em seus fragmentos e incertezas (Lopes e Galvão, 2001), nos vestígios deixados nos objetos e nos lugares pelos homens ao longo do tempo.

Para Certeau (2002), toda produção de uma história é prática de um sujeito ou grupo social datado e situado em um espaço de regras e procedimentos, de liberdades e movimentações, superação de condições impostas e construções de inteligibilidade. Escrever a história (de um lugar) é articular sujeitos, objetos, práticas e discursos em suas relações com a cultura, política, sociedade e que, por isso, sugerem sentidos diversos para este espaço que se investiga e se quer conhecer. Escrever sobre o que se pesquisa tem sido também desafio de registro e de interpretação porque “fazer história é escrever a história: É nesta fronteira mutável, entre o dado e o criado, e finalmente entre natureza e a cultura, que ocorre a pesquisa”. (Certeau, 2002, p. 78).

Nessa direção, produzir uma pesquisa é registrar e problematizar, é construir uma inteligibilidade pelas marcas deixadas no documento, pelos sintomas daquilo que o produziu, pelo conhecimento de que o saber do historiador será marcado pelo que está no (seu) tempo (Certeau, 2002). Escrever história é gerar/fabricar um passado, é construir uma narrativa no presente de algo possível de ser (re) vivido, (re) conhecido, (re) projetado, a

partir de questões colocadas ao próprio material pelos pesquisadores e de indícios que tal material apresenta.

Esse é um desafio que elege como fontes documentais escritos, atentando-se ao discurso e a sua fabricação, como nos coloca Certeau (2002), mas também fontes documentais orais e iconográficos.

Nesse sentido, aproximamo-nos da história – de um espaço, de uma comunidade, de objetos -, pelas fontes documentais que nos incitam questões e nos sugerem interpretações, nem sempre expostas com facilidade e nem dispostas de forma organizada à espera das nossas intenções de pesquisa.

A busca pelas fontes para a escrita deste trabalho sobre a Biblioteca Municipal de Valinhos “Dr. Mário Corrêa Lousada” se deu por “caminhos sinuosos” (Goulart, 2009) e caminhos traçados passo-a-passo, ou melhor, uma fonte encontrada remetia a outra, punha em xeque outra (s), alguém ou uma informação se ligava a outra etc. Goulart (2009), em sua dissertação de mestrado, afirma que a pesquisadora se forma, se faz junto com a pesquisa, de modo que uma faça parte da outra e ambas se desenvolvem durante o processo.

Particularmente, essa pesquisa em que buscamos a aproximação deste espaço de leitura, tem para mim um significado especial, de modo que ela é um pouco daquilo que sou e foi muito importante na formação da leitora que sou hoje. Valinhos é a minha cidade de origem, é onde morei a maior parte de minha vida. Essa biblioteca é um espaço familiar para mim. Nele, as pesquisas escolares foram feitas, livros infanto-juvenis foram retirados, emprestados e lidos em casa, principalmente, nos períodos de férias escolares.

A esse interesse pessoal foi agregado o fato desta ser a única biblioteca pública da cidade. Enquanto tal, representa um espaço de informação, espaço de convivência e espaço de criação (Quinhões, 1995), além de ser um local de fortalecimento de práticas de leitura através dos serviços e recursos que disponibiliza e democratiza como prática cultural pública.

Porém, essa pesquisa da forma que está sendo desenvolvida surgiu como decorrência de outros objetivos inicialmente pensados. Em princípio, pretendíamos investigar a importância da literatura infantil a partir da presença deste gênero no acervo desta Biblioteca. Qual espaço era destinado aos livros infantis, qual a quantidade e diversidade das obras literárias, quais as formas de acesso a estes livros?

Em uma primeira visita à Biblioteca para obter informações para elaboração deste projeto, constatamos uma total ausência de documentos que pudessem contar a criação e constituição deste espaço ao longo do tempo. A Biblioteca nada tinha sobre sua própria história.

Nosso interesse, então, voltou-se para a escrita dessa história e do desejo de ir em busca de possíveis documentos espalhados, “perdidos”, “esquecidos” por diferentes locais da cidade. Escrever uma história – de um espaço – que poderia trazer a história do projeto que o criou, das pessoas nele envolvidas, de ideários, valores e práticas em torno da leitura e do livro. Possibilidades de aproximação de reconstituição de leitores, da constituição do seu acervo, dos seus idealizadores etc.

Conversas com a antiga e atual bibliotecárias deste espaço, nos abriram as portas, pois encontramos, na própria Biblioteca, uma pasta com recortes de

jornais do período de 1970 a 2010, da qual não havíamos tido informação num primeiro momento.

Muitos desses recortes se referiam ao início da Biblioteca: à Campanha pela sua inauguração, à formação de uma Comissão para sua formação, à doação dos primeiros livros e à própria inauguração em si. Em um primeiro momento de nossa pesquisa, esse início da Biblioteca seria o nosso foco, buscando entender por que, por quem e para que ela fora criada.

Isso nos leva ao segundo período da busca, caracterizado pela procura de materiais muito específicos e por uma inevitável decepção. Imaginamos que todo esse início precioso da Biblioteca (primeiras discussões, primeiras ideias, primeiras ações) pudesse estar descrito e registrado em atas de reuniões da Câmara Municipal e da Prefeitura, desde a apresentação do projeto, formação da Comissão, até a aprovação da lei e inauguração. Percebemos que buscávamos materiais antigos (de até 40 anos atrás); esses materiais que quando – ou se – existiram foram registrados em cadernos e papéis que se deterioraram e se perderam através do tempo.

Outra informação que percebemos ser muito relevante em nossa busca é que, há 40 anos, na época da formação e inauguração da Biblioteca, Valinhos era uma pequena cidade, no interior do estado, que há poucos anos havia se emancipado, deixando de fazer parte de Campinas. Naquela época, todos na cidade se conheciam e a fala de pessoas importantes (como por exemplo, o Dr. Mário Correa Lousada, idealizador da Biblioteca) valia muito mais do que registros no papel. Dessa forma, muito (se não tudo) que foi discutido durante a idealização e concretização da biblioteca nunca foi registrado por escrito.

Com essas constatações, entramos no terceiro e último período de buscas. Conscientes de que não encontraríamos tudo o que gostaríamos, iniciamos uma busca por pessoas envolvidas nessa história. Buscamos conversar, num primeiro momento, com o Sr. Luis Bissoto, prefeito da cidade na época da inauguração. Ele nos indicou algumas pessoas, na própria Prefeitura e na Câmara Municipal que, por trabalharem nesses locais há mais tempo, poderiam auxiliar na busca de materiais. E foi a partir dessas pessoas que encontramos algumas leis relacionadas à Biblioteca, em diferentes momentos de sua história.

Conversas informais e uma entrevista gravada com a antiga bibliotecária Roseline D'Ávila nos levaram a recortes de jornal de datas anteriores à inauguração e a fotografias de diversas épocas, registrando os vários momentos da Biblioteca, além de memórias, lembranças, sentimentos e opiniões de seus mais de 35 anos de trabalho como bibliotecária.

Uma entrevista gravada com a atual bibliotecária, Márcia Martinez, nos levou a conhecer melhor a biblioteca da forma como ela é hoje.

Deste modo, esse terceiro período de nossa busca se caracteriza não pelos documentos que gostaríamos de encontrar, mas pelos materiais concretos, sejam eles orais, escritos ou iconográficos. E foram esses materiais que nos deram a possibilidade do registro da história da Biblioteca Municipal de Valinhos “Dr. Mário Correa Lousada”.

Essa busca nos levou ao entendimento daquilo que Lopes e Galvão (2001) afirmam sobre a busca por fontes. A seleção das fontes para pesquisa não é feita apenas pelos pesquisadores, mas também por “aqueles que produziram o material, pelos que o conservaram ou que deixaram os rastros de

sua destruição – intencional ou não –, por aqueles que o organizaram em acervos e pelo próprio tempo” (pág. 79). Nós, como pesquisadoras e historiadoras, só temos conhecimento daquilo que o passado quis que fosse memorável e pela perspectiva daqueles que o produziram.

Rastrear fontes documentais, perguntar a elas, articular representações em torno da Biblioteca, em vários momentos de sua formação (criação, mudanças, instalação e funcionamento atuais) pelas vozes escritas ou não das pessoas envolvidas, são alguns dos procedimentos metodológicos dessa pesquisa.

Durante a pesquisa por fontes e dados para a escrita da história da Biblioteca Municipal, descobrimos a existência de uma outra Biblioteca na cidade de Valinhos, anterior a esta que é nosso objeto de pesquisa. Buscamos portanto, saber um pouco mais sobre ela; entender melhor que tipo de Biblioteca era aquela. Como e por que ela surgiu? Com qual finalidade? E o que mais nos inquietava: por que ela não existia mais? Encontrar informações ou pessoas que se lembrassem desta biblioteca foi muito difícil, e isso nos inquietava. Se não fosse por uma publicação em uma revista, uma lei de criação e as lembranças de um bibliotecário, essa Biblioteca já teria sido esquecida.

Este bibliotecário, que tivemos a oportunidade de entrevistar, é João de Oliveira Souza; na época em que essa primeira Biblioteca surgiu, ele trabalhou nesta função. Ele pôde nos contar o que se lembrava sobre seu surgimento, seu funcionamento e seu fim. Suas lembranças também foram complementadas pelas informações dadas em entrevista com Roseline D’Ávila.

Desta forma, não apenas uma, mas duas histórias de Bibliotecas são contadas nesta pesquisa.

Conforme Chartier (1996), as representações são modos como determinada realidade social é construída em diferentes lugares e momentos. Determinadas pelos interesses de grupos que produzem essas representações, elas não são discursos neutros, mas se situam num campo de concorrências e de competições, de poder e dominação.

Tratar os documentos como algo produzido pela linguagem (escrita, oral, iconográfica) no jogo das representações é entender que a história desta Biblioteca não é reflexo do que foi dito e escrito sobre ela, nem correspondência direta do real dos fatos que a envolveram.

Ainda falando sobre as fontes levantadas e estudadas para a escrita desta história da Biblioteca Municipal de Valinhos, vale destacar que tanto as fontes escritas quanto as fontes orais e iconográficas devem ser interrogadas não apenas pelo que registram. Como pesquisadores, devemos “desconfiar” de que não há como garantir se quem escreveu determinado documento ou reportagem realmente partilhava daquela opinião (Thompson, 1992) e até que ponto estava nela envolvido. Da mesma maneira, “muita vezes os entrevistados falam o que imaginam que devem falar para aquele interlocutor específico, sobre o qual criam expectativas e ao qual atribuem determinados valores” (Lopes e Galvão, 2001, pág. 89).

Bakhtin (2000) se aproxima deste pensamento ao afirmar que

O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior da esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra ‘resposta’ é empregada aqui no sentido lato):

refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição *definida* numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições. (p. 316, grifo do autor).

Como fontes orais, optou-se por entrevistas semi-estruturadas, nas quais levávamos algumas questões previamente elaboradas e deixávamos que os entrevistados falassem à vontade sobre elas. Às vezes, acrescentávamos algumas outras perguntas que o próprio relato da entrevistada nos incitava. Por sua vez, usar da entrevista como coleta de depoimento possível pela História Oral permitiu que, especialmente, as bibliotecárias expressassem suas opiniões e, por meio delas, a possibilidade de captar a percepção que cada uma tem daquele espaço e de si mesmas dentro dele, além de conhecer aspectos da história da Biblioteca desde sua criação, mudanças de prédio, aquisição de acervo, pessoas envolvidas em suas diferentes fases, funcionamento atual etc.

Ainda em relação à História Oral e pensando nas entrevistas feitas para o desenvolvimento desta pesquisa, destacamos de maneira especial a que foi feita com a bibliotecária Roseline. Essa entrevista foi um momento de grande importância na coleta de dados devido ao tempo bastante longo – 37 anos – que ela esteve à frente da Biblioteca. Mais do que uma fonte de informações, suas memórias vivenciadas são compostas de sua história de vida, entrelaçada com a história da própria Biblioteca Municipal de Valinhos.

Isso para nós, pesquisadores, é de extrema relevância se for levada em conta a afirmação de Thompson (1992) de que

O processo da memória depende, pois, não só da capacidade de compreensão do indivíduo, mas também de seu interesse. Assim, é muito mais provável que uma lembrança seja precisa quando

corresponde a um interesse e necessidade social” (pág. 153) “esse traço da memória é especialmente importante para o processo da entrevista. (p. 154)

Neste caso, ao nos aproximarmos da história da Biblioteca pelas memórias e lembranças de alguém que esteve tão fortemente envolvido e interessado, buscamos e encontramos uma descrição e um narrar dos acontecimentos em uma outra dimensão.

A entrevista anteriormente mencionada, assim como a entrevista com a bibliotecária Márcia, foram gravadas em áudio e delas foi feita uma transcrição total. A entrevista com João de Oliveira Souza foi transcrita parcialmente, com ênfase nas informações e dados mais voltados para a temática de investigação. Na produção do texto final, alguns trechos dessas entrevistas serão deslocados do todo para compor temas abordados no desenrolar da pesquisa.

Tais entrevistas devem ser consideradas não como “naturais”, mas intermediadas pelas representações que as entrevistadas têm sobre aquela entrevistadora, uma jovem valinhense, pesquisadora da Unicamp, etc. Conforme Ferreira (2001):

(...) a interlocução intermediada por imagens é uma espécie de combinação do que o interlocutor supostamente quer ouvir com aquilo que querem dizer, um discurso elaborado que tende a imaginar uma possível resposta, precaver-se de críticas que possam vir, expressar convicções, desejos, tudo fortemente ligado ao nível intelectual, social, gênero, idade, posição intelectual dos sujeitos envolvidos. (p. 82)

Desse modo, essas entrevistas não podem ser lidas apenas pelos seus conteúdos dizíveis – o que dizem – mas como discursos. Entendendo, aqui, por discursos, o modo de interação e produção social, lugar de conflito e confronto ideológico estritamente vinculado às suas condições de produção.

Nesta perspectiva, também outro tipo de fonte documental de caráter iconográfico foi tratado. Vários momentos foram fotografados, registrando assim pessoas envolvidas – políticos, pessoas da sociedade em geral - leitores, escritores, comerciantes, empresários, escolares, professores – com a Biblioteca. A riqueza e diversidade desse material fotografado também será explorada ao longo do trabalho, não apenas como ilustração. Acreditamos que as fotografias podem completar informações e aspectos não trazidos pelas demais fontes, podem revelar algo a mais daquele tempo e lugar, de modo a dar “vida” ao passado.

Segundo Olga Von Simson,

a tendência, hoje em dia, é utilizar o recurso da fotografia em todas as fases da pesquisa: no registro dos dados, complementando a descrição da situação estudada, como auxiliar na análise de dados da realidade e principalmente na devolução dos dados da pesquisa do grupo social investigado e a um público mais amplo. (Simson, s/d. p.17).

As fotos nos dão uma visão do momento histórico de cada evento registrado, permitindo compor com as narrativas orais dadas pelas entrevistas e as matérias jornalísticas um cenário de fatos que envolveram a Biblioteca. Como as demais fontes, elas não são a história em si. Elas permitem dar uma inteligibilidade à história que queremos conhecer e que só começa quando se problematiza, quando são feitas perguntas a essas fontes (Lopes e Galvão, 2001), quando não as interpretamos como verdades cruas e nuas.

Nosso objetivo, aqui, não é esgotar as perguntas colocadas no projeto de pesquisa, mas explorar todas as fontes, encontradas ou não, ao máximo possível. É conferir inteligibilidade, exercício privilegiado de

interpretação, construção de significados aos fatos recolhidos na documentação, segundo Certeau (2002).

A intenção é compor um conjunto significativo de fontes documentais, cruzadas e confrontadas, complementadas e articuladas, organizadas e distribuídas, em sua diversidade e proximidade, na tentativa de construir uma imagem desta Biblioteca.

Ressaltamos ainda que a forma de explorar e problematizar essas fontes é a de entender que essa história não é única e nem completa. Reconhecemos que olhamos para essas fontes e nos aproximamos dessa história de um lugar, com um ponto de vista, sempre lacunar. E é desse lugar que olhamos para as nossas fontes escritas, orais e iconográficas.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE VALINHOS – 40 ANOS (1971-2011)

UM COMEÇO

A Biblioteca Municipal de Valinhos foi inaugurada em 16 de Janeiro de 1971, cumprindo, dessa forma, a Lei nº 881/70 que “Dispõe sobre a criação da Biblioteca Pública Municipal, e dá providências”. O processo de sua criação parece ter sido longo, trabalhoso e tortuoso e ter envolvido iniciativas diversas de muitas pessoas.

A CAMPANHA

O primeiro vestígio encontrado de que cidadãos “valinhenses” se mobilizaram para a criação da primeira Biblioteca Pública na cidade é de 17 de maio de 1969. Nesta data, o jornal local “Folha de Valinhos” – único jornal impresso e em circulação na época – publicou uma pequena reportagem intitulada “Município pede uma biblioteca”, em sua primeira página.

A reportagem tratava de um movimento estudantil que iniciara uma campanha para arrecadação de livros, solicitando a contratação de uma bibliotecária e sugerindo que, inicialmente, a biblioteca fosse instalada nas dependências da própria Prefeitura (Palácio Independência), para posteriormente ser construído um prédio exclusivo.

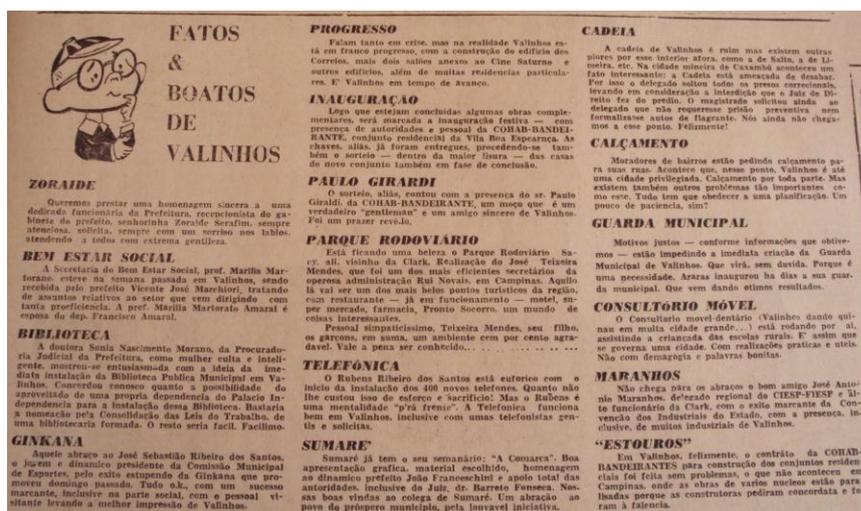
A mídia local demonstrou seu apoio a essa iniciativa, produzindo uma reportagem que divulgou a manifestação dos estudantes ao lado da foto de uma biblioteca, possivelmente de alguma outra cidade :



Na leitura da matéria, pode-se inferir que a criação de uma biblioteca na cidade era urgente e que exigia uma ação necessariamente imediata. Uma urgência que justificaria um início provisório, “em uma das dependências do Palácio Independência – até que fosse possível a construção de um edifício próprio”, e uma posterior melhoria nas condições de sua existência. Seriam condições modestas – livros doados, uma bibliotecária, um espaço “emprestado”.

A “Folha de Valinhos” continuou demonstrando o seu apoio à Campanha ao longo de todo o ano de 1969, trazendo comentários de pessoas nela envolvidas, clamando ações da sociedade de um modo geral, cobrando das autoridades locais atitudes para que a ideia de criação da Biblioteca não esmorecesse. Publicou em suas páginas internas, na coluna intitulada “Fatos e Boatos de Valinhos”, pequenas notas, matérias bem menores do que a primeira reportagem, nas seguintes datas: 24 de maio, 7 de junho, 12 de junho, 5 de julho, 2 de agosto e 8 de agosto. É bastante interessante o fato de que essas notícias apareçam no jornal junto às fofocas, ao lado de comentários sobre festas, apresentações de teatro, aniversários de pessoas importantes da

cidade, entre outras. São matérias sem autoria identificada e oferecem leituras breves e leves de uma escrita informal, discreta. Talvez, seja uma estratégia editorial de fomentar e manter acesa paulatinamente a Campanha, de forma a alcançar um número maior de leitores, conquistando-os para a causa.



Em uma de suas publicações, por exemplo, a de 7 de junho de 1969 – que pode ser vista acima –, o texto comenta a Campanha e o envolvimento de pessoas como a Dra. Sônia Nascimento Morano, da Procuradoria Geral da Prefeitura. Trazer a fala de uma ilustre senhora da sociedade local não só ressalta a importância da criação de uma biblioteca em nome de mais livros e leituras para a comunidade, endossando as idéias defendidas pelo jornal, como também dá a essa fala um estatuto de legitimidade, autoridade, superioridade pela posição de quem diz.

As matérias destacavam as vantagens da criação da biblioteca: material de pesquisa para os estudantes valinhenses, aumento da cultura da cidade, acompanhar o avanço das cidades próximas que também haviam inaugurado

bibliotecas; e chamar a atenção das autoridades da cidade para que valorizassem tal iniciativa e fossem seus principais incentivadores. Em publicação do dia 5 de julho, por exemplo, o autor escreveu: “Temos certeza de que o nosso prefeito, como é do seu feitio, acatará bem esse movimento e tudo fará no sentido de que Valinhos tenha a sua biblioteca pública, uma vez que compromete o valor da educação na vida de um povo.”

O elogio à figura do prefeito – *tal como é de seu feitio* – vem ligado à cobrança nas entrelinhas – *temos certeza; compromete o valor da educação de um povo*. O elogio às avessas significava que o não acatamento a tal movimento implicava em ser ele um mau administrador, um homem público pouco preocupado com a qualidade da educação de seu povo.

Associar a criação de uma biblioteca a uma educação melhor e pôr fim à ignorância, como aparece na “cobrança” feita ao senhor prefeito, é a tônica das matérias publicadas no jornal, neste período. Nelas, a biblioteca na cidade poderia significar mais progresso, modernidade, melhor educação, mais cultura e o peso da responsabilidade da autoridade é mais forte do que toda a iniciativa coletiva já desencadeada.

Essa ânsia, expressa no jornal, por uma biblioteca que trouxesse progresso, melhor qualidade de educação e de cultura, se explica pelo contexto vivido pela cidade daquela época.

O momento em que aconteceu a Campanha para a criação da Biblioteca foi um período de grande crescimento da cidade de Valinhos. Esse crescimento se iniciou na década de 50, quando em 1954 a cidade foi emancipada, se tornando município e não mais distrito de Campinas. As décadas de 60 e 70 foram caracterizadas por um grande crescimento populacional. Segundo o livro

“Valinhos – Tempo e Espaço”, publicado por Mário Pires em 2000, o censo no ano de 1960 indicava uma população valinhense de 18.302 habitantes. Já no censo de 1970, esse número praticamente dobrou chegando a quase 31 mil habitantes. Até o final da década de 70, a população atingiu 50 mil habitantes, sendo predominantemente urbana.

Este crescimento se estendeu também às indústrias que, no final da década de 70, já chegavam a um total de 136, podendo-se destacar a Rigesa Celulose Papel e Embalagens Ltda., a Equipamentos Clark Ltda., e as Indústrias Gessy Lever Ltda, empresas multinacionais e de grande porte. O comércio também cresceu neste mesmo período, alcançando mais de 1500 estabelecimentos.

Neste período do início da década de 70, foi prefeito de Valinhos o Sr. Luiz Bissoto (1970 – 1972), reeleito para o período de 1977 a 1982. Ainda no início da década de 70, foi governador do Estado de São Paulo o Sr. Roberto Costa de Abreu Sodré (1967 – 1971).

Depois destas primeiras publicações sobre a necessidade da criação de uma Biblioteca, houve um período de quase um ano (setembro de 1969 a julho de 1970) no qual não foi encontrada qualquer matéria ou nota que fizesse qualquer referência ao assunto. Apenas em agosto de 1970, a ideia reapareceu em uma matéria grande, de quase meia página da “Folha de Valinhos”, que destacou a existência de uma “Comissão de Literatura e Biblioteca”. O nome dado a essa Comissão – de Literatura e Biblioteca - sugere algo mais amplo do que apenas a função de criação de uma biblioteca com fins mais ligados aos interesses estudantis, como havia sido inicialmente deflagrado o movimento na imprensa no ano anterior. A expressão “literatura”, antecedendo a “biblioteca”

Esta reportagem do jornal trouxe, além das informações sobre a criação de uma Comissão, os nomes dos seus participantes e uma foto com alguns deles. Segundo o jornal, a Comissão era formada por: Amélio Borin (vereador), Telmo Orlando Marchiori, José Sebastião Ribeiro dos Santos, Vicente José Marchiori (que havia sido prefeito no período de 1967 a 1969), Alcides Ladislau Acosta, Ademir Fazani, José Bertarello, Mario Correa Lousada¹, presidente da Comissão, além de sua esposa Zélia Lousada.

Outra foto foi encontrada no acervo pessoal de Roseline D'Ávila – disponibilizado por ela:



Quem são essas pessoas que posam na foto dos anos 70, em frente ao prédio da Prefeitura Municipal de Valinhos, recém inaugurado? Percebemos alguns dos participantes da Comissão de Literatura e Biblioteca (de acordo com a legenda da foto) formada por pessoas que faziam parte da elite valinhense (políticos e ex-políticos, advogados, funcionários da Prefeitura) e algumas mulheres não identificadas, além de D. Zélia Lousada (à direita com vestido branco). Imaginamos que a foto seja um registro de visita da Comissão às autoridades, em busca de apoio para seus objetivos.

¹ Utilizamos a grafia do nome “Lousada” com ‘s’, pois esta é a forma escrita na lei de criação da Biblioteca; porém pudemos encontrar, em algumas fontes, o nome grafado com a letra ‘z’.

Dr. Mário Correa Lousada, o Presidente da Comissão, foi uma figura fundamental na Campanha para a criação de uma Biblioteca Pública em Valinhos. José Spadaccia, em seu livro “Os 100 destaques de Valinhos deste século” (1998), identifica o Dr. Mário como o idealizador da Biblioteca. Roseline Balloni de Andrade D’Ávila, a primeira bibliotecária da Biblioteca de Valinhos, em entrevista em setembro de 2010, contou que

O Dr. Mário era veterinário. No sítio onde ele morava tinha crianças, crianças com dificuldade. Disso saiu a idéia da biblioteca, de dificuldade de pesquisa, dificuldade de fazer trabalhos para as escolas. Então o Dr. Mário trazia de São Paulo, a D. Zélia também trazia revistas, jornais e alguns livros possivelmente, que ele emprestava para leitura. Um pouco de romance, de história do Brasil, um pouco de geografia, matemática, português, as matérias da escola; e com isso ele começou a ter essa idéia, quem sabe, era uma sementinha, que deu frutos, graças a Deus. Mas ele foi precisando conversar, e espalhar para as pessoas. Então começou a frutificar.

Dessa forma, uma campanha, um desejo, uma necessidade antigas se tornaram concretos pelas ações e esforços do Dr. Mário – homem maduro, vindo de uma grande cidade como São Paulo, doutor (veterinário) – que defendendo um maior acesso à leitura, agregou outras pessoas nessa Comissão. Pelo depoimento de D’Ávila é possível pensar que os primeiros propósitos que alimentaram a ideia de criação da biblioteca foram revestidos da necessidade de ajudar as pessoas em suas preocupações cotidianas ligadas às atividades escolares – de estudo, de pesquisa – com “um pouco de romance”, o que significaria uma menor preocupação com a leitura como entretenimento e fruição.

A Campanha e a Comissão contaram ainda com a colaboração das três grandes indústrias de Valinhos, já citadas: Rigesa, Gessy Lever e Clark, representadas por André Delgado, Batista Tasca e Jorge La Torre, respectivamente. Em outubro de 1970, por exemplo, a “Folha de Valinhos”

publicou reportagem anunciando que as empresas e comércio da cidade doaram juntos 8 milhões de cruzeiros para a formação da Biblioteca. Segundo reportagem no jornal interno da empresa Rigesa, “O Rigeseano” (novembro/1970), as empresas doaram grandes valores e se comprometeram a fazer novas doações do mesmo valor nos dois anos seguintes.

Relações sociais e até mesmo pessoais parecem ter colaborado (e muito) para a implantação da biblioteca. Os próprios membros da Comissão usavam de seu capital de relações para conseguir doações junto a órgãos de poder, como embaixadas. Como exemplo disso, pode ser citado o contato estabelecido com o embaixador Francisco Dálamo Louzada, diplomata brasileiro na Itália. (Imaginamos que talvez esse embaixador fosse parente de Mário Lousada, por terem o mesmo sobrenome, mas não conseguimos confirmar tal informação.) Segundo a “Folha de Valinhos”, os primeiros livros para o acervo da biblioteca foram doados por embaixadas da Holanda, Noruega e Itália, provavelmente mediadas pelo embaixador Louzada.

Um outro contato foi o general Cândido Flares Cruz, através do qual a Comissão recebeu doação de livros editados pelo Ministério do Exército, como também informou a “Folha de Valinhos”, de 8 a 14 de agosto de 1970.

Essa relação dos membros da Comissão com os dirigentes do país, em plena ditadura militar, foi muito bem expressa nas palavras do Dr. Mário publicadas pela “Folha de Valinhos” nesta edição de agosto de 1970:

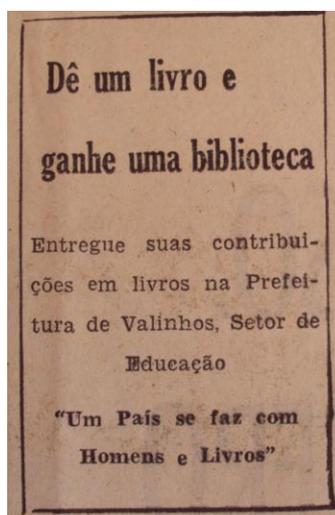
A Biblioteca Municipal de Valinhos, que já está na casa da primeira centena de livros, será inaugurada na Festa do Figo, em janeiro. E, com certeza, teremos a inauguração Sua Excelência, o presidente Médici, que faremos questão de convidar para esse importante dia da história de Valinhos.

Para a Comissão, especialmente para o Sr. Lousada, a criação da biblioteca era um fato histórico tão importante que ela deveria ser inaugurada no mesmo período de realização da Festa do Figo, evento que mobilizava (e ainda mobiliza) toda a cidade. Tamaña importância também justificaria, inclusive, a possível presença do presidente do país em sua inauguração.

O apoio e incentivo clamados pela imprensa à Prefeitura foram traduzidos, segundo depoimento dado por Rose D'Ávila, com a cessão de pessoas para trabalharem na Comissão e na Campanha de arrecadação, porém não houve disponibilização de verba para compra de livros.

Além da colaboração vinda de doações do Ministério do Exército, das Embaixadas e das indústrias valinhenses, a Comissão esforçou-se para mobilizar a sociedade em geral para a Campanha de arrecadação de livros através de cartazes distribuídos na cidade e de anúncios no jornal, conforme matéria divulgada na "Folha de Valinhos", de 8 a 14 de agosto de 1970 :

Os modelos para os cartazes que serão afixados em toda a cidade, elaborados pela nova firma valinhense, a Signo Propaganda, foram apreciados pelos componentes da Comissão. (...) Assim que estiver pronto, será visto em todos os lugares de afluência popular, como armazéns, próprios municipais, escolas, empresas e firmas comerciais, bares, cinemas, bancos, etc.



Durante o ano de 1970, os cartazes foram espalhados pela cidade e a “Folha de Valinhos”, semanalmente, pediu apoio popular publicando em suas páginas pequenos anúncios incentivando doações, em várias edições no mesmo ano de 1970. Junto ao lema cunhado por Monteiro Lobato “um país se faz com homens e livros”, a Campanha insistia no valor da leitura para a construção de um país diferente e moderno.

Não há registro de quanto esse movimento envolvendo os diversos segmentos da sociedade surtiu efeito de fato, e quanto mobilizou camadas da população na composição do acervo de livros.

A EDIGRAF, gráfica e editora local, fez também doações de livros para a Biblioteca. Logo no início do mês de setembro de 1970, o prefeito Luis Bissoto assinou um convênio com a EDIGRAF, cujo objetivo era que esta fosse a responsável pelo movimento de arrecadação de recursos para a Biblioteca junto a comerciantes valinhenses e profissionais liberais. Em colaboração, a gráfica produziu um Diploma de Colaborador Emérito que seria concedido a cada doador.

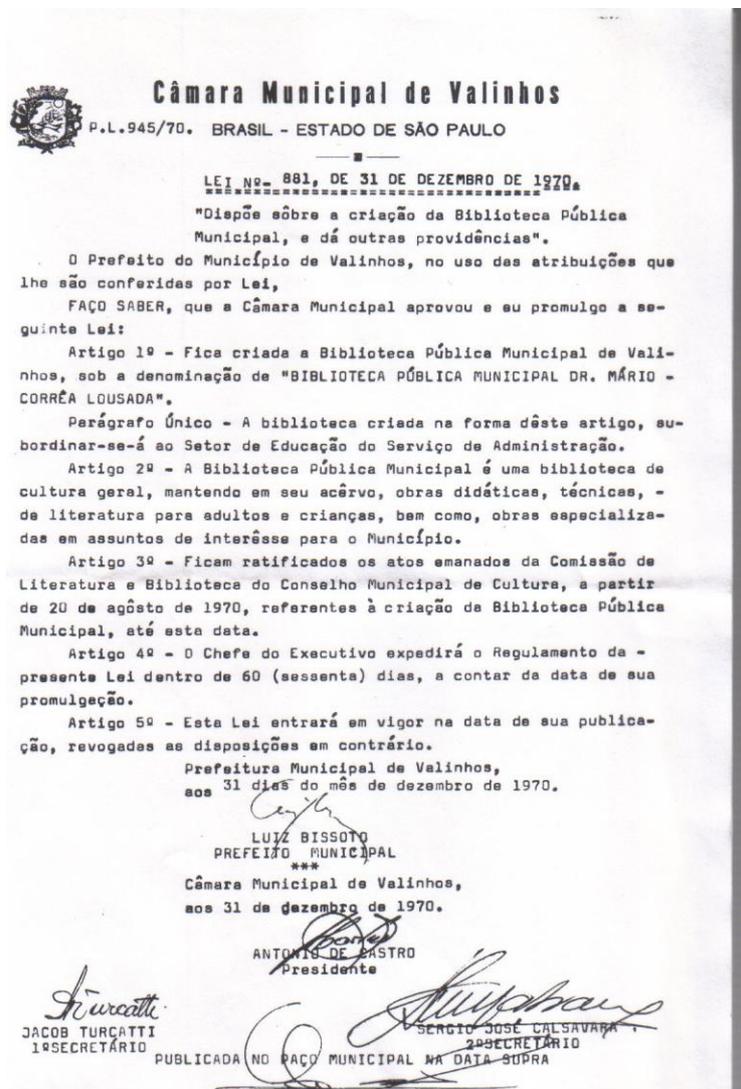
No depoimento de Rose D’Ávila sobre a composição do acervo no início da existência da biblioteca, ela afirma que muitos desses livros eram ultrapassados, estavam fora de uso, não eram de interesse dos jovens estudantes; ou eram livros muito bonitos, de muita presença, porém fracos em relação ao conteúdo. Para ela, isso aconteceu pois a Comissão era formada por empresários e políticos, não havendo professores ou bibliotecários envolvidos na Campanha. O mais envolvido nas questões de educação, e que fazia parte da Campanha, era o chefe do Setor de Educação do município, o Sr. José Sebastião Ribeiro dos Santos.

Apesar de não termos a data exata da votação da Lei, acreditamos que ela deva ter acontecido entre os meses de agosto e outubro de 1970. Abaixo, podem ser vistas duas fotos do acervo de D'Ávila, do dia dessa votação na Câmara Municipal. Vê-se presentes na foto o Sr. Mário Lousada e D. Zélia Lousada, acompanhando todo o caminho para concretização da Biblioteca.



Assinada pelo prefeito Luis Bissoto, em 31 de dezembro de 1970, a lei criou a Biblioteca Pública Municipal de Valinhos e a nomeou “Biblioteca Pública Municipal Dr. Mário Correa Lousada”. O nome da Biblioteca homenageia o idealizador e presidente da Comissão de Literatura e Biblioteca, que falecera

no dia 10 de novembro daquele mesmo ano. A data de seu falecimento, anterior à inauguração, não permitiu que ele visse seu ideal concretizado.



A Lei dispõe sobre a criação da Biblioteca Pública Municipal e dá indicações sobre o acervo que pretende oferecer à população: obras de cultura geral, didáticas, técnicas, literatura para adultos e crianças e especializadas de interesse para o Município. Acervo de caráter diversificado, que pressupõe também um público diversificado (jovens, crianças, estudantes, comunidade em geral etc), com finalidades também diversas (desenvolvimento da cultura,

acesso às informações, fruição etc). Nada dispõe, porém, sobre verba ou construção de espaço próprio, ou ainda contratação de bibliotecária. Ratifica ainda as ações da Comissão de Literatura e Biblioteca, valorizando assim o papel desempenhado por ela. Retira-a do Conselho Municipal de Cultura, passando a subordinar-se ao setor de Educação, o que lhe dá um caráter anteriormente e insistentemente divulgado no momento da Campanha da criação, de que a biblioteca seria um espaço precioso para os estudantes valinhenses.

Assinou a Lei o prefeito Luiz Bissoto, ao final do seu primeiro ano de mandato (ele assumiu no início de 1970, a lei foi, portanto, assinada em 31 de dezembro de 1970).

A INAUGURAÇÃO

Conforme previsto pela Comissão, a Biblioteca foi inaugurada em 16 de janeiro de 1971, estando a cidade em ambiente festivo com a realização da Festa do Figo (que ocorre até hoje), no período de janeiro, mês do padroeiro da cidade (São Sebastião) e de maior produção de figo. O evento trazia pessoas da região, apresentava os agricultores da cidade, especialmente, os chacareiros cultivadores de figos; promovia shows com a Banda Municipal, leilões e barracas de artesanato e comidas locais eram espalhadas na praça Washington Luis, tendo o patrocínio e colaboração da Prefeitura Municipal e da Secretaria da Agricultura. Era o momento propício para incluir na programação do evento também um outro evento importante na cidade: a inauguração da Biblioteca Pública Municipal.

Uma inauguração “improvisada”, que buscava cumprir com uma data anteriormente prevista (16 de janeiro de 1971) e que tinha tido aprovação legal apenas quinze dias antes (31 de dezembro de 1970). O prédio onde seria instalada a biblioteca estava localizado em uma esquina da rua Antonio Carlos, mesma rua da Prefeitura Municipal. A biblioteca dividiria o espaço com a Agência dos Correios, sendo instalada no andar superior do mesmo prédio. A entrada da biblioteca estava direcionada ao Largo da Matriz São Sebastião.



O nome “Biblioteca Pública Municipal” foi cunhado em letras maiúsculas e largamente distribuído por toda a parede lateral do prédio, dando visibilidade aos transeuntes e indicando a porta de acesso ao público, conforme pode ser observado na foto acima.

Na ocasião da inauguração, o acervo de livros já era de 1551 volumes – doados e comprados com a verba arrecada com a população –, quantidade suficiente para a constituição do primeiro acervo da biblioteca.

Mas havia necessidade de alguém que montasse a biblioteca para que ela pudesse ser inaugurada e colocada em condições de ser aberta ao público.

Em clima de aceleração para sua inauguração, o prefeito Luis Bissoto, através de uma indicação feita por Tania Cruz, convidou Roseline D'Ávila para organizar o espaço da biblioteca, em um prazo de menos de um (01) mês. Não havia verba prevista e nem suficiente para a contratação de uma bibliotecária já formada, por isso segundo D'Ávila:

ele [o prefeito] queria alguém para montar e inaugurar a biblioteca. Na realidade ele não pretendia fechar a biblioteca, mas também não pretendia colocar uma bibliotecária formada, porque era muito caro para a época para a prefeitura. Eu era recém formada e trabalhava em Campinas na biblioteca do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos.

O desafio de Rose seria assumir uma biblioteca que não tinha estantes para organizar os livros, nem mesas e cadeiras para os leitores e bibliotecária, ou mesmo tapetes e outros móveis para o seu funcionamento. Assim, em seu depoimento, ela lembrou as condições improvisadas para aquele momento:

Então, através do meu contato quando eu fiz os estágios, eu consegui as estantes emprestadas, para nós podermos inaugurar a biblioteca na data prevista pelo governo municipal. Então eu fui buscar as estantes, fui de caminhão buscar as estantes na Escola de Cadetes. (...) Montamos a biblioteca e sem muito funcionário, porque era perto do Natal, já, então todo mundo estava no trabalho de rua; os homens que poderiam, mas nós montamos, eu também não trouxe muita coisa. Fizemos a biblioteca em viés assim na sala, pusemos uma mesa bonita, umas flores bonitas, eu sempre gostei muito de enfeitar essas coisas assim. Pusemos um tapete bonito e a biblioteca foi inaugurada.

No momento da inauguração, muitas pessoas presentes; e o prefeito leu um discurso enaltecendo o valor do prédio a ser inaugurado, segundo indica a legenda da foto abaixo (também encontrada no acervo pessoal de Rose D'Ávila). Infelizmente, não conseguimos ter acesso a esse discurso.



Ainda segundo o que pode ser lido na legenda das fotos, foi no momento da inauguração da Biblioteca que D. Zélia Lousada, viúva de Dr. Mário Lousada, ficou sabendo que a Biblioteca receberia o nome de seu marido, homenageando-o pela participação que teve em sua criação, mas infelizmente sem poder vê-la concretizada. Ao lado da primeira dama D. Maria Eugênia (de roupa clara), D Zélia agradeceu a homenagem, muito emocionada (foto à direita).

A placa, colocada à entrada da Biblioteca na ocasião de sua inauguração, acompanhou todas as mudanças de prédio ocorridas durante a sua existência e, ainda hoje, pode ser vista em seu saguão de entrada.

Na imagem do discurso do Prefeito Luiz Bissoto, podemos ver, em primeiro plano, homens e mulheres vestidos formalmente; são eles políticos, integrantes da Comissão de Literatura e Biblioteca, ou seja, fazem parte da classe de projeção social e econômica da cidade. Ao fundo da foto, podem ser vistas pessoas com roupas mais simples e também mais jovens, mostrando a participação da sociedade em geral neste importante evento da cidade.

Em fevereiro, mais de um mês depois da inauguração, a Prefeitura deu prosseguimento à implementação da biblioteca em suas acomodações mais definitivas. Talvez a burocracia para liberação de verbas públicas em tão curto tempo, para a compra do mobiliário, possa ter prejudicado a sua aquisição. Também as férias já previstas por Rose impediram que ela pudesse dedicar-se a este trabalho antes de fevereiro. Foi neste momento, então, que novas estantes foram compradas, e as emprestadas foram devolvidas à Escola de Cadetes de Campinas. Segundo Rose D'Ávila: “realmente foi comprada a melhor estante, as melhores mesas, as melhores cadeiras, tanto é que são as que existem até hoje.”

“A BIBLIOTECA DO PADRE”

Vou agora pedir licença e fazer uma pequena pausa na história da Biblioteca Municipal Dr. Mario Louzada para contar sobre outra Biblioteca. Descoberta preciosa ao longo do desenvolvimento desta pesquisa e totalmente inesperada por nós.

Em busca por fontes da história da Biblioteca Dr. Mário Correa Lousada nos documentos oficiais da Prefeitura Municipal, especialmente a Lei de sua criação, encontramos não apenas uma, mas duas leis, com um período de 10 anos entre elas: Lei nº 271/60 e Lei nº881/70.

O que pode ter significado uma Lei de 1960, não citada e nem referendada na segunda? Havia outra Biblioteca Pública na cidade? Ela realmente existiu? Por que ela não mais existe? Como e por que ela fora criada? Por que criar outra lei se já havia uma? Perguntas como essas nos instigaram a outra investigação e nos levaram a um conhecimento da história da cidade em relação à Biblioteca antes da Campanha e da Biblioteca “Dr. Mário Correa Lousada”, que julgávamos não existir.

Assim, muitos anos antes de acontecerem as primeiras iniciativas para formação de uma Biblioteca Municipal, parece ter existido na cidade, a “Biblioteca Pública Paroquial”. Segundo informações da Revista Comemorativa do Centenário da Paróquia São Sebastião, “em 20 de agosto de 1949 acontecia, na sede na União dos Moços Católicos – UMC, a primeira reunião objetivando a formação da Biblioteca de Valinhos, oferecendo leituras benéficas e úteis, elevando dessa forma a cultura da população, principalmente dos jovens.” (2000, p. 42)

João de Oliveira Souza, que veio a ser o bibliotecário da Biblioteca Paroquial, conta que não participou das reuniões para organização. “Esse foi um movimento com as pessoas que já conheciam a importância de instalar a Biblioteca, de desenvolver a cidade.” Segundo contou Sr. João,

Um dos motivos que apareceu a Biblioteca e também o cineminha, foi a partir da catequese. O padre Bruno criou uma ficha, que as crianças que participavam normalmente da catequese, a cada aula recebiam uma ficha, uma senhazinha. Acumulando isso, dava direito de vir participar do cineminha, de graça, e participar da biblioteca também.

Da mesma maneira que a Biblioteca Dr. Mário Lousada, a iniciativa partiu de um grupo de pessoas da cidade, mas agora ligadas ao movimento católico, daí sua nomeação: Biblioteca Pública Paroquial. Seus propósitos também foram marcadamente distintos dos da outra biblioteca. Esta propunha oferecer “cultura à população”, mas isso passava pela escolha de “obras benéficas e uteis” na formação principalmente dos jovens. Se fosse possível uma consulta aos arquivos possivelmente ainda guardados na Secretaria Paroquial, poderíamos tentar nos aproximar da visão desta Comissão sobre o que significaria “obras de formação cultural benéficas e úteis”. Imaginamos que se tratasse de uma qualidade de leitura, que fosse cuidada e selecionada, buscando não desvirtuar os leitores do caminho do Bem. Talvez a Comissão, e a Igreja Católica de maneira geral, buscassem evitar que um público maior tivesse acesso a determinados livros que pudessem ser nocivos a olhos despreparados.

Em 19 de março de 1950, após diversas reuniões da UMC e do pároco Pe. Bruno Nardini, num período menor do que um ano, o espaço foi inaugurado, nomeado como “Biblioteca Pública Paroquial Embaixador Macedo Soares”, e ela foi instalada à rua Cândido Ferreira, nº 116. Ainda segundo a

Revista do Centenário, a Biblioteca era coordenada por uma equipe tendo à frente o Pe. Bruno Nardini, Antonio Bissoto como presidente, Sidney Barbosa de Oliveira como secretário, José Yamashita como tesoureiro, João de Oliveira Souza e Jorge Kellesli Abib como bibliotecários, além de um conselho fiscal formado por Joseida Concon, Nair Leme e Leonor Amstalden.

Portanto, temos uma Comissão com cargos identificados, com bibliotecários e até conselho fiscal, mas pouco sabemos sobre quem eram esses integrantes e que funções e cargos ocupavam na cidade. Nenhum dos integrantes desta Comissão apareceu também na Comissão da Literatura e Biblioteca de 1970 e nem teve seu nome comentado nas matérias consultadas por mim no arquivo da “Folha de Valinhos”. Apenas um nome chama atenção – Antonio Bissoto como presidente da comissão - que era pai de Luiz Bissoto, que seria o prefeito que assinou a Lei e inaugurou a Biblioteca Municipal de Valinhos. Também pode-se identificar o Pe. Nardini como o idealizador e responsável pelas primeiras Festas do Figo realizadas na cidade.

O nome dado à biblioteca – Biblioteca Pública Paroquial – marcava a sua “filiação” religiosa e sua coordenação pela paróquia da cidade, ainda que trouxesse como homenagem o nome do embaixador “Macedo Soares”. Que ligações um embaixador teria com a criação de uma biblioteca em uma cidade do interior de São Paulo, ainda no início da década de 50, é para nós, até o momento, uma incógnita.

Segundo depoimento de Rose D’Ávila, essa biblioteca estava instalada em uma casa que era da Prefeitura, o que mostra que a sua criação não foi totalmente desvinculada do poder público ou de colaboração da Prefeitura. Na casa, ficava a sede da UMC (União dos Moços Católicos); e uma das salas foi

transformada em Biblioteca, segundo contou João de Oliveira Souza em entrevista.

Era uma sala dentro do prédio da União dos Moços Católicos, porque lá eram oferecidos cursos, teatro. Cultura, né. E, encontros festivos, reuniões, dos Marianos, das congregações. Lá se reuniam pra assembléias, reuniões e pra festas também. E essa sala foi temporariamente um escritório para esse movimento, antes de ter sido instalada a Biblioteca, era um escritório. Mas estava instalada prateleira de madeira na volta inteira [da sala], uma mesa bem grande de escritório, todos os livros que conseguiram. Acredito que tenha sido influencia dessas pessoas com ligação política, com pessoas do Estado. A biblioteca era mantida por um Instituto Nacional do Livro, parece que mandavam livros anualmente, porque a Biblioteca pelo fato de ter sido registrada tinha direito.

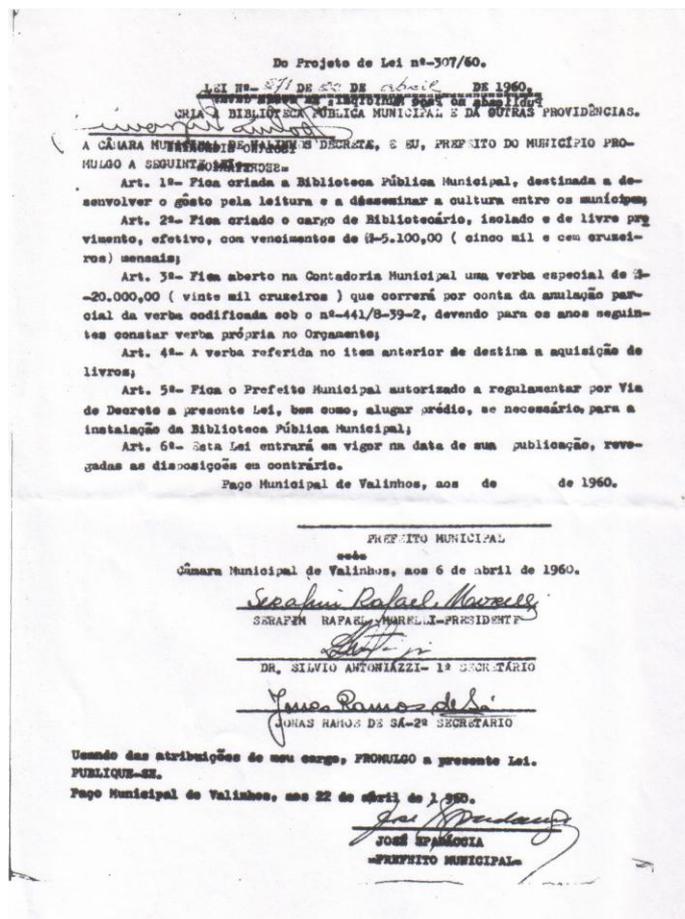
Sr. João contou que todos os livros da Biblioteca eram registrados em um caderno grande; o responsável por esses registros era Sidney Barbosa, o secretário.

Tinha vários tipos de livro: romance, aventura, bastante coisas infantis, religioso também. E todos os livros ganhavam um número. Por ordem numérica crescente, e era registrado naquele caderno, naquele livro. Então eles me deram as instruções: é muito fácil, porque nesse livro tem o registro de todos os livros. E em um outro livro eu anotava o nome das pessoas, lá estavam registrados o nome das pessoas que faziam cadastro. Então a gente anotava o nome e confirmava na lista se era ele mesmo. E no caderno de movimento de livros, a cada dia que se abria: o nome, a data e o livro que levou. E dava recomendações para conservar. A criança nem sempre conserva o livro e a gente sofria um pouco com isso. Então era isso anotava o nome a data. E tinha um prazo para devolver, acho que era dois dias, dois ou três dias para devolução. E então verificava, dava baixa.

Na sua entrevista, Roseline D'Ávila afirmou que descobriu sobre esta lei (que cria uma Biblioteca em 1960) por acaso, muitos anos depois da criação da Biblioteca Municipal. Outras pessoas também questionadas sobre o assunto (Nilson Mathedi, da Câmara Municipal; João de Oliveira Souza – bibliotecário da Biblioteca Paroquial, por exemplo) deram informações não muito precisas. Para eles, talvez a lei assinada em 22 de abril de 1960 tenha sido uma forma de oficializar a Biblioteca Paroquial na cidade. Talvez o nome mudado de “paroquial” para “municipal” fosse responsável pela existência de duas

bibliotecas sob responsabilidades distintas (religiosa e laica), com finalidades também diversas, num jogo de poder marcado por momentos históricos muito diferentes, ainda que próximas na nomeação “bibliotecas públicas”. Ainda, o fato das duas Leis que dispõem sobre a criação dessas bibliotecas terem sido assinadas por prefeitos José Spadaccia e Luiz Bissoto, de mesmo partido, porém em momentos diferentes (com distância de 10 anos entre elas); talvez, cada um deles queira ter marcado seu nome e sua trajetória na criação de um espaço cultural importante para a sociedade e fortemente reivindicado por ela.

Também não localizamos vestígios de funcionamento desta biblioteca, dos seus leitores, do envolvimento maior da população com a sua implementação ou composição do acervo. O que pudemos perceber, nas entrevistas feitas, foi que o Projeto Lei nº 271/60, assinado em 06 de abril e transformado em lei em 22 de abril do mesmo ano ficou apenas no papel. (Além da Biblioteca Pública Paroquial, não encontramos vestígios de outra biblioteca na cidade no período de 1960 a 1968. Apenas em 1969, a ideia de criação de uma Biblioteca para a cidade foi impulsionada – segundo pode ser lido no capítulo anterior.)



Vale a pena observar o objetivo da Biblioteca, expresso na Lei: “destinada a desenvolver o gosto pela leitura e a disseminar a cultura entre os munícipes.” Já na década de 60, portanto 10 anos antes da criação da Biblioteca Dr. Mário Lousada, pensava-se na Biblioteca como forma de transmissão da cultura, de progresso da cidade e de seus cidadãos.

Essa ideia vai ao encontro do que foi publicado na Revista Comemorativa do Centenário da Paróquia sobre o objetivo de elevar a cultura da população valinhense. A Biblioteca auxiliaria na criação de um “gosto pela leitura”, ao oferecer aos leitores “leituras benéficas e úteis”.

Essa foi uma marca da criação de Bibliotecas nesta época. Pesquisas semelhantes a esta, que estudam histórias de Bibliotecas, mostram sua

valorização para o progresso, o benefício e crescimento dos cidadãos que têm acesso à cultura.

Barbosa e José e Silva, ao contar a história da implantação de uma biblioteca pública em Santa Bárbara D'Oeste, afirmaram que

há uma associação direta entre biblioteca, livros e leitura com a idéia de progresso. O local dos livros é tomado como símbolo de desenvolvimento cultural e há nessa concepção valores positivistas implícitos associados aos livros e à leitura. Além de tudo, trata-se de uma exigência do progresso, isto é, dentre as inúmeras realizações materiais já ocorridas na cidade, o progresso impõe uma outra, agora de caráter espiritual: a criação de uma biblioteca. (KARWOSKI e GAYDECZKA (orgs.), 2007, p. 72)

O Projeto de Lei (n. 307/60) transformado em Lei (n. 271/60 e assinada pelo prefeito da época, José Spadaccia, que exerceu mandatos nos anos de 1959 a 1962) pareceu contemplar de forma mais abrangente a Lei que seria publicada posteriormente, nos anos 70 (n. 881/70). Na primeira lei, de 1960, estão dispostas várias condições no momento da criação: finalidade para sua criação (desenvolver o gosto pela leitura e disseminar a cultura); o alcance de seu público (municípios); um cargo efetivo para bibliotecário com um salário já instituído; uma verba prevista no orçamento do município; uso da verba para aquisição de livros, anualmente; prédio para funcionamento. Parece que a política pública, assumida dez anos depois, talvez contida pelas condições econômicas da prefeitura municipal, não conseguiu se comprometer com todas essas indicações previstas na Lei anterior. Bem mais modesta, ela apenas instituiu legalmente a criação da Biblioteca.

No entanto, mesmo com prédio, com comissão formada por cargos bem definidos, com Lei assinada e aprovada, a biblioteca não resistiu por muito tempo. Quando em 1963 assumiu a Prefeitura Jerônimo Alves Corrêa (1963 a 1966), o prédio em que ficava a sede da UMC, passou a ser utilizado pela

Prefeitura como posto de abastecimento. Deste modo, as reuniões e encontros dos Moços Católicos passaram a acontecer no Secretariado da Matriz; e a biblioteca também foi transferida para lá.

Algum tempo depois dessa transferência, o prédio, utilizado agora como posto de abastecimento, foi atingido por um incêndio, mas não existem registros de perda de livros, pois eles já haviam sido transferidos, segundo conta João de Oliveira Souza.

O fato de a biblioteca não ter sido avariada durante o incêndio não significa que ela tenha continuado existindo. Segundo contou o Sr. João, depois de transferida para o Secretariado, ela passou a ser apenas depósito, não recebendo mais visitas ou consultas da população.

A biblioteca parou, ficou fechada, também porque tinha esfriado um pouco o movimento. E eles diziam que a intenção era, futuramente, refazer com outro estilo; o objetivo era o mesmo, mas com outro visual, com outra cara. Para uma situação mais adequada, como era biblioteca, tinha que ser bonita, com uma boa apresentação para as pessoas que iam chegando.

E apesar de, aparentemente, ainda existir, ela foi esquecida, praticamente abandonada. A intenção de reestruturá-la, retomá-la não se concretizou. E tal como a história de muitas outras, a primeira Biblioteca de que temos informações, a Biblioteca Pública Paroquial, acabou sendo praticamente apagada e banida da memória dos moradores da cidade de Valinhos.

UM SÓ NOME, DUAS BIBLIOTECAS

O levantamento de documentos impressos e a coleta de depoimentos orais de algumas pessoas (na tentativa de nos aproximar da história da Biblioteca Municipal Dr. Mário Correa Lousada) nos levaram a construir duas imagens dessa biblioteca marcadas por momentos diferentes durante o período analisado por nós. Uma primeira é aquela que teve como bibliotecária responsável Roseline D'Ávila (1971 – 2003), que funcionou em um prédio específico e esteve subordinada, na maior parte do tempo, à gestão pública de um mesmo partido político na cidade. Uma segunda imagem, mais atual, em que a bibliotecária responsável é Márcia Martinez (2003 – hoje) e que se encontra em um outro prédio e subordinada à administração pública de um partido político distinto do da anterior.

Nesse período de existência da biblioteca muitas coisas mudaram. A população da cidade cresceu, tornando-se cada vez mais urbana, com acolhida de uma grande quantidade de paulistanos e de paranaenses que por motivos diversos vieram para Valinhos. Muitas escolas públicas foram abertas, foram criadas várias escolas particulares (Anglo, Etapa, COC, etc) e uma universidade (Faculdade Anhanguera Educacional), aumentando o público estudantil. O Comércio diversificou-se e o polo industrial também cresceu. Hoje a cidade tem um Auditório Municipal, onde acontecem apresentações de dança e de teatro das escolas e da própria Casa da Cultura, além de peças profissionais. A Festa do Figo, o maior evento da cidade, hoje recebe pessoas de toda a região, com shows, comidas típicas e a tradicional venda de frutas. Tem um espaço especial para sua realização (Parque Municipal de Feiras e

Exposições Monsenhor Bruno Nardini) e é promovida exclusivamente pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal e não mais como inicialmente fora, pela Igreja Católica.

A Biblioteca sob coordenação de Roseline D'Ávila

Durante a pesquisa de documentos e vestígios, pudemos perceber que no período em que Roseline D'Ávila, ou Rose, como é mais conhecida na cidade, esteve à frente da organização da Biblioteca, a história desta se mistura à história de sua vida. Não só porque foi ela que arquivou a maior quantidade de documentos com a memória desta Biblioteca, como também ela demonstra até hoje, em seus depoimentos emocionados, o quanto se dedicou para sua implementação, funcionamento, expansão etc.

Desde a montagem e inauguração da Biblioteca, a figura de Rose esteve à frente dos contatos e das ações que pudessem, em condições adversas, colocá-la aberta ao público.

A biblioteca funcionava das 7h às 11h e das 12h às 19h30; aos sábados das 12h30 às 15h30, segundo reportagem da Folha de Valinhos de 17 de março de 1973. Conforme depoimento de Rose, a Biblioteca funcionava com duas funcionárias e sua organização (horários de funcionamento, principalmente) estava diretamente relacionada à sua vida pessoal.

Naquela época só havia duas funcionárias, a bibliotecária, no caso, eu; e a Luiza de Gasperi que veio para a manutenção e limpeza da Biblioteca, não era nem pra trabalhar comigo. Mas no final, ela era uma menina esperta, de muito boa aparência, era mocinha, mas conhecia muita coisa de Valinhos; eu acabei enrolando a Biblioteca em questão de limpeza. Nós duas fazíamos. Chegávamos, antes, entrávamos, limpávamos rapidinho, porque também era pouquinho o movimento. E aí ela trabalhava comigo, então o que a gente fazia, ela trocava de horário de almoço, pra não fechar a biblioteca. Ela

trabalhava de sábado de manhã e eu trabalhava de sábado a tarde. Eu morava em Campinas, então pra vir no sábado de manhã me complicava um pouquinho; então ela trabalhava. Trabalhamos de graça para o município durante uns 5 anos, sábado de manhã, ela; sábado a tarde, eu. Eu vinha, ela ia embora; não fechava, ela saía, eu entrava. Para que a biblioteca fosse colocada à disposição.

Quando questionada sobre o funcionamento no período da noite, Rose respondeu:

É, eu ficava, mas eu ficava direto. Porque era assim: eu vinha pra Valinhos e o ônibus, antigamente, tinha só alguns horários pra Campinas. Não é que nem hoje, você chega ali e tem 5, 6 tipos de ônibus que vão pra Campinas. Então o que acontecia, eu vinha de manhã, entrava as 8 e meia, saía 1 hora pro almoço; ou eu ficava mesmo, almoçava na própria biblioteca e aí eu trabalhava até as 9, porque ou eu saía às 6 ou eu saía às 9 pra ir pra Campinas. Porque o ônibus era às 6 ou às 9, pra levar os alunos do Ciro de Barros. E eu acabava indo às 9, porque às 6 eu tinha que fechar um pouco antes. E aí eu trabalhei à noite, muitos anos, mas sem remuneração. E a Luiza, eu não sei se a Luiza ganhava alguma coisa, eu não posso dizer ao certo pra você.

O mobiliário comprado no início, logo após a inauguração, permanece o mesmo até hoje. Na década de 1990 (não temos a data exata), a Biblioteca recebeu doação de móveis do banco Banespa, que teve sua agência fechada na cidade. Nos anos 2000 também foram recebidas em doação (de particulares) estantes e uma mesa. Rose conta que as doações foram recebidas de braços abertos; as estantes e móveis foram reformados e melhorados, permitindo assim o aumento de espaço para livros e leitores na Biblioteca.

Parece que com as coisas caminhando rotineiramente, a Biblioteca deixou de ser matéria do jornal a “Folha de Valinhos”. A frequência com que notícias foram publicadas no jornal diminuiu bastante, com “buracos” de anos, em alguns casos. Não se sabe se alguns desses recortes se perderam através do tempo, ou se não foram arquivados, ou se simplesmente não houve publicação por parte do jornal. Das reportagens que puderam ser encontradas

no acervo da Biblioteca, podem ser destacadas algumas com conteúdos relevantes para esta história que estamos escrevendo.

Em 13 de janeiro de 1973, dias antes de completar dois anos de inauguração, o jornal publicou uma reportagem anunciando a Biblioteca como um “patrimônio cultural da cidade”. É interessante destacar certos pontos nesta reportagem que nos ajudam a entender como a Biblioteca era vista na cidade. O autor da reportagem (não identificado) destaca que os livros e coleções encontrados na Biblioteca prestam “um serviço de utilidade pública a todos e, em especial, aos nossos estudantes. Seu acervo mais do que nunca, constitui-se numa espécie de monumento à cultura e à inteligência da gente valinhense”.

Assim é que a atuação da Biblioteca, na mídia e no depoimento da bibliotecária, fortalece a sua imagem como um espaço voltado para os estudantes e como lugar de cultura e de inteligência.

A Biblioteca de Valinhos, embora seja divulgada pelo jornal local, também apareceu esporadicamente no Correio Popular, da cidade de Campinas. Em março de 1973, por exemplo, o Correio Popular publicou uma reportagem intitulada “Biblioteca Municipal de Valinhos vem prestando ótimos serviços!” A reportagem contou que a Biblioteca foi idealizada pelo Dr. Mário Lousada e concretizada no governo de Luis Bissoto; anunciou o seu funcionamento sob a responsabilidade da recém-formada bibliotecária Roseline e afirmou que, na época da publicação da reportagem, a Biblioteca contava com um acervo de 1765 livros. (Mostrando que desde a inauguração o acervo continuou crescendo). Nesta mesma semana de março de 1973, a Folha de Valinhos publicou uma reportagem muito semelhante (se não igual) à publicada em Campinas.

Em julho de 1973, a Biblioteca recebeu uma significativa doação de livros, anunciada pela Folha de Valinhos, de 28 de julho de 1973. A doação foi feita pelas irmãs Edithe, Marina e Odete, da família Costa Magalhães. Segundo a reportagem, foram doados mais de 100 volumes, entre romances, ficções e contos, de autores variados. A doação, recebida pelo prefeito Arildo Antunes dos Santos, em solenidade no Palácio Independência, foi imediatamente repassada à Biblioteca, ainda segundo o jornal.



Na foto, pode-se observar livros em uma enorme variedade (diversos tamanhos, larguras, capas) e em muito bom estado. Não sabemos se os livros foram comprados para serem doados ou se pertenceram ao acervo pessoal dessas senhoras. De qualquer maneira, esses gestos mostraram o envolvimento da sociedade com a biblioteca e uma estratégia de marketing da mídia local para promovê-la.

Em setembro de 1973, foi anunciada pela Folha de Valinhos uma reunião da Comissão de Literatura e Biblioteca, que, segundo o jornal, tinha por

objetivo “incentivar ainda mais o setor cultural de Valinhos”. A iniciativa nos pareceu bastante interessante porque uma Comissão pode colaborar para uma gestão mais coletiva e menos centralizada, com apoio da comunidade em geral. Mas apesar de o jornal anunciar inclusive os nomes das pessoas que faziam parte desta Comissão, Rose D’Ávila, em entrevista, afirma que essas Comissões não vingaram, “nunca saíram do papel”. Talvez os anos 70 – de ditadura militar - não tenham propiciado ações mais coletivas em que a população se mobilizasse através de sua participação em órgãos, entidades, comissões de fiscalização dos bens e serviços públicos,

Em relação à circulação de livros na Biblioteca, apenas em 1976 ela passa a ter uma seção circulante, ou seja, os livros podem ser emprestados e retirados da Biblioteca. Até então, a consulta acontecia apenas dentro da Biblioteca. Rose conta que antes não havia como esse empréstimo ser feito, já que a verba era muito pequena e não havia como fazer carimbos, etiquetas, bolsos e carteirinhas nos livros para identificá-los como livros da Biblioteca e controlar a saída e devolução.

A partir do final de 1976, com a possibilidade de retirada de livros, a Folha de Valinhos anunciou aos usuários-leitores que

é necessário os seguintes documentos para os maiores de 16 anos, a apresentação da caderneta de estudante ou da carteira de identidade, duas fotografias três por quatro recentes e iguais, recibo referente ao último mês da conta de luz, ou água, telefone ou um talão de cheque bancário recente em uso, para provar o endereço do leitor. Para os menores de 16 anos será necessário a apresentação da caderneta de estudante ou certidão de nascimento, duas fotografias três por quatro, recentes e iguais, a presença do pai, mãe ou responsável, munidos de documento (carteira profissional, carteira de identidade ou título de eleitor) para assinar a Ficha de Inscrição, recibo de conta de Luz, água ou telefone para comprovar o endereço. (Folha de Valinhos, novembro de 1976)

Em março de 1977, foi publicada a reportagem “Biblioteca Pública está em pleno funcionamento”. Pode-se ler que, com a volta às aulas nas escolas, cresceu significativamente o movimento na Biblioteca, consonante com os propósitos previstos para o funcionamento dela: atender a clientela estudantil. A reportagem mostrou que a frequência na Biblioteca neste período era de 60 a 70 pessoas por dia, sendo a maioria alunos do SESI e escolas estaduais da cidade. Naquela data, o acervo da Biblioteca somava 4133 volumes, sendo aproximadamente 530 na seção circulante.

Em 1979, começou uma nova campanha na cidade: a Campanha para Arrecadação de Livros para Mini-Bibliotecas. Sob responsabilidade de universitários valinhenses com bolsa de estudos financiadas pela Prefeitura Municipal, o objetivo da campanha era formar “pequeno acervo de livros variados, os quais serão acondicionados em caixas-estantes que percorrerão, em sistema de rodízio, as escolas e postos do Mobral da periferia e zona rural.” (Folha de Valinhos, de 25/08/1979). A arrecadação e organização dos livros e mini-bibliotecas teve o auxílio e apoio da Biblioteca Municipal, em especial da bibliotecária, conseguindo um total de 19 mini-bibliotecas. Não se tem uma lista dos autores e títulos das obras arrecadadas e consideradas interessantes para compor o acervo dessas mini-bibliotecas e nem se este número era suficiente para atender a comunidade estudantil que aumentava muito naquela década. Mas o que se pode dizer é que a ideia deu certo e o projeto mini-bibliotecas nas escolas foi realizado.

Além dessa, outras campanhas foram feitas na cidade para divulgação da Biblioteca e da leitura entre os cidadãos valinhenses. Segundo a bibliotecária, no início, a população, de um modo geral, não estava

familiarizada com este espaço e era comum cenas desse tipo: “as pessoas não entendiam o que era aquele lugar. Elas entravam, olhavam; é pra vender? Muitos ficavam muito bravos porque eu não vendia o livro; porque, não, o senhor vai usar aqui, vai ler. Mas eles não entendiam. Custou muito para o público começar a descobrir o que era uma biblioteca”, conta Rose.

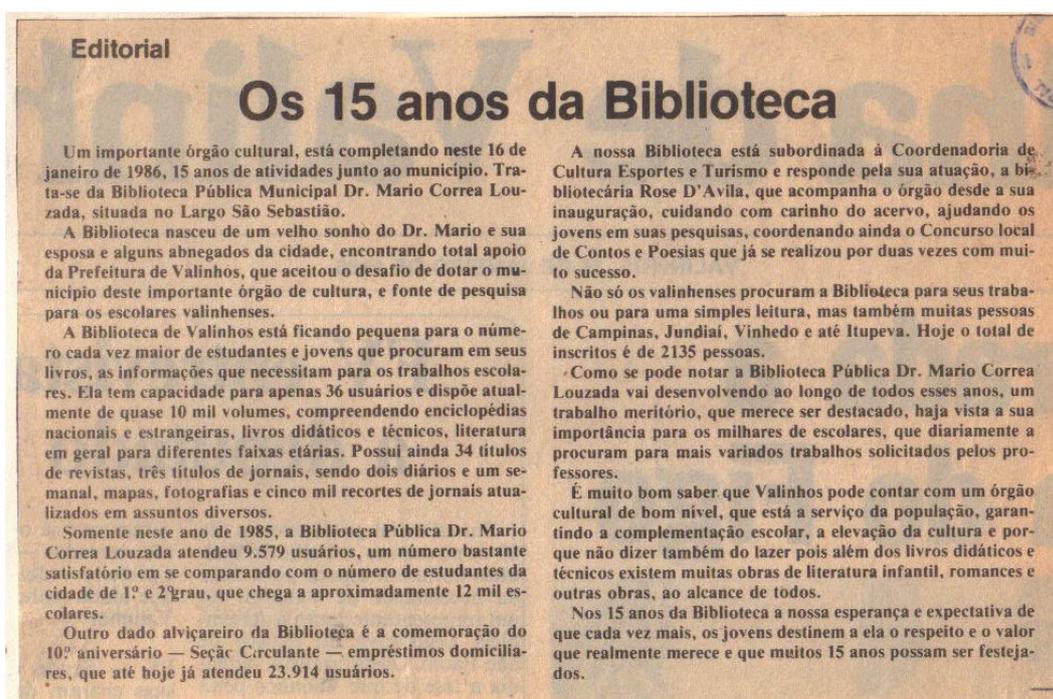
Assim, de um lado, as reportagens do jornal de Valinhos divulgando a biblioteca – espaço da cultura, da inteligência, do saber -, destacando a sua importância, incentivando a população a frequentá-la, conhecê-la, visitá-la. De outro, a bibliotecária dizendo que foram necessárias muitas campanhas para divulgar e chamar as pessoas para frequentarem e entenderem o significado deste espaço:

Na campanha ‘Visite sua biblioteca’; eu fui a todas as escolas de Valinhos e Vinhedo, levando livros e sorteando-os entre os alunos. Tudo de forma a incentivar a vontade de ler, além da curiosidade para conhecer a biblioteca, um local onde se poderiam encontrar todos os tipos de livros. Nessa época, Vinhedo não tinha biblioteca. Aliás, eu tinha mais pessoas de Vinhedo do que de Valinhos frequentando a Biblioteca de Valinhos.

Nesses depoimentos da bibliotecária e no conteúdo das reportagens jornalísticas, é possível inferir que naquele momento houve um discurso em torno da necessidade de “conscientizar”, “educar” a população valinhense para o conhecimento desse novo espaço, com seus rituais, com gestos e comportamentos nele exigidos (emprestar livros, interessar-se por eles, cuidar deles para que outros também pudessem usá-los, compreender o valor da leitura etc.). Uma “conscientização” que ia além do interesse em frequentar a biblioteca, pois passava também por uma educação mais geral, como por exemplo, as campanhas de higiene pessoal desenvolvidas pela Rose no próprio espaço da biblioteca:

o uso da caneta, lava as mãos antes, não cospe nos livros, não passa o dedo, lava, vai ao banheiro, limpa o nariz. Então era uma campanha a criar até de higiene pessoal, que a gente acabava fazendo mesmo dentro da biblioteca. Não que não existisse em casa, mas muitas crianças vinham de sítio, de lugares longe, não sabiam muito bem essas coisas.

Em 1986, a Biblioteca completou 15 anos de existência, e 10 anos de sua seção circulante. A Folha de Valinhos publicou, então, um editorial retomando rapidamente sua história e descrevendo-a naquele momento.



Das informações divulgadas na matéria, chamam a atenção o volume do acervo de livros – são quase 10.000 volumes – e o número de usuários cadastrados, que já ultrapassaram os 2.000.

Também chama atenção neste editorial, a afirmação de que a Biblioteca estava subordinada à Coordenadoria de Cultura, Esportes e Turismo, sendo que na criação da lei, em 1971, ela é subordinada à Secretaria da Educação.

Ao ser indagada sobre essa mudança, Rose D'Ávila não soube afirmar a data exata (“acho que foi no governo do Dr. Vitório [Antoniuzzi – de 1983 a 1988] que a Biblioteca passou da Educação para a Cultura”), mas afirmou que isso ocorreu para que a Secretaria da Cultura pudesse ser criada. “Para se criar a Secretaria da Cultura na época, ela precisava ter três chavões. Ficaram o balé, as artes plásticas e precisava de mais um. Então a biblioteca passou para a Cultura, porque a Cultura precisava de mais um nome.” Segundo ela, porém, essa mudança não trouxe benefícios para a Biblioteca, pois assim como quando ela era subordinada à Educação, não havia uma verba destinada a ela.

Rose afirma também que essa mudança aconteceu porque “a Secretaria da Educação vivia envolvida na educação e a Biblioteca não é educacional, ela é cultural. A biblioteca não ensina a criança; a escola ensina, a biblioteca aperfeiçoa.”

Esta fala sugere a visão da bibliotecária ligada à ideia de que não cabe à biblioteca ensinar a criança a ler e escrever, essa é a função da escola. Para ela, é na biblioteca que os pequenos aperfeiçoarão e farão uso daquilo que aprenderam, terão contato com os livros, tornar-se-ão leitores.

O debate sobre a quem compete a formação do leitor é bastante intenso e complexo e nas últimas décadas tem sido colocado de outra forma. O Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), criado no Brasil, em 2006, por exemplo, é ligado a dois Ministérios (o da Educação e o da Cultura), pois entende que a luta para transformar a qualidade da capacidade leitora e colocar a leitura no cotidiano de todo e qualquer brasileiro, é tarefa de ambos. No campo da leitura, a educação e a cultura se entrecruzam, no sentido de que cada indivíduo se

torna leitor dentro das comunidades que o educa nas formas de ler, nas habilidades, nos gestos, na construção do gosto etc. Nesse sentido, aprende-se a ler e a gostar de ler, simultaneamente, no convívio com os objetos da cultura letrada, com leitores em sua volta, nos espaços destinados a essa prática que é cultural, ensinada e aprendida ao longo de nossas vidas, em diferentes espaços destinados à leitura. Nessa direção, as bibliotecas atuais abrem espaço para que cada vez mais cedo, as crianças possam conviver no ambiente letrado: livros são oferecidos a bebês, crianças que ainda não sabem ler manuseiam exemplares, veem figuras e ilustrações etc., Hora do Conto e encenações de livros com fantoches são realizadas, entre outras atividades.

Por outro lado, a questão das bibliotecas municipais no nosso país tem como característica a dependência que o Setor Cultural tem em relação aos órgãos públicos, isto é, depende da sua aprovação para ter verbas. E a realidade é que poucas verbas são destinadas/aprovadas às bibliotecas criadas, que continuam a funcionar principalmente com doações da sociedade local (leitores, empresas, comércio). A Biblioteca de Valinhos, nesse período, não foge à regra: falta verba pública suficiente para suas necessidades.

Quinhões (1995) reafirma esta precária situação vivenciada nas bibliotecas públicas ao afirmar que, em primeiro lugar, o número de bibliotecas é extremamente pequeno, se comparado à população a que elas são oferecidas. A autora afirma também que esta precária situação das Bibliotecas não diz respeito apenas à falta de recursos econômicos, mas também à falta de instalações adequadas para atendimento de todo o público, e à falta de funcionários com formação e condições de mantê-la em funcionamento.

No caso da Biblioteca de Valinhos, a bibliotecária teve um papel importante. Segundo seu próprio depoimento, grande parte da população valinhense, por viver em áreas rurais ou simplesmente por não ter acesso, não conhecia o que era e como funcionava a Biblioteca. Quem frequentava a biblioteca eram as crianças e adolescentes da parte urbana, principalmente para a realização de trabalhos escolares. Os adultos, porém, pouco conheciam, entendiam ou tinham interesse por aquele espaço. Para mudar essa situação, Rose relata que em uma das visitas que fez a bairros mais afastados para falar sobre a Biblioteca, convidar pais e crianças a frequentá-la e a preencher, se houvesse interesse, as fichinhas de inscrição, aconteceu fato curioso:

Na conversa, um pai pegou a ficha, e atrás estava escrito assim: Obrigações do Leitor. O pai olhou para mim, leu e falou: 'Meu filho não vai ser sócio da Biblioteca, não vai trazer livro, porque isso é campanha para eleição'. Eu, na hora, realmente não entendi. Eu falei: 'Senhor, o que você está lendo aí, que está falando isso pra mim? Olha aqui, Obrigações do Leitor. Leitor é do livro, meu senhor, não é eleitor'. Mas ele falou que não ia deixar porque aquilo estava errado. Então, o que fizemos: recolhemos todas as fichinhas e tiramos tudo aquilo, não com corretivo, porque acho que nem existia na época, mas com uma tintazinha passada assim, com caneta fina. Ficou só 'Obrigações'. Porque a nossa preocupação na realidade é que as pessoas estavam vendo isso como campanha.

Talvez o mal entendido tenha sido provocado porque era época de campanha eleitoral, e as práticas de certos políticos produzem essas interpretações em uma camada da sociedade, muitas vezes, enganada com "presentes" em troca do seu voto. Mas para Rose: "Na realidade, a Biblioteca não era vista como um campo político. Ali, o político não entrava para fazer campanha; ali, o político não podia vir dar santinho; ali, o político não tinha conversa, porque quem frequentava a biblioteca? Eram os menores de 18 anos, os não-eleitores". Porém, como se pode perceber pela situação descrita, nem todos os cidadãos partilhavam dessa opinião.

REGIMENTO INTERNO

No ano de 1988, quando o país ‘ganhou’ sua nova Constituição, a Biblioteca de Valinhos oficializou seu Regimento Interno. Segundo Rose, “em 1988, tivemos que fazer um regimento para entrar na constituição de Valinhos”. E em 1991, quando o Marcos (José da Silva) tomou posse para o seu primeiro mandato, é que o Kiko Ferreira (nomeado Secretário da Cultura) achou necessário regimentar a Biblioteca para regularizar a situação perante o governo do Estado.

Durante 20 anos (1971 – 1991), a Biblioteca funcionou sem um Regimento Interno, provavelmente, com algumas regras e condições construídas no dia-a-dia pela bibliotecária, sob coordenação da Secretaria da Cultura, de forma menos formal.

Os anos 80 foram anos de abertura política, de mobilização da sociedade para realização de ações e projetos, até então silenciados pela ditadura militar no Brasil. Foram os anos em que as primeiras eleições para governador do estado aconteceram com o voto popular e políticos, intelectuais, artistas, população em geral, se juntaram na luta para as “Diretas Já”, movimento que foi às ruas pedindo eleições diretas para Presidente da República. Há um anseio por mudanças, especialmente pela melhoria na escola pública do país, e uma crença de que a educação torna as pessoas mais críticas, mais conscientes, mais cidadãos. É neste contexto, que tal como a Constituição, leis são revistas, regimentos são criados, uma nova maneira de administrar o país é sonhada.

Um Regimento de uma biblioteca, por exemplo, poderia dar a ela o estatuto de órgão público, marcar sua existência legal permitindo repasse de verbas públicas, intercâmbio de ações comuns entre as instituições. O regimento da Biblioteca de Valinhos pode ter tido esses objetivos para ser criado.

Ele é formado por nove páginas, sendo dividido em onze capítulos e vinte e um artigos. E assim, conforme pode-se ler, o Regimento regula, ainda: a finalidade da Biblioteca; as funções do bibliotecário e dos auxiliares; o horário de funcionamento; as condições para se registrar como sócio, além dos direitos e deveres; condições colocadas aos leitores para empréstimos e devoluções de livros; penalidades aos leitores em casos de danificação, atraso ou perda de livros; orientações para que a ordem seja mantida na Biblioteca.

Pudemos perceber que o Regimento Interno apresenta informações que se esperava encontrar na lei de criação da Biblioteca (lei nº881/70): ele vem reforçar e complementar aquilo que a lei deixara de explicitar. Nos Artigos 1º e 2º (Capítulo I), por exemplo, são retomadas as afirmações da lei sobre a denominação da Biblioteca e sua constituição de cultura geral (com obras didáticas, técnicas, de literatura, além de obras especializadas em assuntos de interesse do Município). A finalidade da Biblioteca é outro exemplo de informação ausente na lei, mas que parece explicitada no Artigo 3º do presente Regimento:

A finalidade da Biblioteca Pública Municipal Dr. Mário Correa Lousada é proporcionar ao público em geral, através das seções de referência e empréstimo domiciliar, uma ambiente favorável à formação do hábito de leitura, ensinar o uso dos livros visando a pesquisa e educação individual, proporcionar a oportunidade para o desenvolvimento social, aprimoramento intelectual e horas de prazer, através de livros de leitura recreativa.

Até então, pelos depoimentos e reportagens publicadas no jornal local, a Biblioteca era marcada como um espaço voltado principalmente ao público estudantil. O Regimento amplia essa concepção da biblioteca. Pensa-se no leitor de uma forma geral; há uma preocupação na formação do indivíduo: educação individual, desenvolvimento social, formação de hábito de leitura, aprimoramento intelectual, além de entretenimento.

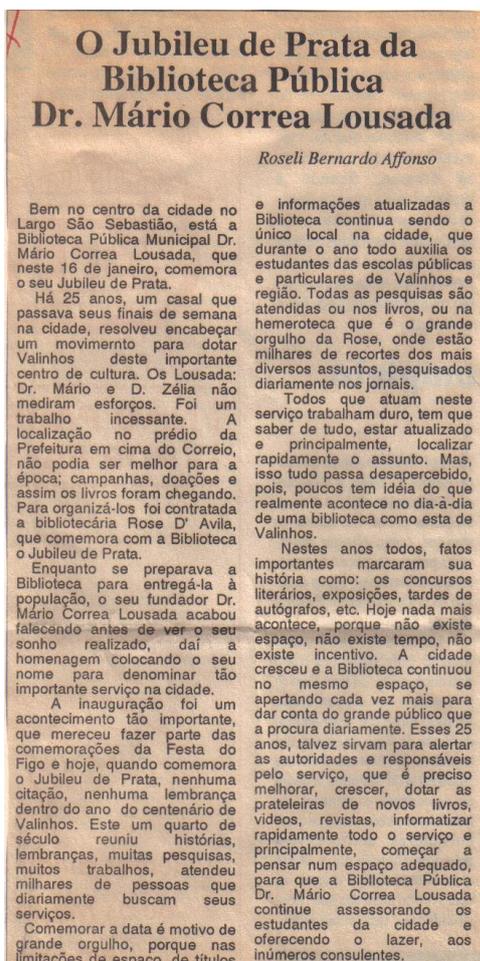
Conforme foi possível apurar, esse é o Regimento Interno que vigora até hoje.

MUDANÇAS

O ano de 1996 foi um ano de extrema importância para a Biblioteca. Além da mudança de prédio, naquele ano a Biblioteca também completou 25 anos de existência. Duas publicações puderam ser encontradas no acervo da própria Biblioteca, escritos pelos jornais da cidade em homenagem a esses 25 anos.

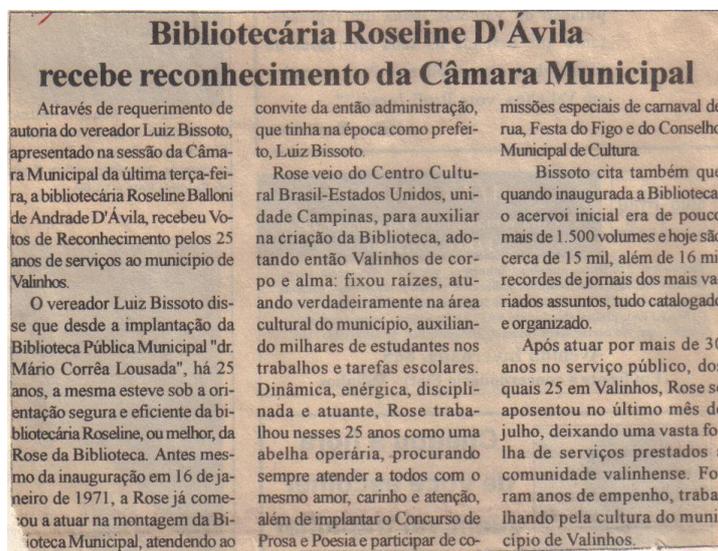
As duas publicações, de 13 de janeiro de 1996, pela Folha de Valinhos, contam um pouco sobre seu início: a dedicação de Dr. Mário Lousada e sua esposa, o envolvimento de Roseline D'Ávila para fazer a Biblioteca funcionar. Pode-se perceber um engrandecimento do espaço que a Biblioteca teve no município (“continua sendo o único local na cidade, que durante o ano todo auxilia os estudantes das escolas públicas e particulares de Valinhos e região”) e da figura de Rose como bibliotecária (trabalho duro, “tem que saber de tudo, estar atualizado e principalmente localizar rapidamente o assunto”).

O artigo, assinado por Roseli Bernardo Affonso (próxima página, à direita), recuperou um pouco da história da biblioteca, mas critica o fato dela não ter crescido, nem em tamanho, nem em importância se comparado ao crescimento que a cidade teve nos últimos 25 anos. Este momento de “Jubileu de Prata” é, para Affonso, o momento em que as autoridades deveriam perceber a necessidade de “melhorar, crescer, dotar as prateleiras de novos livros, vídeos, revistas, informatizar rapidamente todo o serviço e, principalmente, começar a pensar num espaço adequado...”.



No mês de julho deste mesmo ano, Rose completou 30 anos de serviço público (sendo 25 deles junto à Biblioteca Municipal de Valinhos) e se

aposentou. Um mês depois, ela recebeu Votos de Reconhecimento da Câmara Municipal por todos os seus anos de trabalho.



Também neste mesmo ano, foi contratada uma pessoa – Neusa Oliveira, segundo informações de uma funcionária da biblioteca, para informatizar a biblioteca, principalmente a catalogação dos materiais e a comunicação com os usuários. Segundo conta Rose, com sua aposentadoria Neusa assumiu a biblioteca, conjuntamente com Márcia Martinez, que seria a bibliotecária responsável pela Biblioteca Municipal, contratada no período posterior.

Esse foi um período muito difícil, segundo narra Rose, pois “a Neusa engravidou e teve um bebê, e ficava difícil de trabalhar. Ela vinha de Paulínia de ônibus e trazia o bebê para a Biblioteca, o que dificultava mais ainda o trabalho e atendimento aos usuários.” Outro agravante foi que ainda naquele ano de 1996, a Biblioteca mudou de prédio.

Durante seus 40 anos de existência (1971 a 2011), a biblioteca esteve em três prédios diferentes. A primeira mudança aconteceu em 1996, quando

enfim se percebeu que o imóvel em que estava instalada até então era pequeno para o crescimento, no decorrer do tempo, tanto de livros quanto de leitores da Biblioteca.

Nesta época, a Biblioteca dividia o edifício com os Correios (que ficava no térreo, enquanto ela estava instalada no piso superior). Segundo informação dada por Rose, seu desejo era poder utilizar todo o prédio, porém isso não era possível, pois a Prefeitura, que era a proprietária do local, havia cedido o espaço para os Correios por um período de 50 anos. Dessa forma, era preciso encontrar outro espaço para a instalação dos Correios ou seria necessária a mudança da Biblioteca para outro prédio, já que havia necessidade de um espaço maior. O que mudou de lugar foi a Biblioteca, que passou suas instalações para um edifício no mesmo quarteirão do anterior. Na foto abaixo, pode-se ver a entrada da nova Biblioteca.



A reportagem abaixo, publicada pelo Correio de Valinhos em 14 de dezembro de 1996, comentou a reinauguração da Biblioteca no novo prédio.



Segundo pode ser lido nesta matéria, o novo prédio foi alugado pela Prefeitura e possuía dois andares. Sua localização era mais vantajosa em relação à antiga, por se encontrar em local mais reservado, com menor incidência de barulho e com mais espaço. Na nova organização da Biblioteca, o segundo andar era reservado exclusivamente para pesquisa, e lá poderiam ser encontrados materiais como enciclopédias, dicionários, periódicos e a hemeroteca (coleção de recortes de jornal).

A reportagem citou ainda a existência de uma Biblioteca Infantil, além de uma Videoteca, que continuariam existindo no antigo prédio, porém não conseguimos informações sobre se isto de fato ocorreu. Pelo que podemos constatar, toda a Biblioteca Municipal foi transferida para um prédio também localizado no Largo da Matriz de São Sebastião, onde hoje existe uma farmácia, e portanto muito próximo do antigo endereço.

A mudança ocorreu durante o período em que Rose estava aposentada. Em 1997, com a mudança de prefeito da cidade (saída do Dr. Moyses Abujadi

e entrada do Dr. Vítório Antoniazzi), Rose D'Ávila (embora aposentada) foi convidada a retornar à Biblioteca, sendo, então, “re”contratada.

Mas o novo prédio – com dois andares - apresentava problemas de acessibilidade, limitando o acesso aos usuários com algum tipo de deficiência física. Segundo Rose, os cadeirantes e pessoas com deficiência tinham problemas com os degraus já na entrada da Biblioteca, ou para se locomover para o segundo andar que era destinado exclusivamente para pesquisas.

Neste período, o prédio em que funcionava a Casa da Cultura - outro setor da Prefeitura - começou a ter problemas com a sua localização e com o espaço para atender o número de alunos, e por isso foi mudada para outro espaço. Embora muitos outros órgãos da Prefeitura quisessem utilizar o espaço deixado pela Casa de Cultura, a Biblioteca conseguiu transferência para lá depois de muita disputa, segundo Rose: “E a briga foi feia. Mas com certeza valeu a pena”.

A reportagem, publicada no Terceira Visão – um jornal que passou a circular em Valinhos a partir de 1992 – , destacou as vantagens da mudança para o novo prédio: mais espaço, divisão do prédio em salas, mais facilidade no acesso e deslocamento de idosos, deficientes e crianças; além da economia do aluguel, já que o prédio era de propriedade da Prefeitura Municipal.

32. V. 1. 2002. 2. 9. 8. 01

Biblioteca vai mudar para a sede da Casa da Cultura

Foto: divulgação



A biblioteca será transferida para o prédio onde funcionava a sede da Casa da Cultura, na rua Itália.

A Biblioteca Municipal “Mário Corrêa Lousada” encerra o atendimento ao público nesta sexta-feira, dia 29, em virtude da mudança para o prédio da Casa da Cultura - Unidade I (rua Itália, 477), que será transferida para a avenida Francisco Glicério, 161, juntamente com as Unidades II e III. A biblioteca atende em média 200 pessoas por dia.

A data de reabertura ainda não está definida, pois depende das obras de reforma e adaptação do prédio e montagem geral do acervo, composto por 20 mil livros. A bibliotecária Rose D'Ávila lembra que na última vez que a biblioteca mudou ela demorou seis meses para reabrir, de julho a dezembro de 1996.

Neste período em que a biblioteca vai permanecer fechada, tanto no Largo São Sebastião como na rua Itália, 477, ela estará atendendo, a portas fechadas, as pessoas que precisarem de empréstimo de livro para se preparar para os vestibulares.

O secretário de Cultura Antonio Stopiglia destaca que a transferência para a nova instalação vai trazer uma série de vantagens, resultando na melhoria do atendimento aos usuários.

“Nós estaremos num prédio da Prefeitura, economizando com aluguel. O novo prédio possui um único pavimento, o que facilita o acesso dos idosos, deficientes físicos, gestantes e crianças. É maior, com mais de 500 metros quadrados, contra os 400 do anterior. E está bem localizado, próximo ao Terminal Rodoviário, com vários locais para estacionamento de veículos e num local mais tranquilo”, explica.

Como o novo prédio é dividido por salas, a biblioteca passará a ser distribuída por seções: obras gerais, filosofia, religião, sociologia, filosofia, ciências puras, ciências e tecnologia, artes e esportes, romance, história/geografia e biografias e infanto juvenil. O destaque é a montagem da biblioteca infantil, que era um antigo sonho, mas que por falta de espaço não podia ser concretizado.

Concurso Prosa e Poesia

Apesar da mudança de instalação, o cronograma de eventos do Concurso de Prosa e Poesia será mantido. O concurso foi encerrado no último dia 13, com a entrega de 159 trabalhos, que atualmente estão sendo avaliados por uma comissão julgadora. Possivelmente no dia 4 de agosto acontecerá a noite de abertura dos envelopes dos trabalhos premiados, quando será lançado o Concurso de Desenho de Capa de Livro.

Realmente, as condições para o funcionamento em outro prédio eram melhores, por diferentes motivos, porém com o processo de mudança, a Biblioteca permaneceu fechada durante três meses, sendo reinaugurada, no novo prédio, na Rua Itália, 477, no centro da cidade, em 27 de setembro de 2001.

ades VALINHOS, 15 DE SETEMBRO DE 2001

BIBLIOTECA

REABRE NO PRÓXIMO DIA 27

A BIBLIOTECA ATENDE EM MÉDIA 250 PESSOAS POR DIA



A Secretaria da Cultura promove no próximo dia 27, às 16h00, a solenidade de reabertura da Biblioteca Municipal "Mário Côrrea Louzada", em novo endereço: rua Itália, 477. A mudança faz parte da reestruturação da SC que englobou a unificação das três unidades da Casa da Cultura na rua Francisco Glicério, 161, desocupando um dos prédios para instalação da Biblioteca.

Até o dia 1 de julho, a biblioteca funcionava no Largo São Sebastião, em um prédio alugado, com três pavimentos. A unidade tinha a desvantagem também de estar localizada numa área barulhenta e de difícil acesso, especialmente para estacionamento de veículo.

Segundo o secretário de Cultura, Antonio Stopiglia, a nova instalação oferece uma série de vantagens, além de ser um prédio da Prefeitura, o que possibilita uma economia com aluguel. "O prédio é maior e possui um único pavimento o que contribui para uma melhor distribuição dos espaços e facilita o acesso de deficientes e idosos, além de ficar em uma área melhor localizada e com mais vagas para estacionamento e mais silenciosa".

A partir da reabertura, a biblioteca passará a funcionar de segunda a sexta-feira, com horário de atendimento ao público das 8h00 às 12h00 e das 14h00 às 17h00. No novo prédio, a biblioteca estará dividida por seções: Romances e Biografias; História, Geografia e Artes; Matemática, Física, Química, Biologia e Ciências Econômicas; Informática, Religiões, Sociologia e Linguística; Referência, Enciclopédias, Dicionários e Coleções Raras.

A unidade contará ainda com um biblioteca infantil, uma hemeroteca e uma coleção de imagens do Brasil, uma videoteca e uma sala de leitura. A hemeroteca é composta por recortes e jornais atualizados sobre temas diversos e um seção exclusiva sobre Valinhos. A videoteca dispõe de 600 vídeos de vários assuntos escolares e filmes adultos e infantis. Já a sala de leitura conta com jornais diários, semanais e revistas semanais e mensais.

A biblioteca possui um acervo de 17 mil livros e atende uma média de 250 pessoas por dia em sistema de pesquisa na própria unidade ou de empréstimo domiciliar.

CARTEIRINHA

A partir da mudança, com exceção da sala de leitura, todo atendimento na biblioteca será mediante apresentação da carteirinha. A bibliotecária Rose D'Ávila orienta as pessoas a providenciarem a carteirinha o quanto antes. Para maiores de 16 anos, é necessário apresentar documento de identidade (RG ou Certidão de Nascimento), foto e comprovante de residência de 2001. Já menores de 16 anos, além desses documentos, precisam retirar na biblioteca uma autorização para os pais assinarem. A emissão da carteirinha é gratuita.

A unidade contará ainda com um biblioteca infantil

Conforme pode ser lido na reportagem, na ocasião da reinauguração, a Biblioteca possuía um acervo de 17 mil livros, 600 vídeos, além de uma hemeroteca composta por recortes de jornal sobre temas diversos, e uma seção especial com assuntos de Valinhos. O atendimento médio da biblioteca

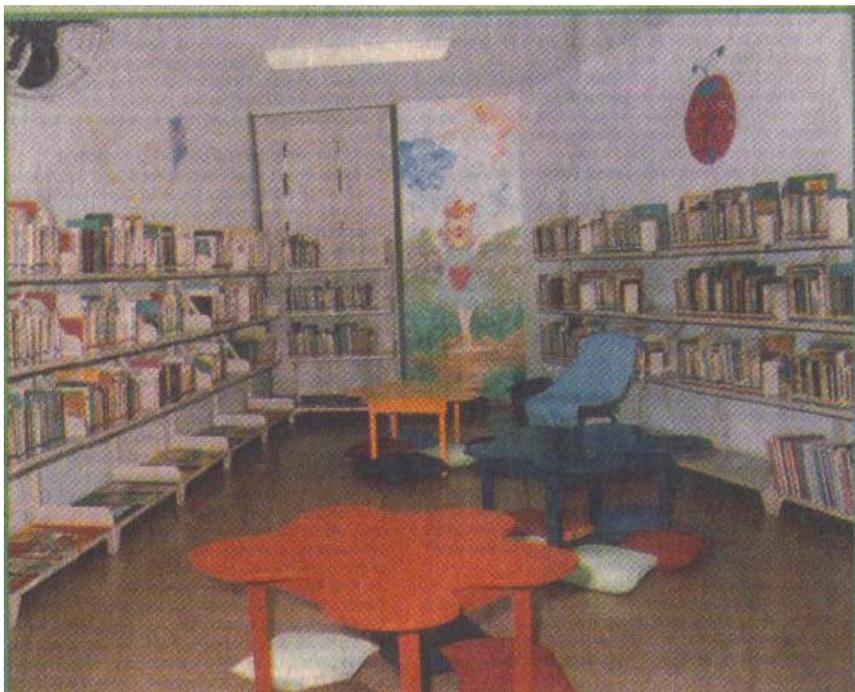
era de 250 pessoas por dia. O que parece indicar que este espaço tornou-se bastante familiar à comunidade e tornou-se um espaço importante para consulta, estudo, leitura de fruição, além de fonte de pesquisa (hemeroteca).



Com o novo prédio e a nova divisão de salas/seções, foi possível organizar uma sala especial para a literatura infantil, que conforme a nota acima, divulgada pela Folha de Valinhos, em 13 de outubro de 2001, foi pintada e decorada por Alessandra Buffa e Pedro Moraes. Além disso, Rose D'Ávila contou que as portas das salas foram pintadas com as cores da bandeira de Valinhos (azul, amarelo e verde), que também são as cores da bandeira do Brasil. "E assim as crianças acabavam aprendendo".

As duas fotos seguintes são das novas instalações da Biblioteca. Na primeira, que faz parte do acervo pessoal de Rose, pode-se ver a nova fachada

da Biblioteca, localizada na Rua Itália, nº 477. A segunda foto foi publicada pela Folha de Valinhos em 29/09/2001 e mostra a disposição da sala de literatura infantil no novo prédio da Biblioteca.



Na foto podemos perceber um ambiente caracterizado como infantil e à espera dos leitores. O colorido, os desenhos nas paredes feitos pela artista plástica Alessandra Buffa, são estratégias para conquistar as crianças e deixar o ambiente mais receptivo. As mesas pequenas e coloridas, com almofadas no

chão, convidam as crianças para uma leitura agradável e confortável. A maioria dos livros organizados está em estantes à altura das crianças. Nas mais altas, provavelmente estão os livros destinados às maiores.

Foi a partir do momento em que a Biblioteca instalou-se em novo prédio, que a literatura infantil realmente ganhou seu espaço próprio. O espaço exclusivo para este tipo de livros e a organização que ele recebeu tem como intenção explícita atrair e conquistar as crianças, aproximando-as do mundo dos livros e da literatura infantil. É a busca pela ampliação do público e a conquista de novos leitores com outras finalidades de leitura, além do estudo e da pesquisa. São novos sentidos que vão sendo agregados a esta Biblioteca, em novos tempos.

A Biblioteca sob a coordenação de Márcia Martinez

Rose D'Ávila ficou à frente da biblioteca até o final do segundo mandato de Dr. Vitório Antoniazzi (2001 – 2004), totalizando um período de permanência nesta função de 33 anos, com pequenos intervalos de interrupção. No ano de 2005, quando Marcos José da Silva (re)assumiu a Prefeitura, ela se afastou da Biblioteca por uma decisão pessoal, pois são “jeitos muito diferentes de trabalhar”.

Márcia Martinez, recém-formada em Biblioteconomia, foi contratada em cargo de confiança, no início desse mesmo ano, por indicação da própria D'Ávila, pois segundo ela, Márcia já trabalhara na Biblioteca, no ano de 1996,

além de pertencer ao mesmo partido político do prefeito que assumiu a gestão pública.



A chamada da reportagem “Biblioteca, fonte de saber” endossa a imagem de biblioteca como lugar de estudo, de aquisição do conhecimento científico, como é bastante comum nos discursos sobre bibliotecas. Mas acrescenta também outra imagem: “biblioteca é um espaço mágico”, ou seja, pela leitura, coisas, pessoas são transformadas, quase que inexplicavelmente. Também traz a ideia de que associa a magia ao mundo da fantasia e da ficção encontrado nos livros infantis.

Neste novo período, conforme reportagem, o acervo atual da Biblioteca era de 15 mil livros e 600 fitas de vídeo destinados não só aos leitores identificados como estudantes, como no início, mas aos “leitores infantis, juvenis e adultos”.

Esse volume era resultado, como sabemos, das doações da comunidade ao longo de todo o tempo de sua existência, mas também de acervos enviados nas últimas décadas pelas políticas públicas estaduais ligadas à Secretaria de Estadual de Educação. E para esse acervo – grande e diversificado - foi necessária uma nova organização, sendo possível planejar novas propostas de atendimento ao público, novas funções para este espaço e distintas finalidades de leitura: “você pode pesquisar, estudar ou simplesmente ler por entretenimento. E também tomar livros emprestados, para enriquecer o

mundo de conhecimentos de cada um”, conforme fala da bibliotecária Márcia citada na reportagem referida anteriormente.

Além disso, foram necessárias mais estantes, conforme matéria do jornal, para atender um acervo com três mil obras ainda “encaixotadas no depósito e à espera de serem catalogadas e colocadas à disposição dos leitores”.

A atual bibliotecária tem uma proposta de trabalho bastante distinta daquela da gestão anterior. Segundo ela, a prioridade assim que assumiu o cargo foi refazer a catalogação dos livros dentro das normas da Biblioteconomia: “A gente está tentando deixar tudo nas normas, deixar tudo certinho para qualquer pessoa poder trabalhar aqui. Se eu sair hoje, qualquer pessoa preparada consegue trabalhar aqui”, afirma Márcia.

Além disso, ela propõe estratégias diferentes para públicos leitores também distintos, como por exemplo dar a cada sala uma cor diferente. Os livros passaram também a receber etiquetas de identificação correspondentes à cor da sala em que estão organizados. Com tal estratégia, a bibliotecária parece querer facilitar para os usuários no momento da busca do que precisam e do que querem ler, deixando-os mais à vontade neste espaço. A organização de cores também pode auxiliar o trabalho dos próprios funcionários da Biblioteca, já que a devolução dos livros nas estantes e nas salas certas dá maior rapidez e autonomia.

O acervo foi revisado buscando uma atualização de acordo com as necessidades e gostos do público leitor que frequenta esse espaço, e das condições dos livros. Segundo Márcia: “A gente está cadastrando muita coisa. Eu tinha muito livro velho, caindo aos pedaços; eu peguei, tirei, troquei. Não

adianta ficar com livros que a pessoa não quer ler. Eu troquei muitos livros que estavam velhos, que não tinham mais condições”. Essa é uma preocupação que a bibliotecária tem com uma oferta de livros que possam aproximar, provocar interesse do público frequentador desse espaço.

Além da renovação do acervo com o descarte dos livros velhos, Márcia teve possibilidade de adquirir novos livros, escolhendo a partir do interesse do público leitor e de acordo com o que o mercado editorial oferece de mais recente e interessante. Para Márcia, as condições agora são outras, porque “antigamente a Rose não tinha verba pra aquisição de livros. Então é aquela coisa, vai ficando velho, velho... E as pessoas acabavam doando só livros velhos, ninguém queria doar um livro novo. Hoje, eu consigo verba para comprar livros novos. E acabo recebendo doações de livros mais novos também.”

Na Biblioteca também existe uma nova prática, o “Balcão de Troca” de livros criado entre 2006 e 2007 (não temos a data exata). Nele são colocados livros recebidos em doação, ou dos quais a Biblioteca já tenha vários volumes iguais e queira retirar alguns de circulação. Assim, o leitor traz e deixa um livro seu no balcão, e pega em troca um livro do balcão para levar e ler em sua casa. O livro trocado não precisa ser necessariamente devolvido ou trocado novamente. Esta é uma forma de colocar em circulação livros parados nas estantes, além de adquirir novos livros sem ter que comprá-los. Como sabemos, tal prática tem sido bastante usual em locais públicos – nas estações de metrô da cidade de São Paulo, na rodoviária de Campinas, alguns espaços comerciais etc.- em que ONGs ou pessoas ligadas a projetos de política pública colocam em exposição livros para que os transeuntes possam levar e

ler, no caminho de casa. Tais estratégias dão dinâmica à Biblioteca, permitindo que os livros não fiquem parados no espaço das estantes e possam ganhar novos leitores.

Outra nova prática, que passou a vigorar no ano de 2008, foi o acesso a computadores com internet pública na Biblioteca, além da disponibilização de seu acervo on-line. Nessa direção, a Biblioteca se equipara a muitas outras públicas, que permitem além da pesquisa no material impresso, também a pesquisa on-line, tanto dos livros disponíveis, quanto para obter informações distantes fisicamente do usuário. A internet pública gratuita e disponível em uma biblioteca não só pode ampliar o acesso à cultura e à informação a uma camada da população que não tem essas condições em sua própria casa, como também oferece aos usuários a convivência com diferentes suportes de textos próprios da cultura letrada.

Biblioteca passa ter acervo on line e internet pública

A Biblioteca Municipal de Valinhos "Mário Corrêa Louzada" passa a ser uma das poucas da região a contar com acervo on line, internet pública, além do novo sistema de gerenciamento. Os três novos serviços foram implantados pela prefeitura, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo.

As novidades foram apresentadas pelo secretário da pasta, Danilo Sorroce, na tarde do último dia 14, quinta-feira. Estiveram presentes, o secretário de Educação, Zeno Ruedell, representando o prefeito Marcos José da Silva, que estava em Brasília, o vereador Clayton Machado (PSDB), o diretor de Informática, Rodrigo Folegatti, representando o secretário de Administração e Informática, João Batista Pollastri Júnior, além de empresários, comerciantes, estudantes e pais.

"Tanto o acervo on line quanto a internet pública foram desafios que o governo do prefeito Marcos conseguiu vencer nas áreas de Cultura e Educação. Os dois serviços são necessidades presentes que conseguimos suprir aqui em Valinhos e que irão facilitar e incentivar a busca pelo conhecimento e leitura, principalmente para

estudantes", comentou Sorroce.

O secretário contou ainda que a implantação dos serviços durou cerca de um ano e foi concretizada graças ao empenho de toda a equipe da Biblioteca, coordenada pela bibliotecária Márcia Martinez, e também do Departamento de Informática, que instalou os equipamentos e a rede.

Serviços

O acervo on line pode ser acessado por meio de um link na página principal do site da prefeitura (www.valinhos.sp.gov.br). Ele pode ser utilizado para consulta de uma lista de cerca de 20 mil títulos disponíveis na Biblioteca, além de três mil da Biblioteca Circulante. Os livros são de diversos gêneros e áreas, tais como romances, literatura infanto-juvenil, geografia, história, português, matemática, física, biologia, filosofia, medicina, direito, administração, informática e pedagogia.

Pesquisa

Márcia explica que entrando no link do acervo on line, o usuário pode pesquisar a existência ou não na Biblioteca do livro que procura. Para localização, ele pode

optar entre os ícones pesquisa simples ou detalhada, livros, coleção de periódicos (revistas) e vídeos (documentários, desenhos e filmes). "Com as pesquisas é possível encontrar o livro pelo autor, título, assunto e editora e ainda saber em que sala da Biblioteca ele está e se pode ou não ser retirado", detalha.

Para a internet pública, o espaço tem agora no saguão principal à disposição de estudantes três computadores. A utilização é exclusivamen-

te destinada à pesquisa, sendo que cada aluno pode ficar 30 minutos no micro. Segundo o secretário de Cultura e Turismo, a intenção é que no futuro próximo, o número de computadores possa ser ampliado e seja disponibilizada uma sala própria para pesquisas on line.

Quanto ao sistema de gerenciamento, Márcia explica que ele passou a ser feito dentro das normas para Biblioteca, com a instalação de um software livre que permite acesso gratuito.



Secretário Danilo mostra serviço ao empresário Dino Celani

Segundo a reportagem do Jornal de Valinhos, publicada em 22 de fevereiro de 2008, no acervo on-line podem ser consultados os títulos dos livros disponíveis na Biblioteca. O acervo pode ser acessado pelo link no site da Prefeitura de Valinhos e os usuários interessados podem, à distância, confirmar a existência de um livro, antes de se deslocar até a Biblioteca. Em relação à pesquisa, percebe-se um grande ganho para os usuários da Biblioteca, em especial estudantes, que normalmente não teriam acesso à internet para pesquisa. Amplia-se também a Biblioteca com um espaço diferencial, de estudo com livros impressos, mas também on-line.

Mais recentemente, seguindo a tradição de doações da sociedade (empresários da cidade), a Biblioteca recebeu 10 computadores da empresa Rigesa. Márcia, em entrevista em Outubro de 2010, contou que

nós recebemos 10 computadores, a gente já está vendo para fazer as baias; e eu estou vendo se consigo internet, mas não a da Prefeitura, porque ela é restrita; quero ver se consigo uma internet livre, para que as pessoas possam acessar email, mas está um pouco difícil, aquela luta! Mas os computadores estão aí, o pessoal da informática está formatando. Eles estão com muito serviço, então eles vão deixando aqueles que não têm tanta prioridade. Mas eles já arrumaram alguns, tanto é que eu já coloquei três computadores para serem usados.

A doação foi divulgada em uma reportagem publicada no informativo RigeNews, uma publicação interna da empresa Rigesa, em sua edição de julho/agosto de 2010.

Doação de computadores

No dia 20 de maio, as fábricas de Papel e Embalagens I de Valinhos doaram cerca de 20 microcomputadores a diversas entidades de Valinhos, SP.

As beneficiadas foram: Recanto dos Velinhos, EMEF Governador Franco Montoro, Comunidade Cristo Vive, Biblioteca Municipal e Fundo Social da Solidariedade.

Na ocasião, Eduardo Brasil Gonçalves, Diretor da Fábrica de Embalagens I de Valinhos, Moacir Pinhata, Gerente Administrativo, Antonio Carlos Andreotti Cardoso, Gerente da Fábrica de Caixas, e Ricieri Mauro Baldin, Gerente de Relações Humanas, participaram da entrega e enfatizaram a importância dessa ação para a comunidade e para a Rigesa.



Representantes da Rigesa durante entrega de computadores em entidade

Nela, podemos ler que a Biblioteca foi uma das entidades privilegiadas pelas doações feitas pela empresa, além de: Recanto dos Velinhos, EMEF Governador Franco Montoro, Comunidade Cristo Vive e Fundo Social de Solidariedade; apesar de não ser especificado o número de computadores doados para cada instituição. Tal como no início da Biblioteca, as empresas valinhenses contribuem com doações, importantes e necessárias para a constituição do seu acervo; aqui porém, as doações não são mais de livro, mas de outro suporte de textos – telas de computador. Na foto, podemos ver a bibliotecária Márcia e o atual Secretário da Cultura, Mário Farci (respectivamente, a segunda e o terceiro, da direita para a esquerda), juntamente com funcionários da Rigesa e representantes das outras instituições.

Percebe-se que de modo semelhante ao dos anos 70, quando a sociedade conclamava uma biblioteca porque acreditava que os livros tornariam as pessoas melhores, menos ignorantes; nos anos 2000, o pedido é transferido para o computador e o seu uso com a internet. Tal tecnologia e o uso dela pode ampliar a busca pelas informações, permitindo pesquisar em

diferentes bancos de dados, o que significa atualizar-se com mais agilidade, ter um número maior de “conhecimento”, estar preparado para um mercado cada vez mais competitivo, dinâmico e mutável e ainda ser “moderno”, avançado, mutável.

Nesse sentido, a partir dos anos 2000, não basta ser leitor de livros, é preciso navegar, ler e selecionar informações fragmentadas, múltiplas, inúmeras, que estão disponíveis em diferentes fontes, distantes no tempo e no espaço do próprio leitor. São formas diversas de leitura e de escrita na biblioteca, como também em outros espaços educativos. Segundo Chartier (1999), ao se falar em leitura, não se fala apenas do impresso. A leitura é múltipla, da mesma forma que os leitores; e ela pode acontecer em diferentes linguagens, suportes e práticas. A imagem da Biblioteca de Valinhos se aproxima deste novo tempo, com leitores e com outras habilidades e práticas de leitura.

Para Márcia, nesses cinco últimos anos, a Biblioteca tem recebido prontamente (“sem problemas”) verbas da Secretaria da Cultura para compra de material, sempre que solicitadas por ela, o que dá mais autonomia e agilidade no planejamento das necessidades da Biblioteca e ainda uma projeção planejada do que se pretende para este espaço.

Além de livros, fitas, DVDs, internet pública, a Biblioteca tem sido um espaço para palestras de interesse da comunidade local e de autores que falam de suas publicações. Para esta prática, o espaço não tem sido adequado “para receber o pessoal que vem fazer palestra”; segundo Márcia, ele é pequeno para um grande número de pessoas, necessitando de reformas para esses projetos. Conforme ela relata, já foi feita uma solicitação à Prefeitura com

a proposta de montar um auditório em um espaço ao lado da Biblioteca para esses “eventos” culturais ligados à educação dos leitores.

Também para Márcia, uma reforma poderia ainda transformar as diversas salas em que a Biblioteca está dividida em uma sala única. “Se eu pudesse, abria tudo aqui, fazia um salão grande e colocava aquelas estantes deslizantes”, pois isso dá possibilidade de crescimento da Biblioteca, uma movimentação mais livre. Segundo ela nos conta, da forma que a Biblioteca está dividida e organizada hoje, praticamente não há espaço para disponibilização de novos livros. Abrir a sala em um “salão grande” seria uma forma de aproveitar melhor os espaços restantes; e as “estantes deslizantes” poderiam auxiliar no ganho de outros espaços, permitindo o aumento do número de estantes e, conseqüentemente o aumento do número de livros.

A opção de identificar cada sala por uma cor para melhor separação dos livros que são etiquetados com a cor própria de sua sala é acrescida a uma outra estratégia para ordenação do acervo. Cada sala, além de uma cor diferenciada, recebe o nome de uma personalidade que sugere o conjunto de livros separados por assunto. Assim, quatro salas são destinadas ao material de pesquisa: sala Milton Santos (roxo) – artes, geografia, história, esportes; sala Betinho (em referência ao sociólogo Herbert José de Souza [amarelo]) – dicionários e Ciências Humanas (pedagogia, psicologia, direito, línguas, etc); sala Oswaldo Cruz (verde) – Ciências Biológicas e Exatas; sala A. Barboza de Lima Sobrinho (azul) – enciclopédias. Outras duas salas reúnem os volumes de literatura: sala Jorge Amado (laranja) – literatura nacional e estrangeira; sala Monteiro Lobato (colorida) – literatura infantil e infanto-juvenil.

Ainda em relação às reformas, pelo que podemos constatar, elas são mesmo necessárias. Na transição da Casa da Cultura para a Biblioteca, o espaço só sofreu algumas adaptações e o prédio já pode ser considerado inadequado e “antigo” (construído provavelmente na década de 70, segundo podemos apurar). É urgente, segundo a bibliotecária, uma reforma do telhado, das calhas, trocar as janelas e o madeiramento, porque já houve problemas com infiltração de água, e hoje, como Biblioteca, com livros organizados em todo o prédio, isso não pode mais acontecer.

Além disso, Márcia considera que uma reforma poderá dar maior acessibilidade aos deficientes, uma atitude, hoje, “politicamente correta” para oferecer cultura a todos. Não apenas evitar escadas; mais do que isto, é criar um espaço em que todos possam se movimentar com autonomia, conforme ela relata:

Com essa reforma, a gente vai montar um banheiro para deficiente, vai fazer uma rampa na entrada, vai nivelar; a porta vai aumentar. Nós vamos tentar fazer todas essas coisas para adaptar para o usuário deficiente; e melhorar as condições de forma geral, porque tem muita coisa que já está ruim, e com os anos vai desgastando.

De uma maneira geral, podemos perceber que, nesses últimos 40 anos, a Biblioteca ganhou diferentes feições, de acordo com o período social, político vivido e conforme as pessoas que contribuíram para sua existência e funcionamento.

Aos poucos, essa Biblioteca tornou-se um espaço cultural importante na cidade: sendo frequentada e tendo a importância reconhecida pela população; além de conquistar seu papel inicial, ela ganhou novas funções e espaços: enquadrou-se no sistema estadual de Bibliotecas Públicas, atualizou-se com a entrada dos computadores, tanto como suporte para seu funcionamento

cotidiano (cadastro dos usuários, catalogação do acervo, etc), quanto para uso de seus frequentadores (para pesquisa e estudo). Percebe-se também a ampliação e diversificação do público-leitor, incorporando desde crianças não-alfabetizadas, adolescentes – estudantes, universitários, adultos de modo geral; incluindo aqueles que, ao invés de buscar o livro, querem fazer uso da internet gratuita para atender suas necessidades imediatas.

Ações em Comum

Até o momento, construímos nosso texto a partir da **distinção** entre duas imagens para a Biblioteca Municipal de Valinhos Dr. Mário Correa Lousada, marcada por: períodos de existência; prédios que ocupou e ocupa; formas de trabalho/coordenação de duas bibliotecárias; concepções e práticas ligadas à leitura; gestão da Prefeitura/Secretaria da Cultura por dois partidos políticos que se opõem. No entanto, é preciso considerar que estamos pesquisando apenas uma Biblioteca e como tal ela pode apresentar continuidade de projetos, ter características e ações em comuns, durante esses períodos distintos. Quais projetos foram iniciados na gestão de Rose e permaneceram na gestão de Márcia? Que formas eles assumem com a mudança de coordenação da Biblioteca?

Identificamos seis projetos em comum, sendo eles: “Biblioteca não é só lugar de livros; “Informatização”; “Concurso de Prosa e Poesia’ e ‘Concurso do Hino’”; “A ‘Hora do Conto’ e Debates Literários”; “A Biblioteca e o Estado”; “Biblioteca Ambulante”. Todos esses projetos foram citados pelas duas bibliotecárias, pudemos conhecê-los em funcionamento e colher informações

sobre eles em outros depoimentos ou nas matérias de jornal sobre eles. Projetos têm sido uma forma bastante comum de planejar ações, propor metas, reunir pessoas em torno de uma proposta. Estamos na “era dos projetos”, muitos concretizados, outros desenvolvidos parcialmente, e ainda outros sem sair nunca do impresso.

BIBLIOTECA NÃO É LUGAR SÓ DE LIVROS

No ano de 1994, surgiu na Biblioteca a proposta de ser montada uma Videoteca, de forma a oferecer para empréstimos fitas de vídeo educativas.



Rose conta que

Nós tínhamos as fitas, recebemos as fitas gratuitamente da Prefeitura. Porque quando a Prefeitura gravava a TV Escola, ficava na Prefeitura, mas cada um ia lá pegava a fita, levava embora, mas não devolvia. E a TV Escola, ela tem uma gravação semanal. Então hoje é aquilo, daí gravava a complementação da terça, da quarta, da quinta, da sexta, aí deixava o programa, se tivesse continuação, na outra semana completava a fita. E aquilo começou a ficar lá e as professoras iam, buscavam não entregavam, não devolviam. Ai, por bem, acharam melhor passar essas fitas para a biblioteca, porque aí o controle da fita ficava com a biblioteca, com carteirinha, igualzinho do livro. Só que com menos tempo, e poderia ser renovada mais uma vez. Bom, isso eu abri uma campanha das fitas, pra gente poder emprestar fitas de filmes. E abrimos os filmes também, tínhamos muitos filmes bons, mas fita é um negócio que estraga assim num fechar de olhos.

Com a campanha de arrecadação de fitas, e de doações recebidas tanto do público em geral, quanto de locadoras (que tinham filmes que não eram mais locados), a videoteca foi crescendo. E no ano de 1997, o número de fitas oferecidas para empréstimo já chegara a mais de 500, segundo nota do Boletim Municipal de 01/07/1997.

Este projeto da videoteca persistiu e continuou crescendo, como uma outra prática de leitura diferente em relação ao impresso. Martinez, a atual bibliotecária, conta que recebeu doação de DVDs (de uma vídeo-locadora da cidade – Vídeo Pirata), dessa forma, além dos vídeos, os DVDs, em sua maioria de filmes infantis, podem ser locados gratuitamente, o que dá à biblioteca um uso de leitura em diferentes linguagens e suportes de textos.

De qualquer forma, chama-nos a atenção o fato de que os acervos de fitas e DVDs continuam a ser formados, como também foram os de livros, principalmente com doação da comunidade local, e não por um gerenciamento das próprias bibliotecárias, o que daria mais qualidade (no atendimento aos interesses e necessidades dos usuários), talvez, de seleção no momento da aquisição.

A Biblioteca também possui a hemeroteca, desde a gestão de Rose D'Ávila, formada de recortes dos jornais da cidade e região com notícias relevantes sobre a própria Biblioteca ou sobre a cidade. Esse material pode ser consultado por qualquer usuário, mas não pode ser emprestado (como acontece com os livros, fitas e DVDs). A hemeroteca pode ser retirada para Xerox ou para ser digitalizada, mas deve ser devolvida no mesmo dia, como normalmente é feito em qualquer biblioteca.

INFORMATIZAÇÃO

Novo programa de computação vai agilizar atendimento na biblioteca

Visando melhorar o atendimento as 310 pessoas que procuram a Biblioteca Municipal "Dr. Mário Côrrea Lousada", a Secretaria de Cultura e Turismo está aperfeiçoando o sistema de informatização da unidade, com a elaboração de um novo programa de computação, que vai permitir aos usuários localizar o livro ou material desejado com maior rapidez.

Atualmente, a biblioteca dispõe de 22 mil livros, 390 fitas de vídeo, 3 títulos de jornais diários e 5 semanais, 10 títulos de revistas semanais e mensais e 400 pastas de recortes atualizados semanalmente, além de 5 mil livros doados pela comunidade que ainda não foram catalogados. "Por isso, até que todo o sistema de informatização esteja implantado, a unidade não estará recebendo novas doações", afirma a bibliotecária Rose D'Ávila.

O novo programa de computação que está sendo criado para a biblioteca vai permitir também a implantação de uma carteira de identificação, com código de barras, dos cerca de 10 mil usuários cadastrados, que vai facilitar a retirada de livros para empréstimo domiciliar ou para cópia de material de pesquisa, pois não haverá mais necessidade de se ficar digitando dados do usuário e do material retirado da biblioteca.

A carteira de identificação também poderá ser utilizada quando a pessoa for retirar qualquer material da biblioteca para fotocópia, o que atualmente só pode ser feito deixando-se um documento como garantia. A bibliotecária não tem previsão de quando o novo sistema de informatização vai estar concluído, mas ela espera que ele venha atender todas as necessidades da unidade.

No ano 2000, a Biblioteca ganhou um sistema informatizado de cadastramento de livros e usuários. O objetivo era permitir que os usuários localizassem o livro ou material com maior rapidez. Esse sistema, segundo a matéria (ao lado), estava em processo de elaboração. Uma de suas contribuições seria o uso de carteirinhas de usuário, com código de barras, facilitando a retirada de livros para empréstimo ou para cópia, segundo reportagem da Folha de Valinhos, de 1º de abril de 2000.

Parece que este sistema informatizado foi implantado a partir de julho daquele ano, exigindo um recadastramento dos usuários e a troca das carteirinhas "antigas" para um atendimento mais ágil, mais eficiente, mais atual.

Na gestão de Márcia Martinez como bibliotecária, o sistema informatizado teve continuidades, com a implementação de algumas mudanças que permitiram um melhor aproveitamento, menos custos e uma ampliação de sua capacidade de gerenciamento. Ao invés, por exemplo, de continuar um pagamento no valor de 600 reais mensais por esse serviço, Márcia o substituiu por um software livre, gratuito. Este sistema permite, além das carteiras

digitais, um cadastramento dos livros, de acordo com as normas da Biblioteconomia. Segundo Márcia, não tendo mais a despesa mensal com os serviços informatizados, o dinheiro pode ser revertido para a compra de livros ou para outras necessidades da Biblioteca.

“CONCURSO DE PROSA E POESIA” E “CONCURSO DO HINO”

O 1º Concurso de Prosa e Poesia aconteceu na gestão de Dr. Vitório Antoniazzi, em 1984. A ideia foi trazida pelo então coordenador do Setor de Cultura e Turismo, Antonio Stopiglia, segundo conta Rose. Ele havia estado em uma cidade vizinha, a convite da Casa da Cultura, e lá acontecia um Concurso de Poesia. Ele propôs que Valinhos também fizesse esse evento, com a coordenação da Biblioteca e realização da Coordenadoria de Cultura, Esportes e Turismo. Rose sugeriu que o concurso, além de poesia, fosse também de prosa porque, segundo ela: “Eu tenho muitas crianças que têm uma redação própria muito boa, porque eu corrigia o trabalho das crianças na Biblioteca. E eu ia conhecendo o bom leitor; e o bom leitor acaba sendo um bom redator.”

Desde seu início, em 1984, até o ano de 2011, o Concurso teve 12 edições. Ele aconteceu anualmente nos períodos: 1984 a 1988 e 1997 a 2001, nas gestões do mesmo prefeito, Vitório Antoniazzi – e, também, do mesmo Secretário da Cultura, Antonio Stopiglia. Há uma interrupção nos Concursos entre os anos 1989 a 1996; e as últimas edições são nos anos 2006 e 2007.

É nítido o interesse dado por essa gestão ao Concurso, promovendo escritores novos e dando oportunidades para divulgação de sua produção. Tanto é que as 10 primeiras edições do Concurso resultaram na publicação de

livros reunindo as poesias e contos nelas classificados e geraram paralelamente o “Concurso do Desenho da Capa do Livro do Concurso de Prosa e Poesia”. (Todos esses livros podem ser encontrados para consulta e empréstimo na Biblioteca Municipal.)

A leitura das “Apresentações” destes livros, escritas, em sua maioria, pelo Coordenador da Cultura Antonio Stopiglia e pelo Prefeito Vitório Antoniazzi, sugere os laços político-administrativos com a cultura, tão comum de serem vistos em realizações como essa em diferentes instâncias públicas, quer municipal, estadual ou federal. Também nos leva a conhecer melhor as conquistas, decepções, dúvidas e satisfações que esse evento trouxe em suas diversas edições, expressas pelos seus organizadores e promotores.

Na Apresentação do livro do “1º Concurso Local de Conto e Poesia”, publicado em 1984, Stopiglia fez um breve resumo dos objetivos do Concurso:

Ao lançar o I Concurso Local de Conto e Poesia, de caráter livre, tivemos a intenção de abranger toda a população sem distinção de faixa etária ou nível de escolaridade, exatamente por dois motivos: primeiro – para que todos tivessem igual oportunidade de participação, e segundo – para que pudéssemos despertar a criatividade e de conseqüência fazer uma sondagem da disposição dos assuntos literários em nosso município, em nível de competição até então desconhecido. (VALINHOS, 1984, p.1)

Deste modo, o coordenador trouxe uma proposta que se colocou como mais democrática (acesso a toda a população), de forma a acender um interesse pela leitura, literatura e cultura. E conforme era sua expectativa, ele assim avaliou as revelações que tiveram em relação a alguns dos premiados do Concurso²: “talentos escondidos por trás de escrivatinhas, em linhas de produção de indústrias, nas escolas, etc. (...)” (VALINHOS, 1984, p.2)

² Os nomes dos componentes das Comissões Julgadoras e dos vencedores dos Concursos podem ser encontrados no Anexo “Concurso de Prosa e Poesia”.

O 3º Concurso, ocorrido em 1986, recebeu um nome diferente dos dois anteriores, “Concurso de Prosa e Poesia”. Isso aconteceu por sugestão da Comissão Julgadora do Concurso, que considerou que os textos inscritos na categoria ‘conto’, nem sempre correspondiam a esse gênero textual. Por isso a mudança para ‘prosa’ que, além do conto, poderia incluir narrativas, dissertações, etc. No 4º Concurso (1987) ocorreu outra mudança, desta vez em relação às categorias que eram premiadas – cada tipo de texto (prosa e poesia) seria dividida em três faixas etárias (infantil, juvenil e adulto).

Os Concursos 8º e 9º (1999 e 2000) também tiveram um diferencial em relação aos anteriores: uma temática geradora. Os temas foram “Brasil-500 anos” e “Valinhos, aurora de um novo milênio”, respectivamente. O 10º Concurso aconteceu no ano de 2001, e como os anteriores, não teve tema gerador. Ele foi o último antes do período de interrupção nos anos de 2002 a 2005.

Durante o período compreendido entre 2002 e 2005, em que não aconteceu o Concurso de Prosa e Poesia, mais exatamente no ano de 2003, a Secretaria de Cultura e Turismo e a Biblioteca “Dr. Mário Lousada” promoveram o “Concurso do Hino Oficial de Valinhos”. As inscrições para participar foram abertas para qualquer interessado, em todo o território nacional, e a Comissão do Concurso nomeada pelo Prefeito Vitório Antoniazzi foi composta por: Antonio Stopiglia (coordenador), André Luiz dos Reis, Marcos Antonio Sabie Vilela, Marina Quintanilha Macedo, Roseline Balone de Andrade D’Ávila e Vandeley Berteli Mario, conforme o Jornal Terceira Visão, de 14 de março de 2003.

O hino escolhido³ foi escrito por Juliane Lima dos Reis Santos (26 anos), moradora de Valinhos, que obteve a nota 9,5, conforme Folha de Valinhos de 30 de agosto de 2003 (abaixo).

Advogada vence concurso do Hino de Valinhos

A advogada, Juliane Lima dos Reis Santos, 26 anos, moradora de Valinhos, é a vencedora do concurso do hino de Valinhos, promovido pela Prefeitura, através da Secretaria de Cultura. A obra de Juliane concorreu com outras 18, e ficou entre as cinco finalistas. A audição para a escolha do vencedor foi realizada na última quarta-feira, dia 20, à noite, na Casa da Cultura "Vicente Musselli". Juliane, que participou com o pseudônimo de "Ane Lima", sagrou-se vencedora com a nota de 9,5.

Em segundo lugar ficaram Angelino Musselo, com o pseudônimo de "Caco", de Valinhos, e Danilo Moraes Stolagli, "Augusto Loyola", de São Paulo, com 8,5, e em terceiro, Roque Feres de Ávila, "Amádis de Gaula", de Indaiatuba, e Marcelo Stasi, "Amoroso dos Vales", de Jundiaí, com 7,5.

O prefeito Vítor Humberto Antoniazzi e o vice Mauro de Souza Penido participaram da solenidade de audição.

Alguns hinos foram apresentados pelos próprios finalistas e convidados e outros pela pianista Ana Carolina Sacco e o Grupo de Técnica Vocal, sob a regência do maestro Carlos Theodoro Pescarini. Após as apresentações, houve um intervalo para a comissão julgadora se reunir e dar o veredicto final e, enquanto isso, o secretário de Cultura, Antonio Stopiglia, interpretou três canções. O resultado final foi apresentado pelo membro da comissão julgadora, Luiz Fernando Fischer Dutra.

O secretário Stopiglia, lembrou que dos 18

participantes, 6 foram desclassificados pelos trabalhos não estarem de acordo com o regulamento e 7 não alcançaram pontuação para classificação como finalista. Depois de anunciado o resultado, o prefeito fez a entrega do troféu a Juliane e ficou acertado que ela receberá o prêmio no valor de R\$5 mil durante o desfile cívico de 7 de Setembro. Todos foram convidados a ficar em pé para ouvir o hino de Valinhos.

Segundo Stopiglia, a Secretaria da Cultura estará buscando patrocínio para fazer a gravação em CD do hino e distribuí-lo às escolas de Valinhos. O prefeito, por sua vez, estará mandando projeto de lei à Câmara para a oficialização do hino de Valinhos. Stopiglia considerou o resultado do concurso bom. "Foram entregues 475 regulamentos e 18 confirmaram participação, dada a complexidade do trabalho. E dentro desses 18, havia composições excelentes, como as 5 finalistas", concluiu.

Letra do Hino de Valinhos

Valinhos, Meu torrão natal!	Num gesto, a mão gentil!
Valinhos, Terra sem igual!	II Terra das belas artes, Fontes e encantos mil; Teu povo bandeirante Inspira amor febril!
A sombra da Bandeira, Tu te ergues altaneira, Em busca de um ideal!	Qual Eden de Deus presente. Pedacinho reluzente Do meu imenso Brasil!
I Terra do figo roxo, Vales e montes mil; Ergue-se um colosso,	Refrão

Foto Divulgação
Prefeito Vítor e o secretário da Cultura, Antonio Stopiglia, entregam troféu à Juliane, vencedora do concurso

Na reportagem, ainda pode ser vista a foto da vencedora do Concurso recebendo o troféu do Prefeito Antoniazzi (à esquerda) e do Secretário da Cultura, Antonio Stopiglia (à direita).

Após o sucesso do Concurso de Hino de Valinhos, o Concurso de Prosa e Poesia foi retomado em 2006. Acreditamos que a transição do cargo de bibliotecária de Rose para Márcia, e o período de adaptação da Biblioteca a essa mudança possam ter sido um dos motivos para a demora da retomada do

³ A letra do Hino vencedora pode ser lida no Anexo "Letra do Hino de Valinhos".

Concurso. Sobre essa retomada, é importante ressaltar que a reportagem do jornal Terceira Visão de 15 de setembro de 2006, destacou que um dos motivos da paralisação do Concurso, de 2002 a 2006, foi o fato de, na sua última edição (2001) ter havido poucas inscrições, “pouco mais de 150”, como pode-se ler na reportagem (abaixo).

**Concurso de Prosa e Poesia de Valinhos
recebe mais de 400 trabalhos inscritos**

Mais de 400 pessoas inscreveram trabalhos no 11º Concurso de Prosa e Poesia de Valinhos, que ganhou um novo vigor e credibilidade à competição literária que estava paralisada desde 2001. Segundo informações da Biblioteca Municipal Doutor Mário Correa Louzada, na última edição foram apresentados pouco mais de 150 trabalhos, o que teria desmotivado a continuidade do concurso. Até a terceira-feira ainda havia chegado trabalhos de várias localidades brasileiras, enviados dentro do prazo para as inscrições.

Segundo a bibliotecária Márcia Martinez, responsável pela recepção dos trabalhos, escritores de várias localidades do País se inscreveram, como Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo e também das cidades da Região Metropolitana de Campinas. “Muitos trabalhos chegaram por carta, o que nos certifica que o concurso foi bem divulgado pela Internet”, afirma Márcia.

O concurso premiará escritores infantis (entre 7 e 12 anos), juvenis (de 13 a 17), e adultos (acima de 18 anos), com valores entre R\$ 100 e 700. Segundo o secretário de Cultura, Danilo Sorroce, a cada ano a uma personalidade do meio cultural e literário será homenageada. Este ano, o escolhido foi o professor Antônio Cândido de Mello e Souza, que é docente em Sociologia e Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e na Faculdade de Filosofia de Assis. A próxima fase do concurso é a avaliação dos trabalhos por um corpo de jurados escolhidos pela Secretaria de Cultura e Turismo. A divulgação dos vencedores será dia 20 de outubro.

Retomada
O Concurso de Prosa e Poesia estava suspenso em Valinhos desde 2001. A Secretaria de Cultura e Turismo retomou o evento e o deixou mais atraente. “Muitas pessoas nos questionavam sobre a interrupção do concurso, mas agora voltou com toda força ao calendário cultural da cidade”, enfatizou Danilo.



Divulgação

Funcionários da biblioteca municipal organizam os mais trabalhos enviados de todo Brasil para o Concurso de Prosa e Poesia

Ainda segundo a reportagem, o 11º Concurso (2006) teve mais de 400 inscrições e, diferentemente dos anteriores, deixou de ser apenas local. Foram recebidas inscrições de diversas localidades do país. A premiação manteve as mesmas categorias determinadas no Concurso de 1987.

Sobre a divulgação do Concurso para o Brasil, Márcia afirmou que “a gente manda para a imprensa, e a imprensa manda para as Prefeituras. E

também tem aquela coisa de rede de relacionamento, eu tenho vários amigos que são escritores, então a informação vai passando.”

Nos dois últimos anos de Concurso (2006; 2007) não houve publicação em forma de livro da coletânea dos textos vencedores, apenas aconteceram as premiações aos primeiros colocados em cada categoria.

Percebemos que estes Concursos aconteceram por iniciativas da Secretaria da Cultura e, algumas vezes, pela união desta com a Secretaria de Educação. Mas o objetivo sempre foi promover “talentos” da cidade, movimentar a ideia de que a cultura é patrimônio (produções artísticas) que deve ser divulgado e acessado por toda a sociedade. Sua realização aconteceu sob a responsabilidade de “personalidades políticas” que assumiram a autoria do feito e assinaram os documentos (livros, coletâneas, etc.) produzidos em suas gestões.

A “HORA DO CONTO” E DEBATES LITERÁRIOS

A “Hora do Conto”, segundo Rose D’Ávila era um sonho seu que se concretizou após a mudança da Biblioteca para a antiga sede da Casa da Cultura em 2001. O novo prédio tinha maiores instalações, o que viabilizava um espaço especial para a literatura infanto-juvenil, permitindo também criar um ambiente para reunir crianças e contar histórias, segundo reportagem do jornal Folha de Valinhos de 18 de maio de 2002.

A “Hora do Conto” tem sido bastante realizada como uma prática que instiga o interesse das crianças pelos livros, de forma lúdica e prazerosa. O projeto de Valinhos estaria inserido neste contexto, em que escolas e

bibliotecas promovem a leitura pela Hora do Conto. Neste projeto, a Secretaria da Cultura trabalhava em parceria com a Secretaria da Educação e a contadora de histórias era a aluna do curso de teatro da Casa de Cultura, Patrícia Fonseca, também conhecida como “Boneca”.

Segundo Rose, o objetivo da “Hora do Conto” era trazer as crianças para dentro da Biblioteca.

Eu não queria que a Boneca fosse à escola. Eu queria que a escola viesse. Foi o que aconteceu, a escola vinha à Biblioteca; o ônibus ia buscar, a Rápido luxo sempre nos serviu de ônibus, ia buscar as crianças, principalmente de lugares longe. As escolas, que eram pertinho da Biblioteca, vinham a pé na ‘Hora do Conto’. A gente servia um lanchinho, coisa simples que eu mesma resolvia, porque não tinha verba para isso.

Nesta perspectiva, o projeto contemplou, conforme depoimento de Rose D’Ávila, a vinda de crianças de várias escolas da cidade (públicas e particulares), familiarizando-as com o mundo dos livros e incentivando práticas da cultura letrada no interior dos espaços institucionalizados para tal.

Pelo que pudemos apurar, porém, houve um período de interrupção desse projeto (provavelmente no ano de 2003). A Folha de Valinhos, de 13 de março de 2004, anunciou a retomada da Hora do Conto, semanal e com a mesma contadora de histórias (Boneca).

7 FOLHA DE VALINHOS

Biblioteca promove “A Hora do Conto”

Toda biblioteca, com seus livros, enciclopédias e revistas, oferece às pessoas a oportunidade de entrar no mundo da fantasia, da ciência, da biologia e de tantos outros conhecimentos. Em Valinhos, a Biblioteca Municipal “Mário Côrrea Lousada” quer ir além.

A partir de abril, retoma o projeto “A Hora do Conto”, com a contadora de histórias Patrícia dos Santos Fonseca. Todas as sextas-feiras, a partir das 8h30, ela apresentará uma sinopse da peça “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, com o objetivo de despertar nas crianças o interesse

pela leitura.

Com duração de 40 minutos, as sessões são abertas às crianças em geral e alunos de escolas públicas e particulares da cidade. No mês de abril, vão participar alunos da educação infantil até a 3ª série do ensino fundamental do Colégio Fundamentum. Outras escolas interessadas devem agendar presença pelos telefones 3871-6022 ou 3871-3972.

O projeto “A Hora do Conto” foi promovido na Biblioteca em 2002 e teve a participação de mais de 400 crianças. “Muitas ainda quando vêm à Biblioteca procuram pela “Boneca Dorminhoca”, que

ficava na sala de leituras”, lembra a bibliotecária Rose D’Ávila.

A biblioteca atende uma média de 300 pessoas por dia. A unidade conta com 20 mil volumes de livros,

que podem ser consultados no local ou levados para empréstimo domiciliar, no caso dos associados. Possui também um vasto arquivo de assuntos publicados na imprensa (hemeroteca) e uma coleção de gravações em fitas cassete dos programas “TV Escola”. Ela fica na rua Itália nº 477. O telefone é 3871-3972.

Foto Divulgação



O objetivo é despertar nas crianças o interesse pela leitura

A reportagem apontava ainda que o principal objetivo do projeto era despertar o interesse pela leitura nas crianças, o que vinha dando certo, pois o ano de 2002 teve a participação de mais de 400 delas.

No ano de 2005, com Márcia na coordenação da Biblioteca, a “Hora do Conto” continuou e Boneca, além de simplesmente contar as histórias, destacava nelas temas como solidariedade, respeito e cooperação. É uma prática que contempla a tradicional associação da leitura de livros com a formação das crianças, segundo os valores cultivados pela sociedade em que elas se inserem.

Pelo que pudemos perceber, esta foi a última vez que o projeto aconteceu. Márcia conta que

a pessoa que contava histórias não trabalha mais com a gente. Então isso é uma coisa ruim. Uma perda muito grande que a gente teve. Pela pessoa e pelo trabalho que ela fez; porque todo mundo em Valinhos conhece a Boneca. Então foi uma perda da Biblioteca, agora eu vou ter que fazer de uma outra maneira. Mas é difícil, a gente não acha contadores de histórias.

Nessa perspectiva, lamentamos projetos interrompidos por falta de pessoal qualificado, devidamente reconhecido pelas instâncias públicas, apontando que muito do que acontece nas políticas ligadas à cultura e à educação é produto de ações (doações, trabalho voluntário, remuneração financeira pequena etc.), de pessoas com boas intenções e disponibilidade, ou de improvisações na busca de alternativas.

No ano de 2002, juntamente com o projeto da “Hora do Conto”, surgiu o projeto dos “Debates Literários” e os jornais Terceira Visão e Folha de Valinhos anunciaram o fato. O mês de novembro de 2002, por exemplo, foi o “Mês ‘Senhor dos Anéis’”. Os debates foram coordenados por um estudante de

Direito da PUCCAMP, estudioso do autor J. R. Tolkien e suas obras, e aconteceram uma vez por semana, na própria Biblioteca.

A proposta era aproveitar o interesse pelos filmes da série “Senhor dos Anéis”, recém-lançados, “para convidar as pessoas a lerem o livro, explicando-lhes um pouco mais do universo paralelo criado pelo escritor, com variados enfoques direcionados a todas as áreas da cultura” (FOLHA DE VALINHOS, 1º/11/2002).

Novamente, constatamos que iniciativas promovidas em prol da leitura (incentivo, democratização) pela Secretaria de Cultura ou da Educação (municipal, estadual e federal) não têm continuidade. Por diferentes motivos, muitas vezes, projetos como a Hora do Conto, Concursos de Prosa e Poesia, etc. nascem, emergem e desaparecem, são substituídos ou modificados, ora são apresentados como “novos”. Esta falta de continuidade e de fortalecimento desses projetos parece indicar que não são só os objetivos culturais e educacionais que contam, mas interesses outros.

A BIBLIOTECA E O ESTADO

No ano de 1984 foi criado o Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo, pelo Decreto 22.766, de 9 de outubro de 1984, sendo assinada pelo então governador do Estado, Franco Montoro.

Pode-se ler abaixo o artigo 2º, retirado do Decreto, em que constam os objetivos do Sistema:

Art. 2º O Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo tem como objetivos principais:

I — incentivar a expansão e a integração das bibliotecas públicas nos municípios do Estado de São Paulo;

II — desenvolver programas de assistência técnica às bibliotecas integrantes do Sistema, em conformidade com as necessidades locais;

III — propiciar às bibliotecas a expansão de suas atividades culturais;

IV — facilitar o acesso às informações de acordo com as necessidades da coletividade;

V — fomentar nas bibliotecas públicas condições de atendimento adequado aos estudantes.

Participar de tal Sistema, além de trazer benefícios para a cidade, pode permitir que a Biblioteca possa compartilhar com suas parceiras (outras bibliotecas) um programa comum e, tecnicamente, mais profissional. Uma forma mais coletiva de debater dificuldades, de intercambiar informações e soluções e de ações mais coletivas, conforme anuncia o documento.

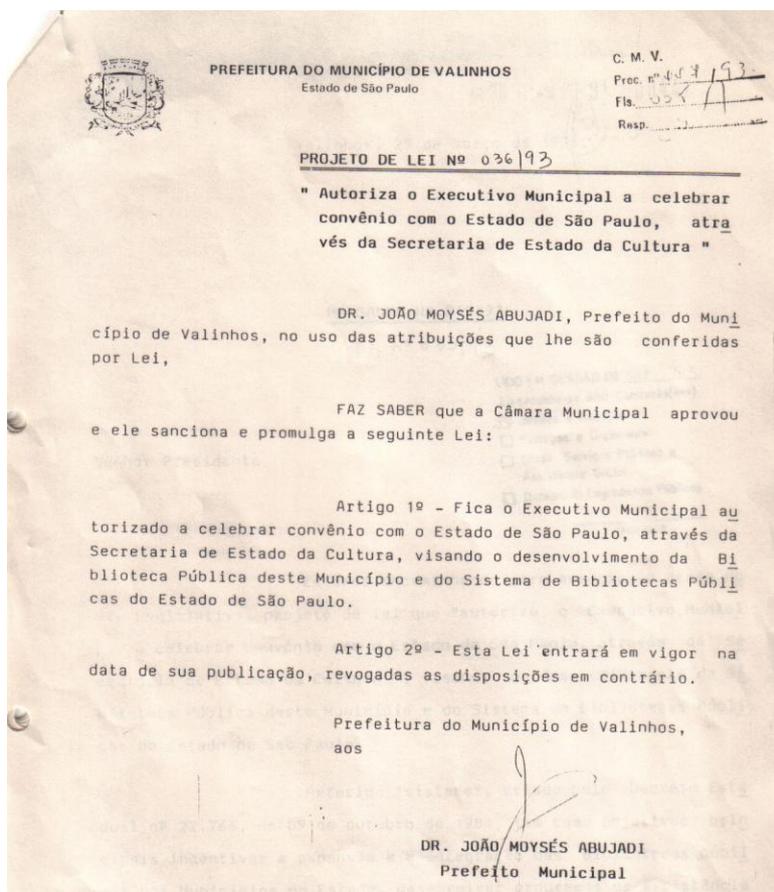
No entanto, ainda que o sistema tenha sido criado em 1984, apenas nove anos depois é que Valinhos se manifestou sobre a integração de sua Biblioteca Pública ao Sistema Estadual. Segundo reportagem da Folha de Valinhos, de 5 de março de 1993, o então Secretário da Cultura, Kiko Ferreira, em conversa com o Diretor da Divisão das Bibliotecas Municipais, em São Paulo, se entusiasmou com o convênio. Conforme publicado,

‘Com esse convênio, que deverá ser feito através de Lei e apreciado pela Câmara Municipal, a Biblioteca de Valinhos passa a fazer parte do Sistema. Com isto, recebe recursos financeiros do Estado, além de apoio para realização de palestras, simpósios e outros projetos na área’, explica Kiko Ferreira.

De acordo com documentos encontrados no acervo da própria Biblioteca, em 29 de março de 1993, foi enviado ao Presidente da Câmara Municipal, Sr. Paulo Alcídio Bandina, uma mensagem com Projeto de Lei para a integração da Biblioteca de Valinhos ao Sistema de Bibliotecas Estadual. Quem assinou a mensagem foi o Prefeito da época, Dr. João Moysés Abujadi,

e na mensagem foram explicitados os objetivos presentes no decreto de criação do Sistema, sendo a apreciação da Lei pedida em regime de urgência, “face à relevância da medida proposta, de real interesse público”.

Ainda em 1993, foi assinado o Projeto de Lei 036/93, em que o Prefeito Dr. Moyses, informou a aprovação da Lei pela Câmara, de modo que ele a sancionou e promulgou.



D'Ávila contou resumidamente sobre como funcionava o convênio:

Esse convênio é o que nós recebíamos os escritores. (...) Você recebia alguns livros e recebia, e você recebia o escritor também. Mas o que acontecia, agora eu não sei como funciona, mas aquele escritor, bem velhinho, senhorzinho, que não gostava mais tanto de criança, então eles punham no carro e mandavam. Ai a prefeitura tinha que pagar o motorista, porque o Estado não mandava. O Estado oferecia o escritor, então a Prefeitura, era assim um pouquinho longe, ele dormia aqui, ele almoçava, ele jantava, ele pernoitava; e no dia seguinte, o carro da Prefeitura ia levá-lo. E isso na verdade, era uma coisa mais ou menos ruim para o município, porque ele trazia os livros que, vamos dizer assim, os livros velhos, um autor velho, para

crianças nova que nem conheciam aquele autor. Eu conhecia, mas a criança não se interessava.

Não sabemos qual autor a bibliotecária identificou como “velhinho”, ou que “livros velhos” eram esses, porque ela não nos informou. O que é possível identificar é que pela imagem do que ela considera o gosto infantil e do que deveria ser apresentado aos leitores infantis, o projeto é inadequado, além de oneroso para a Prefeitura. Segundo o Decreto 37495/93, da Secretaria de Estado da Cultura que substituiu o anterior (23381, de 22/08/1985), ele instituiu uma parceria mútua – recursos financeiros, humanos e materiais - entre Estado e Município, em atividades culturais planejadas em comum acordo. Basicamente, o Decreto também buscou dar orientação técnica para o desenvolvimento dos serviços, incluir a Biblioteca nas vantagens do Sistema e uma verba anual para aquisição de obras para o acervo, entre outros.

Mais recentemente, a Secretaria de Estado da Cultura tem, em parceria com Secretarias Municipais, um projeto chamado “Viagem Literária”, com o objetivo de estimular o gosto pela leitura e pela escrita. Segundo notícia no site do Portal do Governo do Estado de São Paulo, o Viagem Literária de 2008 promove uma caravana de escritores (Moacyr Scliar, Zuenir Ventura, Luiz Ruffatto, Cristóvão Tezza, Marçal Aquino, entre outros) e ainda distribuiu para as bibliotecas participantes livros para a constituição de seus acervos. Segundo o Folheto Viagem Literária – Módulo IV, Outubro 2010 encontrado na Biblioteca de Valinhos, o programa continua até hoje:

Lançado em 2008, o programa Viagem Literária consolidou-se, por meio de uma parceria entre a Secretaria de Estado da Cultura e as Bibliotecas Públicas das cidades participantes, como um dos mais amplos e diversificados projetos voltados ao livro e à leitura no Estado de São Paulo.

O projeto acontece anualmente, sendo realizado no segundo semestre. Em cada mês, há um tema para os encontros nas Bibliotecas: as vezes, a obra de um autor consagrado, como Agatha Christie; outras vezes, autores, poetas visitam as bibliotecas, promovem oficinas, dão palestras.

Martinez contou que os encontros acontecem na Biblioteca, pois o objetivo é atrair a população e aumentar a frequência. A Biblioteca de Valinhos participa do projeto desde seu início, em 2008, quando recebeu a visita do coordenador geral André Sturm, segundo reportagem do Jornal de Valinhos, de 27 de março de 2009 (abaixo). A reportagem afirmou que as cidades que participam desde o início do projeto são aquelas que têm Bibliotecas ativas, e que já participaram de outros programas do Estado; como é o caso da Biblioteca Municipal de Valinhos.

Um benefício para a Biblioteca, proporcionado pelo projeto Viagem Literária, são os livros enviados pela Secretaria de Cultura do Estado. No ano de 2009, foram mais de 140 livros recebidos, conforme a reportagem da Folha de Valinhos (ao lado).

Conforme a reportagem, todos os livros recebidos serão catalogados, inseridos no sistema da Biblioteca e estarão disponíveis para empréstimo.



Secretário de Cultura, Mário Farci, e a bibliotecária Márcia Martinez

Viagem Literária presenteia biblioteca com mais de 140 livros

A biblioteca municipal de Valinhos "Dr. Mário Corrêa Louzada" ganhou esse mês 144 novos livros por ter participado, no segundo semestre do ano passado, do projeto Viagem Literária, criado pela Secretaria de Estado de Cultura para estimular o gosto pela leitura. Foi uma série de encontros entre escritores e público (infantil, juvenil e adulto) destinados a debater a atividade literária, contar histórias e ensinar a arte da escrita.

De agosto até novembro de 2008, a cidade recebeu quatro escritores – César Chesil, Lúcia Engelberg, Marçal Aquino e Ferreira Gullart. Para o secretário municipal de Cultura, Mário Farci, o projeto incentivou a aproximação da população com a biblioteca. Ele lembrou que a ação foi trazida para Valinhos após uma visita do coordenador geral da Unidade de Fomento e Desenvolvimento Cultural da Secretaria Estadual de Cultura, André Sturm, ao Centro Cultural "Vicente Musselli", no final do mês de julho de 2008.

Mário Farci disse que boa parte dos livros já foi catalogada e está à disposição dos usuários da biblioteca. Nessa quarta-feira, dia 25, a bibliotecária Márcia Martinez disse que dos títulos vindos da Secretaria de Estado de Cultura, metade já estava emprestada. O Caçador de Pipas (Khalid Hosseini), Cidade de Deus (Paulo Lins), O Evangelho segundo Jesus Cristo (José Saramago) e a coleção Sete Pecados Capitais são alguns dos títulos incluídos no lote de livros. Esses e outros livros podem ser consultados no site www.valinhos.sp.gov.br. André Sturm, coordenador da Unidade de Fomento

A mais recente oficina de criação, realizada pelo projeto “Viagem Literária”, aconteceu em 23 de novembro de 2010, ministrada pelo poeta e produtor cultural Chacal. O tema foi “Os olhos e os ouvidos do poeta”, conforme reportagem da Terceira Visão, de 19/11/2010 (ao lado).



Conforme reportagem, o programa prevê oficinas de criação literária. O objetivo é aprimorar e desenvolver o fazer literário. Martinez afirmou na reportagem que “Por meio de leituras, bate-papo e produção escrita, os participantes terão a oportunidade de aprender e de trocar ideias com um autor consagrado, bem como conhecer técnicas e teorias relacionadas à arte de escrever.”

Atualmente, as visitas de escritores e poetas são por conta da Secretaria de Cultura do Estado, segundo Márcia: “Nós não temos despesa nenhum. Nós oferecemos um agrado pra ele, um café, mas nós não temos custo.”

De qualquer forma, é uma parceria institucional, deixando de lado um pouco a imagem das bibliotecas constituídas pelas doações da população e à mercê de ações que exigem o esforço pessoal daqueles nela envolvidos. É um outro tempo, em que as instâncias públicas ligadas ao incentivo da leitura estão antenadas com o mercado editorial e que o Estado é o cliente mais lucrativo para as editoras de livros de literatura, especialmente os voltados para o público infantil e juvenil.

Assim, o projeto “Viagem Literária” não é o único desenvolvido pelo Estado com o objetivo de estimular e desenvolver a leitura. No ano de 2009, a

Biblioteca recebeu mais de 270 livros pelo “Programa de Estímulo à Leitura”, desenvolvido pelo governo de José Serra. De acordo com o Jornal de Valinhos, de 19 de março de 2010, os livros foram recebidos pelo Secretário da Cultura de Valinhos, Mário Farci, em cerimônia realizada na Secretaria da Cultura em São Paulo. Dentre os livros recebidos, encontram-se, best-sellers, livros de literatura infanto-juvenil e adulta, além de livros de poesia, bastante atuais e reconhecidos pela crítica literária, segundo a reportagem do Jornal de Valinhos.

Ainda segundo o Jornal, a Prefeitura local fez acordo com o governo do Estado para receber equipamentos de projeção e sonorização, com o objetivo de criar salas de exibição de filmes. Não temos informações sobre se estes equipamentos foram recebidos pela Prefeitura, porém a proposta de democratizar o acesso a obras audiovisuais seria um grande passo no acesso à cultura e de grande benefício a toda a população.

Nos anos 2000, a concepção da Biblioteca já está bastante ampliada: tem livros para estudo e pesquisa e também empréstimos para leitura de fruição; tem jornais para pesquisa histórica e ainda fitas de DVD para fins educacionais; tem computadores para busca de informações; tem espaço para contação de histórias, para debate sobre livros, palestra e conversa com autores de livros; tem concursos de poesia e prosa e até obras áudio-visuais. É a ideia de que a leitura não pode mais ser vinculada somente ao impresso, na modalidade silenciosa e individual. Ela se presentifica em múltiplas linguagens, em suportes de textos, em práticas – silenciosa, oral, encenada, filmada – a atender leitores que também são múltiplos.

Sobre esses suportes diversos de textos, Chartier (1999) afirma que “permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais

numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro” (p. 88). Chartier ainda afirma que a leitura desses suportes “diferenciados” é muitas vezes considerada uma “não-leitura”; porém esta é apenas uma forma diferente de leitura. Nessa direção, os diversos elementos áudio-visuais disponíveis nas Bibliotecas não afastariam os indivíduos da leitura, mas poderiam levá-los a novas formas de ler, diferentes das consideradas por muitos como “certas” ou “legítimas”.

BIBLIOTECA AMBULANTE

Em 18 de novembro de 1994, a Folha de Valinhos divulgou nota informando que havia sido apresentado à Câmara Municipal, um Projeto de Lei para criação de biblioteca ambulante em Valinhos, pela transformação de ônibus velhos e sem condições de conduzir passageiros. Dessa forma, bairros afastados da cidade também poderiam ter acesso a uma Biblioteca.

Em 9 de janeiro de 1995, foi assinada pelo Prefeito Dr. João Moysés Abujadi, a Lei nº 2813 que “Autoriza o Executivo Municipal a criar o ônibus/biblioteca” e especifica ainda que ela deve funcionar em veículos adquiridos e adaptados para a finalidade. A Lei determinava também que os ônibus deveriam circular preferencialmente na periferia da cidade, em escala organizada pela Secretaria da Educação, e que as despesas para a execução desta Lei deveriam ser “por conta de verbas próprias consignadas ou a serem consignadas em Orçamento”.

Valinhos então passou a contar com um serviço de biblioteca ambulante, assim como muitas outras cidades (Campinas, por exemplo), numa estratégia

para aproximar leitores dos livros. Esta prática não é nova e nem o projeto é exclusivamente nacional, como pode ser constatado.

Na Europa do século XX, (décadas de 1920 e 1930) segundo Herbrard e Chartier (1995), já existia a proposta de bibliotecas ambulantes, ou ônibus-biblioteca, com um discurso que elencava suas vantagens em relação às bibliotecas fixas:

1 – Rendimento infinitamente superior: os ônibus-biblioteca distribuem no mínimo dez vezes mais livros do que os depósitos fixos, porque o interesse do público é estimulado periodicamente pela passagem do veículo; 2 – Melhor sortimento de livros: o estoque é renovado toda semana, de forma que o público encontra maior variedade do que nos depósitos; 3 – melhor utilização do estoque: é menor o número de livros que não são emprestados, de modo que com um acervo menor se pode suprir de material de leitura uma clientela mais ampla; 4 – melhor conservação dos livros: [...] as perdas são menos numerosas, já que os leitores não podem alegar que esqueceram de trazer o livro a ser restituído [...]; 5 – excelente publicidade. Já se observou que muitos leitores que começaram a tomar livros emprestados nas bibliotecas ambulantes terminaram por freqüentar a biblioteca mais próxima, onde encontravam uma documentação mais completa sobre os assuntos do seu interesse. (Lemaître, “Le bibliobus”, Bull. ABF, 1930, 1, p.100 apud HÉBRARD e CHARTIER, 1995, p. 180)

Também em Portugal, a Fundação Calouste Gulbenkian criou, em 1958, uma rede de bibliotecas itinerantes que persistiu por três décadas, com a intenção de levar livros a populações das mais isoladas regiões de Portugal, em uma época, segundo a própria entidade, de “atraso cultural do país”. (Ferreira, 2008). Esta Fundação, que ainda hoje desenvolve em Portugal um papel importante na formação de profissionais e no incentivo a bibliotecas públicas, foi pioneira na democratização da leitura pública, oferecendo serviço gratuito aos interessados, promovendo os empréstimos domiciliares e o contato direto dos leitores com os livros.

Segundo pesquisa de Ferreira (2008), o depoimento de Idália Palma Affonso Conceição (funcionária administrativa da Biblioteca Municipal de Faro e que trabalhou como funcionária da Câmara responsável pela Biblioteca Fixa da Fundação Gulbenkian) expressa os sentidos dados a essas bibliotecas itinerantes em Portugal:

A Fundação teve um trabalho importante porque as suas bibliotecas itinerantes eram o único acesso à leitura de livros, por empréstimo, em Portugal. As carrilhas de livros chegavam nos lugares mais longe no interior de Portugal, onde não existiam bibliotecas. As bibliotecas itinerantes corriam pelo país. E as fixas eram fixas. No Estado Novo, eram os mesmos livros de leitura no ensino primário que passavam de irmão para irmão, livros de estudos eram os únicos.

Mas, em Valinhos, o projeto “Biblioteca Ambulante” ainda precisa “sair do papel”, como afirmou Rose D’Ávila. Acreditamos que a não disponibilização de verbas específicas para o ônibus-biblioteca por parte da Prefeitura de Valinhos é, provavelmente, um dos motivos pelos quais ele ainda não pôde ser colocado em circulação.

Os jornais da cidade e da região têm apresentado, desde 2006, várias reportagens e notas sobre a criação destes ônibus-biblioteca e sua circulação pelos bairros. Temos, por exemplo, do Correio Popular (jornal da cidade de Campinas), a de agosto de 2006 e da Folha de Valinhos (25 de agosto de 2006) que também anunciou a doação de um ônibus pela empresa Rápido Luxo Campinas, com a finalidade de ser adaptado para uma Biblioteca Itinerante.



Segundo a reportagem, a adaptação do ônibus aconteceria pela retirada dos bancos, colocação de prateleiras para a exposição dos livros e pintura interna e externa do ônibus. Dez bairros mais afastados estariam na lista de visitas do ônibus; as datas, os horários e locais em que o ônibus estaria estacionado seriam publicados previamente e informados para os leitores interessados.

Dois meses depois, em outubro de 2006, o Correio Popular divulgou nota anunciando que o ônibus-biblioteca começaria a circular pelos bairros de Valinhos ainda naquele mês.

E, segundo depoimentos de funcionárias da Biblioteca, o ônibus realmente começou a circular, porém apenas durante um curto período de tempo. Houve necessidade de prepará-lo melhor para o seu funcionamento e atendimento à comunidade: cuidando de um revestimento interno, melhor organização dos livros em estantes, ar-condicionado, etc.

Mas, quase um ano depois, em julho de 2007, o jornal Terceira Visão divulgou uma reportagem anunciando um “novo projeto”: a Biblioteca Circulante.

LEITURA EM MOVIMENTO

"Biblioteca Circulante" leva cultura a 10 bairros de Valinhos

«Viu, por que você ainda não leu o livro do Harry Potter? É tão legal!» Sabe o que é Gabriel, minha casa fica muito longe da biblioteca do Centro e eu não tenho dinheiro para o ônibus. E na biblioteca da minha escola este livro ainda não chegou.

O diálogo entre o garoto que adora ler livros de ficção, Luis Fernando Lorenzini, de 12 anos e do apaixonado por histórias em quadrinhos, Vitor Gabriel, de 14 anos, moradores do bairro São Marcos, retrata a realidade do País: a falta de acesso aos livros.

Devido a esse fato, surge o projeto "Biblioteca Circulante" para dar mais oportunidade de leitura aos moradores dos bairros mais distantes e mais carentes da cidade. "já que não temos recursos para montar bibliotecas em todos os bairros de Valinhos, decidimos, então, levar os livros até as comunidades através de um ônibus", afirma o Secretário de Cultura, Danilo Sérgio Sorocco.

A biblioteca móvel, que faz parte do projeto "Cata-Vento Cultural", é uma parceria entre a Prefeitura, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo e as empresas Acelera, Chemlab, Codivo, Corpus Saneamento, Esportivos Miami, Madalena, Edgar Mix Eventos, Pópcos Ki Sabot, Rápido Enzo Campanas, Serv Lar e Supermercados Caetano. Atualmente o ônibus-biblioteca contém 2.100 exemplares entre clássicos da literatura brasileira e estrangeira, além de livros sobre esportes, ciência, culinária, artesanato, música, cinema, saúde, gibis, jornais e revistas. Mas, de acordo com o secretário, no segundo semestre deste ano, o ônibus visitará os bairros com um acervo bem maior: cerca de 3.500 exemplares estarão disponíveis aos moradores. Também serão montadas e distribuídas que poderão ser consultadas no próprio local", garante Sorocco.

O ônibus, inicialmente, percorrerá os bairros Capivari, Country Club, Parque, Inspiração, Marcos, Parque Portugal, Reforma Agrária, São Bento, São Marcos e Vale Verde, levando diariamente cultura à população. Segundo Sorocco, o primeiro objetivo é que outros bairros possam ser visitados e que mais ônibus estejam circulando pela cidade. "conseguir mais ônibus e mais livros é o nosso objetivo para o próximo ano", garante Danilo.

A "Biblioteca Circulante" visitará apenas um bairro por dia. "O ônibus só voltará ao bairro 15 dias após a visita. Dessa forma, conseguimos percorrer os dez bairros selecionados e os leitores terão um tempo razoável para lerem os livros", afirma o secretário.

A Biblioteca não poderá deixar de atender, mesmo a "Biblioteca Circulante" com uma frase: "é um sonho realizado". Para ela, as crianças valinhosenses não têm mais medo de não ir mais acesso aos livros. "Existem muitas crianças que não conseguem chegar até a biblioteca do Centro da cidade porque não têm o dinheiro para o ônibus. Esse projeto quebra essa barreira e leva o livro até o leitor. Pra mim, essa é uma das maiores conquistas, quando nos referimos à cultura, que a cidade já oferece", avalia a bibliotecária.

Segundo Márcia, cada pessoa poderá levar para casa, no máximo, três exemplares por vez. "Estipulamos este número para que possamos atender à todos", garante.

A moradora do bairro São Marcos, Maria Lúcia da Silva, de 43 anos, afirmou que o projeto incentivará ainda mais o seu filho, de 7 anos, a leitura. "O Silvio ficou muito contente e animado quando soube da "Biblioteca Circulante". Ele adora ler gibis e esportes, mas na escola que ele estuda não tem jornal", afirma a mãe. Já a filha mais velha de Maria Lúcia, Simone Maria da Silva, de 21 anos, que concluiu o Ensino Médio em 2009, não precisará mais ficar longe dos livros. "Eu terminei os estudos há um ano e, por isso, não podia mais pegar os livros na biblioteca do colégio. Já me inscrevi na biblioteca de lá, mas agora vou ler bastante para compensar o tempo perdido", comemora a estudante.

Outro motivo que incentiva a leitura, é o fato delas poderem levar os livros para lerem em casa. "Eu não fui muito porque os livros não podiam sair da escola. A gente tinha que ficar no colégio depois da aula ou voltar à tarde para ler. Eu ficava com muita preguiça de voltar e por isso não fui quase nada", conta a aluna Ana Paula Mendonça, de 12 anos.

Para fazer a catetérinha e retirar os livros, é preciso levar uma foto 3x4, um comprovante de endereço (conta de água, luz ou telefone), o RG ou certidão de nascimento e preencher uma ficha cadastral, que estará disponível na própria biblioteca. Os menores de 16 anos terão que vir acompanhados, pela primeira vez, por um adulto ou responsável para a catetérinha. O ônibus funcionará, todos os dias, das 9 às 16 horas e ficará estacionado próximo às escolas dos bairros. Todo o serviço é gratuito. Os leitores que tiverem dúvidas sobre o local em que o ônibus estará estacionado podem acessar o site da prefeitura www.valinhos.sp.gov.br ou ligar para 3871 3646 / 3871 6022.

O ônibus-biblioteca já conta com um acervo de 2.100 livros. Para o próximo mês serão 3.500 exemplares



Embora o jornal anuncie o projeto como novo, ele parece ser uma concretização do já conhecido e paralisado, "Biblioteca Itinerante". Na matéria jornalística, várias pessoas (estudantes e seus pais) fazem seus depoimentos mostrando-se a favor da implementação e da importância de tal iniciativa.

A "nova Biblioteca Circulante" faz parte de um projeto maior denominado "Cata-Vento Cultural", desenvolvido pela Secretaria de Cultura e Turismo, com o objetivo de descentralizar as atividades culturais na cidade de Valinhos e de atender ao anseio da população dos bairros de ter acesso à leitura mais perto de suas casas.

Bairros começam a ser atendidos pelo "Biblioteca Circulante"

Entre os dias 21 a 24, próxima terça a sexta-feira, a Secretaria de Cultura e Turismo realizará a apresentação da Biblioteca Circulante nos bairros que serão atendidos pelo ônibus. A criação do acervo móvel de livros é uma ação integrante do projeto Cata-Vento Cultural, com o objetivo de descentralizar as atividades culturais na cidade. No primeiro dia, a partir das 9h30, o ônibus estará estacionado na Escola Municipal de Educação Fundamental (EMEF) Vale Verde. Já na parte da tarde, às 13h30, os alunos poderão visitar a Biblioteca Circulante no bairro Country Club, dentro do estacionamento da AAPP Country Club. Em todos os dias, o horário de encerramento das atividades, pela manhã, será às 11 horas e na parte da tarde às 15 horas.

No dia 22, quarta-feira, às 9h30, o ônibus ficará, na parte da manhã, na EMEF Joapiranga e à tarde, a partir das 13h30, no Centro Comunitário do Parque das Figueiras. Já na quinta-feira, dia 23, os moradores da região agrícola do Macuco e Reforma Agrária serão beneficiados. Na parte da manhã, o veículo estará na EMEF Tomoharu Kimbara e à tarde, na EMEF Prof. Edina Aparecida Bampa da Fonseca.

As regiões do Parque Portugal e São Bento receberão a Biblioteca Circulante no dia 24, sexta-feira. Pela manhã, o ônibus estará na EMEF Prof. Marilí Aparecida Borelli e à tarde na EMEF Horácio Salles Cunha.

O primeiro acervo de livro móvel do município funcionará dentro de um ônibus doado e adaptado pela Rápido Luxo Campinas. O veículo tem capacidade para abrigar cerca de 3.500 livros, mas, nos primeiros meses de funcionamento, levará cerca de 2.100 obras, para que os atendentes possam detectar a procura.

De acordo com a Secretaria de Cultura e Turismo, os alunos dessas escolas receberam ficha de inscrição para se cadastrarem na Biblioteca Circulante. O ônibus ficará ao lado das escolas para que os funcionários possam utilizar as unidades de ensino como suporte (alimentação, banheiro, comunicação) e também para oferecer segurança para os leitores e atendentes. Para fazer o cadastro, é necessário que o aluno leve uma foto 3x4 recente, em bom estado de conservação e sem rasuras, além de uma cópia do documento de identidade (RG) e uma do comprovante de endereço.



As regiões do Parque Portugal e São Bento receberão a Biblioteca Circulante no dia 24, sexta-feira

Durante os anos de 2007 e 2009, foram publicadas reportagens no Jornal de Valinhos e no Terceira Visão, anunciando quais seriam os bairros que já estavam na trajetória do ônibus e quais os novos bairros que começariam a receber visitas, como: Jardim São Marcos, Joapiranga, Parque Portugal, Jardim das Figueiras, Country Club, Macuco, Reforma Agrária, Vale Verde, São Bento, Capivari, Jardim Centenário. A ideia era que o ônibus ficasse estacionado próximo às escolas dos bairros, para mais fácil acesso dos próprios estudantes e como forma de apoio (alimentação, banheiro, etc) aos funcionários que trabalhavam nele. Também com o ônibus/biblioteca seria possível que mães que levassem os filhos à escola pudessem usufruir dos benefícios.

Mais recentemente, no ano de 2010, foi publicada uma nota na Folha de Valinhos anunciando a retomada da Biblioteca Circulante. O que isso pode

significar? Ela aconteceu durante algum tempo, mas por algum motivo foi cancelada? Ou o ônibus-biblioteca na verdade nunca circulou?

Em visita à biblioteca, em outubro de 2010, para entrevista com a bibliotecária Márcia Martinez, pudemos encontrar no balcão de entrada da Biblioteca um folheto falando sobre a possível circulação da Biblioteca Circulante, e convidando a população para o cadastramento gratuito.



Mas, ao ser indagada a respeito, Márcia expôs as dificuldades para a implementação de fato desse projeto:

Hoje, hoje, não [está circulando]. Porque, na verdade, nós estamos sem motorista. Precisa de um motorista habilitado, com a carteira correta, que é a 'D'. Tem toda uma 'burocracia', eu vou falar assim 'burocracia'. Porque uma motorista não pode, o outro também não, então hoje, a gente está esperando. Parece que este mês que entra eles vão contratar. Agora eu não sei como é que está isso. Acho que é a educação que vai conseguir. É aquela coisa, a gente fez o concurso, mas tem que ir chamando aos poucos. Chama um, mas ele não quer, vai para outro lugar. Então demora um pouquinho esse processo. Mas eu acredito que ele [o ônibus-biblioteca] volte logo, logo.

São os entraves burocráticos interferindo nos projetos culturais movidos pelos órgãos públicos, no Brasil. De forma descontínua, a Biblioteca Ambulante circula, interrompe, emperra, é retomada. Enquanto isso, a leitura e tudo o que ela carrega fica restrita às imagens propagadas nos discursos produzidos em torno dela: “leitura é fonte de saber”; “a leitura é mágica”; “leitura é prazer”, “leitura é diversão”, “leitura é cultura”.

Em relação a esses projetos/ações em comum, podemos perceber que, apesar de a Biblioteca assumir diversas feições de acordo com os diversos períodos (como já afirmou-se anteriormente), ela é uma só. Essas diversas feições aparecem de forma contínua, interligada, relacional, como também distintas e relacionadas às gestões a que estiveram subordinadas.

E mesmo nesta diversidade de feições, percebemos inconsistências (ainda que não sejam as desejadas) como a descontinuidade de projetos que incentivam o gosto pela leitura, que buscam familiarizar o público às práticas de leitura e a objetos de cultura letrada (tais como “Hora do Conto”, “Debates Literários”, “Concurso de Prosa e Poesia”, “Biblioteca Circulante”), seja por falta de funcionários, de verbas, de modos de imaginar este espaço, entraves burocráticos, posições político-partidárias.

Mas também, de forma positiva, podemos verificar as constantes tentativas e incentivos na retomada e criação de projetos; uma não-desistência, apesar de inúmeras limitações e dificuldades a serem superadas.

Conclusão

No início deste trabalho, tivemos como ponto de partida perguntas como: Por que a Biblioteca Municipal de Valinhos foi criada? Por quem ela foi criada? Para quem? Quando? Como? Num primeiro momento, fomos buscar, portanto, materiais que nos auxiliassem a nos aproximar da história desta Biblioteca e que nos ajudassem a responder tais perguntas.

No primeiro contato de pesquisa que tivemos com a Biblioteca, nos deparamos com uma não existência de registros de documentos sobre essa história. A busca alargou-se, então, indo para outras instâncias – públicas ou privadas – da cidade além da Biblioteca. Foram elas: a Câmara Municipal, o Museu e Acervo Municipal, a Prefeitura, a sede do jornal Folha de Valinhos. Neste momento, esperávamos encontrar atas de reuniões sobre a discussão da criação da Biblioteca, os projetos referentes à lei de criação; no entanto, se esses documentos um dia existiram, eles acabaram se perdendo no tempo.

Tivemos acesso à Lei de criação da Biblioteca, a projetos de leis mais recentes referentes à Biblioteca, a recortes de jornais (antigos e recentes), a fotografias, além de realizarmos entrevistas com as duas bibliotecárias que auxiliaram no entendimento da história como um todo.

Durante a análise desses materiais encontrados, nos deparamos com algo inusitado e que não fazia parte dos objetivos iniciais desta pesquisa, mas que tem grande importância e relevância dentro daquilo a que nos propusemos. Descobrimos uma biblioteca anterior à Municipal, denominada Biblioteca Paroquial. Uma busca delicada e uma entrevista com o antigo

bibliotecário nos levaram a entendê-la dentro do contexto da época e conhecê-la melhor.

Percebemos que as duas bibliotecas – Paroquial e Municipal – surgiram por interesses de grupos/movimentos da cidade, mas com objetivos distintos. A primeira, liderada por um movimento católico, tinha por objetivo levar uma “boa cultura” à população da cidade. A segunda, que apenas se concretizou graças ao trabalho de uma elite política da cidade, tinha por objetivo inicial atender ao público estudantil mas, ao longo do tempo, também passou a atender a toda a população da cidade.

De uma maneira geral, percebemos que a Biblioteca Municipal de Valinhos “Dr. Mário Corrêa Lousada” (a segunda), no decorrer e na construção de sua história, foi ganhando novos leitores, novos suportes e novos objetivos. Percebemos que apesar de ter várias feições, de acordo com os diferentes momentos vividos por ela, essa Biblioteca é única e tem continuidades. As gestões das duas bibliotecárias, apesar de terem focos e objetivos diferentes, se completam e se relacionam, o que pode ser percebido mais claramente pelos projetos que se iniciam em uma gestão e permanecem na outra.

Grande parte do material encontrado durante o levantamento feito para esta pesquisa ainda pode ser explorado em outras perspectivas, como por exemplo, fotos de leitores no interior do espaço da Biblioteca, fotos de ações desenvolvidas pelas bibliotecárias (como o Concurso de Prosa e Poesia), fotos de exposições de livros e noite de autógrafos, registros de visitas de alunos do Mobral à Biblioteca, entre outros. Este material foi catalogado e arquivado, podendo assim ser focalizado em outros momentos, em outras pesquisas.

Ao finalizar este trabalho, acreditamos ser importante destacar a aprendizagem vivida no decorrer do processo de investigação. No início, tínhamos a expectativa de encontrarmos documentos e registros que respondessem às questões pensadas no início do trabalho. No decorrer do tempo, a aprendizagem de lidar com os documentos perguntando a eles (era necessário fazer mais e mais perguntas, ao invés de procurar respostas prontas) foi de extrema importância, dando nova organização e novos rumos para a pesquisa.

Este trabalho ensinou que investigar não é procurar respostas, mas fazer perguntas. Percebemos que investigar é como andar em um labirinto: não há um caminho certo a ser seguido; encontramos inúmeros obstáculos que devem ser superados, e encontramos também novos caminhos, mas devemos sempre ter em vista o nosso foco, nosso objetivo.

Referências

- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ALVISI, Lílian de Cássia. *Memórias e vivências escolares em Poços de Caldas, MG: Escola Profissional Dom Bosco (1946 - 1960)*. Unicamp, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 3ª ed. SP: Martins Fontes, 2000.
- BATTLES, Matthew. *A Conturbada História das Bibliotecas*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- BRAGANÇA, Aníbal. *Livraria Ideal: do cordel á bibliofilia*. Edições Pasárgada: EDUFF, 1999.
- BRASIL. *Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais*. MINC, 2009. Acesso em: <http://www.cultura.gov.br/site/2010/04/30/primeiro-censo-nacional-das-bibliotecas-publicas-municipais/> em 15 de maio de 2010.
- CASTRO, Cesar Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O Nome da Rosa”. In: *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, ISSN 1678-765X, Vol. 4, Nº. 1, 2006. pags. 1-20.
- CASTRO, César Augusto e PINHEIRO, Ana Luiza Ferreira. Trajetória da Biblioteca Pública no Maranhão Provincial. In: *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Campinas, v.4, n.1, p.38-50, jul/dez. 2006.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *A escrita da história*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Anne-Marie e HEBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura – 1880 – 1980*. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros*. 2º edição. Brasília: Universidade Estadual de Brasília, 1999.
- _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

- _____. *História Cultural* – entre práticas e representações. RJ: Bertrand, 1996.
- _____. *Práticas de Leitura*. 4^o Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros – A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- _____. *A formação do leitor literário – Narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.
- DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- _____. *A questão dos livros – passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DELGADO, Marcia Cristina. *Cartografia sentimental de sebos e livros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (autor); SILVA, Ezequiel Theodoro da (orient.). *Leitura de histórias de leitura*. 1988. 139f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas [SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000084053>>. Acesso em: 22 nov 2011.
- FERREIRA, Norma S. A. Histórias de leitura. In: SILVA, Lilian L. M. (org) et. al. *Entre leitores: alunos, Professores*. Campinas, SP: Komedi; Arte Escrita, 2001. ISBN: 85569-50-X. Apoio FAPESP.
- _____. *Os livros que aqui circulam, não circulam como lá*. Relatório do pós-doutorado, 2008, Faro, Centro de Investigação em Artes e Comunicação, Universidade do Algarve, Faro, Algarve, Portugal, 2008. Disponível no endereço: www.unicamp.fe/alle.
- FIGUEIREDO FILHA, Olga Melo de. *A biblioteca infantil Monteiro Lobato de Vitória da Conquista: um espaço de leitura, educação e memória social (1950 – 1980)*. Vitória da Conquista: UNIRIO/UESB, 2001.
- GALENO, Amorim (org.) *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-Livro, 2008.

- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. *O livro: objeto de estudo e de memória de leitura*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: [s.n.], 2009.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- HEBRARD, Jean. *As Bibliotecas Escolares: entre leitura pública e leitura escolar na França no II Império e da II República*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.
- KARWOSKI, Acir Mário e GAYDECZKA, Beatriz (orgs.) *Leitura, leitores e bibliotecas no interior do Brasil*. União da Vitória: Kaygangue, 2007.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP e A, 2001.
- LOPEZ, Immaculada. *Memória Social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local*. São Paulo: Museu da Pessoa Senac São Paulo, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de Leitura de província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido (1847 - 1890)*. Unicamp, 1990.
- MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita – História do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3ª ed. ilustr., rev. e atual. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- MILANESI, Luiz. *O que é Biblioteca*. 4ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- MIRANDA, Antonio. A missão da biblioteca pública no Brasil. In: *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. Vol. 6, n. 1, jan/jun 1978, p. 69-75.
- Nos caminhos da literatura*. São Paulo: Peirópolis, 2008.
- OLIVEIRA, Laís Pereira. *O trabalho de leitura na biblioteca e suas relações no processo de alfabetização dos alunos da 1ª série do ensino fundamental*. Campinas, SP: [s.n.], 2002.
- PLATZER, Maria Betanea. *Crianças leitoras entre práticas de leitura*. Tese de Doutorado. Campinas, SP: [s.n.], 2009.
- QUINHÕES, Maura Esandola Tavares. *Reinventando o verde: proposta de uma biblioteca infanto-juvenil ecológica no Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1995.

- RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. *A educação feminina durante o século XIX: o Colegio Florence de Campinas*. Campinas: Centro de Memória, Unicamp, 1996.
- SANTOS, Maria Lygia Köpke. *Entre louças, pianos, livros e impressos: A casa Livro Azul – 1876 – 1958*. Campinas, SP: [s. n.], 2004.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa história da biblioteca dos reis – Do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. 2º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados*. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos II – outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP e A, 2002.
- SIMSON, Olga R.M. *Depoimento oral e fotografia na reconstrução da memória histórico-sociológica: reflexões de pesquisa*. Vol.3, nº 5, Campinas, BCMU, p.17
- STEINDEL, Gisela Eggert. *Dos espaços da leitura à constituição da instituição de leitura pública – conformação da biblioteca municipal de Jaraguá do Sul (SC): discursos e percursos (1937-1983)*. São Paulo, SP: [s/n], 2005.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- www.valinhos.sp.gov.br, acesso em 31/10/2009.
- www.camaravalinhos.sp.gov.br, acesso em fevereiro/2011.

ANEXO – Concurso de Prosa e Poesia

1º Concurso Local de Conto e Poesia – 1984

Comissão Julgadora: Erci Frigo

Josefina Aparecida Palácio

Maria Cecília Amaral

Oswaldo Muller

Regina Maria Carneiro de Lara Campos

Desenho da Capa: Mauricio Avanci

Vencedores: Conto – Categoria Geral

1º lugar – Miguel Arcangelo Antonio – “Você é o juiz”

2º lugar – Rosana de Oliveira – “A Clínica”

3º lugar – Pedro Alexandre Pazinato – “O homem com cinzas no colo”

Vencedores: Poesia – Categoria Geral

1º lugar – Virginia Maria Gonçalves de Almeida – “Repontar”

2º lugar – Ernesto Henriques da Silva – “Canção de quase Protesto”

3º lugar – João Batista Rezende – “Triste”

Menção Honrosa – Poesia

Antonio Carlos Corrêa – “Eu sei...”

Claudimir Kiko Ferreira – “Em tempo!”

Cristina Aparecida Rodrigues – “Poeta”

2º Concurso de Conto e Poesia – 1985

Comissão Julgadora: José Eduardo Tarsitano Zogaib

Leda Maria de Souza Freitas Farah

Luzia de Cássia Betti

Maria Cecília Amaral

Oswaldo Muller

Desenho da Capa: Antonio de Souza

Vencedores: Conto – Categoria Geral

1º lugar – Airton Miguel de Grande – “Adolesce, que te quero Adolescente!”

2º lugar – Raquel Guirardello – “Médico, cure a si mesmo”

3º lugar – Rosana de Oliveira – “A menina no retrato”

Vencedores: Poesia – Categoria Geral

1º lugar – João Batista Rezende da Silva – “Encontrar de novo”

2º lugar – Ernesto Henrique da Silva – “Lodo lúdico, liberdade”

3º lugar – “Valdair Aparecida Corrêa – “Perguntas aos ventres cheios”

Menção Honrosa – Poesia

Airton Miguel de Grande – “Reencenar”

Andréa Bissoto Lombello – “Ilusões”

Fernando Canton Antoniazzi – “Procella”

José Clemente de Barros – “Êxtase”

Marcus Vinícius Almeida Duarte – (sem título)

Marlene Cecília Mendes Sabatini – “Sonho X Realidade”

3º Concurso de Prosa e Poesia – 1986

Comissão Julgadora: Celina Margarida Bottura

Leda Maria de Souza Freitas Farah

Luiza de Cássia Betti

Maria José Pinto Bombonatti

Oswaldo Muller

Desenho da Capa: José Clemente de Barros

Vencedores: Prosa

1º lugar - Airton Miguel de Grande – “Noites, ruídos & sussurros”

2º lugar – José Antonio Gardin – “água-canoeiro”

3º lugar – Willian Peçanhuk Junior – “Se quero aPenas a vida”

Menção Honrosa: Prosa

João batista Rezende da Silva – “O velho”

Lúcia Helena Maria Olivo – “Uma menina chamada Maria”

Vencedores: Poesia

1º lugar – Valdair Aparecida Corrêa – “Operária”

2º lugar – Fernando Canton Antoniazzi – “Anagramas Hemi-Exegéticos de Introspecção”

3º lugar – Eduardo Pacheco Camargo – “Lágrima lacre”

Menção Honrosa: Poesia

Adriana Elena de Souza – “Os olhos da fome”

Augusto Silveira de Almeida – “Marisa”

Ernesto Henriques da Silva – “Cansaço”

José Antonio Gardin – “Pé de serra”

Leonir Ramos Pimenta – “Sempre assim”

Marlene Cecília Mendes Sabatini – “Tempo ao tempo”

Willian Peçanhuk Junior – “Para Sempre”

Carlos Roberto Franchi – “Ouvido sóbrio”

VI Concurso de Prosa e Poesia – 1987

Comissão Julgadora: Celina Margarida Botura

Leda Maria de Souza Freitas Farah

Oswaldo Muller

Luzia de Cássia Betti

Maria José Pinto Bombonatti

Desenho da Capa: Fernando Luiz Torsani

Vencedores: Prosa – Adulto

1º lugar – Augusto Silveira de Almeida – “Conterrâneo”

2º lugar – Pedro Alexandre Pazinato – “Vitrias visões”

3º lugar – Eduardo Pacheco Camargo – “Pedro, o grande distraído”

Menção Honrosa: Prosa – Adulto

José Clemente de Barros – “O susto”

Vencedores: Prosa – Juvenil

1º lugar – Adriana Elena de Souza – “Uma questão de ponto de vista”

Estímulo: Prosa – Infantil

Mariane Rodrigues – “O jabuti na cidade”

Mariane Giardelli – “Saudade”

Vencedores: Poesia – Adulto

1º lugar – Mônica Bielefeld – “MATU/RAR/PIRI 1”

2º lugar – José Clemente de Barros – “Faróis”

3º lugar – Eduardo Pacheco Camargo – “Bala”

Menção Honrosa: Poesia – Adulto

Cleide Tonette – “Espelho de mim”

João batista Rezende da Silva – “Imagens”

Mauro Antonio Leitão Bertoni – “Maquilagem”

Pedro Humberto Contieri Filho – “Tique-taque”

Sandra Elisabete Contieri – “Mágica vida”

Vencedores: Poesia – Juvenil

1º lugar – Jesiele Neves de Lima – “Vive-se nas ruas”

2º lugar – Michele Rennie – “Eu queria ser criança”

3º lugar – Adriana Elena de Souza – “O dia anterior”

Menção Honrosa: Poesia – Juvenil

Gláucia Maria Piato – “Remiscências”

Maria Angela Lourençone – “Culto à natureza”

Sandra Pinhata – “Triste beija-flor”

Vencedores: Poesia – Infantil

1º lugar – Tatiana Lilene Sabatini – “Anjinho da guarda”

2º lugar – Érica Muller – “A alegria”

3º lugar – Mariane Giardelli – “Por que?”

V Concurso de Prosa e Poesia – 1988

Comissão Julgadora: Dr. Francisco Fernandes de Araújo

Oswaldo Muller

Rosemari Moises Marcomini

Desenho da Capa: Euclides Aparecido dos Santos

Vencedores: Prosa – Adulto

1º lugar – Pedro Alexandra Pazinato – “O vídeo”

2º lugar – Eduardo Pacheco Camargo – “Obra vida a quatro mãos”

3º lugar – José Clemente de Barros – “Super-heróis”

Menção Honrosa: Prosa – Adulto

Maria Teresa Pinheiro – “Um grito Silencioso na escuridão”

Vencedores: Poesia – Adulto

1º lugar – Eduardo Pacheco Camargo – “Evolufobia”

2º lugar – Denise Maria Pavanelli Rocco – “Pátria Amada”

3º lugar – José Clemente de Barros – “Desejos”

Menção Honrosa: Poesia – Adulto

Sonia Regina Pinto Soares – “Fui, sou e hei de ser”

Zélia Aparecida Perez Crisanti – “Criança, mulher, criança”

Fernando Canton Antoniazzi – “Finestre (II)”

Vencedores: Prosa – Juvenil

1º lugar – Isabel C. Ferreira dos Santos – “Um estranho no espelho”

2º lugar – Mariana Rodrigues – “Explosão interior”

3º lugar – Clélia Laubstein – “Uma noite linda”

Menção Honrosa: Prosa – Juvenil

Mariana Rodrigues – “Máscara”

Jesieli Neves de Lima – “Mais um Zé!”

Vencedores: Poesia – Juvenil

1º lugar – Fernando Luis Torsani – “Retrato da lua em craion”

2º lugar – Sandra Pinhata – “Lágrima”

3º lugar – Mariane Giardelli – “Gritos na multidão”

Menção Honrosa: Poesia – Juvenil

Rosangela Silva Serafim – “Encontrar”

Cristiane Lopes – “Sem nome e sem ninguém”

Menção Honrosa: Prosa – Infantil

Giuliano Carlos de Souza – “As voltas que o mundo dá”

Vencedores: Poesia – Infantil

1º lugar – Aurelice Sentallin – “A voz do negro”

2º lugar – Érica Muller – “Natureza falida”

3º lugar – Tatiana Lilene Sabatini – “Encanto ou droga?”

Menção Honrosa: Poesia – Infantil

Giuliano Carlos de Souza – “País: Brasil”

VI Concurso de Prosa e Poesia – 1997

Comissão Julgadora: Adriana de Camargo Barroso

Ana Maria Massara

Elisabeth T. Zanellatto Frigo

Erci Frigo

Luiz Fernando Fonseca Silveira

Oswaldo Muller

Solange T. Castro Antunes dos Santos

Desenho da Capa: Fernando Luiz Torsani

Vencedores: Prosa – Adulto

1º lugar – Rosana de Oliveira – “O corvo”

2º lugar – Marcos Antonio da Silva – “O circo”

3º lugar – Lilian Mendes Silveira – “Crônica”

Menção Honrosa: Prosa – Adulto

Manoel Correa da Silva – “O contrato”

Vencedores: Poesia – Adulto

1º lugar – Eduardo Pacheco Camargo – “Dor”

2º lugar – Rosemary Moises Marcomini – “Compostos na viagem”

3º lugar – Rosangela S. Serafin Fazani – “Amigo”

Menção Honrosa: Poesia – Adulto

Dante Aggio – “Homenagem a Valinhos”

Aurelice Sentalin – “Estrela”

Walter Joannette – “Canta sabiá!”

Vencedores: Prosa – Juvenil

1º lugar – Márcia Regina dos Santos – “Inocência”

2º lugar – Daniela Priscila de Lima – “De fora do lado de dentro”

3º lugar – Allan Martins Duarte – “O meu melhor amigo!”

Vencedores: Poesia – Juvenil

1º lugar – Juliana Cristina Catalani – “O grande sentido da vida”

2º lugar – Márcia Ribeiro dos Santos – “Incompreensão”

3º lugar – Renata Aparecida dos Santos – “Caminhos indiferentes”

Menção Honrosa: Poesia – Juvenil

Sheila N. Pereira – “Clamor”

Ariane Magalhães Leme – “Preconceito no mundo”

Sandra Regina Gonçalves Soares – “Solidão infinita”

Daniel Assis Ravena de Souza – “Oh homem, que ser magnífico!”

Vencedores: Poesia – Infantil

1º lugar – Rafael Queiroz Guimarães – “Poesia”

2º lugar – Larissa Tonetto Castelo Branco – “Soneto para a estação rodoviária”

3º lugar – Clara Mariana Baltazar – “A crianças”

Menção Honrosa: Poesia – Infantil

Monique Martins Duarte – “A arca de Noé”

Deise Regina Calcone Scarpin – “Poesia”

Nicolau Gorduff – “O universo”

7º Concurso de Prosa e Poesia – 1998

Comissão Julgadora: Adriana de Camargo Barroso

Ana Maria Massara

Denise Rocco

Luiz Fernando Fonseca Silveira

Oswaldo Muller

Solange T. Castro Antunes do Santos

Desenho da Capa: Luis Vanderli Boreli

Vencedores: Prosa – Infantil

1º lugar – Danielly Fabiana Costa Abdallah – “Na estrada dos sentimentos”

2º lugar – Esther Gronau Luz – “Civilização?”

Vencedores: Poesia – Infantil

1º lugar – Flávia Letícia Borges Padilha – “O sol sonhador”

2º lugar – Esther Gronau Luz – “Obrigada”

3º lugar – Francis Trindade Silva – “O valor de um amigo”

Vencedores: Prosa – Juvenil

1º lugar – Alexandre Von Brasche Figueiredo – “Correntes”

2º lugar – Márcia Ribeiro dos Santos – “Diário”

3º lugar – Vinicius Berardi – “Pergunte ao chupa-cabra?”

Vencedores: Poesia – Juvenil

1º lugar – Edelweiss Lempk Furtado – “Vão”

2º lugar – Andressa Godoy Amaral – “A dor do silêncio”

3º lugar – Cláudia Keiko Itami – “Vozes”

Menção Honrosa: Poesia – Juvenil

Ana Carolina Genaro – “Caminhos tortuosos”

Geny Moraes de Oliveira – “Ladrão de corações”

Fábio José Castellani – “Canário”

Vencedores: Prosa – Adulto

1º lugar – Eduardo Pacheco Camargo – “A saga do caixa eletrônico”

2º lugar – Priscila Godoy Amaral – “Armadilhas do destino”

3º lugar – Eduardo Mamprim – “Ouro para o bem do Brasil”

Menção Honrosa: Prosa – Adulto

Vinicius Bovo Albuquerque Cabral – “Entramos pela ruela”

Francisco Domingos D’Ávila – “7677”

Patrícia Almeida – “Eleonor”

Rosana de Oliveira – “Mondo cane”

Márcio Roberto – “Sonho de criança”

Vencedores: Poesia – Adulto

1º lugar – Jesieli Neves de Lima – “Pôr do mar”

2º lugar – Vinicius Bovo de Albuquerque Cabral – “O mosquito”

3º lugar – Eduardo Pacheco Camargo – “Luta luz”

Menção Honrosa: Poesia – Adulto

Débora Marinho – “Impotência”

Marlene Sabatini – “Preto no branco”

8º Concurso de Prosa e Poesia – 1999

Tema: Brasil – 500 Anos

Comissão Julgadora: Adriana de Camargo Barroso

Ana Maria Massara

Denise Rocco

Oswaldo Muller

Rosemari Moises Marcomini

Solange T. Castro Antunes do Santos

Desenho da Capa: Sidnei Marcos Mazia da Fonseca

Vencedores: Poesia – Infantil

1º lugar – Francis Trindade Silva – “Nos meus olhos de criança”

2º lugar – Roberta dos Santos – “Brasil”

3º lugar – Andria Trindade Silva – “Realidade”

Vencedores: Prosa – Juvenil

1º lugar – Márcia Ribeiro dos Santos – “O Senhor...”

2º lugar – Alan Martins Duarte – “Um presente especial”

Menção Honrosa: Prosa – Juvenil

Joice Machado Bariani – “O Brasil dos novos e dos velhos tempos”

Vencedores: Poesia – Juvenil

1º lugar – Natalia Ciotto dos Santos – “A minha nação”

2º lugar – Alan Martins Duarte – “Meu mundo chamado Brasil”

3º lugar – Márcia Ribeiro dos Santos – “Brasil à espera”

Menção Honrosa: Poesia – Juvenil

Giovana Cassia de Freitas – “Terra Brasil”

Vencedores: Prosa – Adulto

1º lugar – Eduardo Pacheco Camargo – “Brasil, 22 de abril de 2000”

2º lugar – Rosana de Oliveira – “Candestina”

3º lugar – Francisco Domingos D’Ávila Jr. – “O Sr. Brasil, centenário

ainda continua viril”

Menção Honrosa: Prosa – Adulto

Vera Campos Ferrão – “Brasil, 500 anos”

Márcia Roberto – “Esse Brasil é uma mistura!”

Vencedores: Poesia – Adulto

1º lugar – Airton Miguel De Grande – “Brasília femina”

2º lugar – Daniela de Cieta – “Aos 500 anos do Brasil”

3º lugar – Eduardo Pacheco Camargo – “Brasil em cores”

Menção Honrosa: Poesia – Adulto

Samuel Pereira Barbosa – “Passado, presente, futuro...”

Marlene Cecília Mendes Sabatini – “Brasil, 500 anos”

Marcos Antonio da Silva – “Esplendor”

Priscila Godoy Amaral – “Brasil dos contrastes”

9º Concurso de Prosa e Poesia - 2000

Tema: Valinhos, aurora de um novo milênio

Comissão Julgadora (homenagem a todos os membros que fizeram parte da Comissão durante a caminhada cultural do Concurso):

Adriana de Camargo Barroso

Ana Maria Massara

Celina Margarina Bottura

Denise Maria Pavanelli Rocco

Elisabeth T. Zanellatto Frigo

Erci Frigo

Fernando Luiz de Andrade D'Ávila

Dr. Francisco Fernandes de Araújo

Jeanice Mara Pitta Calligaris

José Eduardo Tarsitano Zogaib

Josefina Aparecida Palácio

Leda Maria de Souza Farah

Luiz Fernando Fonseca Silveira

Luiza de Cássia Betti

Maria Cecília Amaral

Maria José Bombonatti

Oswaldo Muller

Regina Maria Carneiro de Lara Campos

Roseli Maria Bernardo Affonso

Solange T. Castro Antunes dos Santos

Desenho da Capa: Bruna de Souza Barbosa

Vencedores: Poesia – Infantil

1º lugar – Francis Trindade Silva – “Valinhos... progresso...”

2º lugar – Gabriel Andrea Barbieri – “Valinhos”

3º lugar – Vanessa de Cássia Scupenaro – (sem título)

Menção Honrosa: Poesia – Infantil

Jéssica Matias de Lima – “Sonhar de um terceiro milênio”

Menção Honrosa: Prosa – Juvenil

Márcia Ribeiro dos Santos – “Nossa história”

Vencedores: Poesia – Juvenil

1º lugar – Esther Gronau Luz – “Terra prateada”

2º lugar – Andria Trindade Silva – “Um futuro aos teus olhos”

3º lugar – Fábio Chaves de Oliveira – “Outra cidade”

Menção Honrosa: Poesia – Juvenil

Karen Stephany Aguirre Zambrano – “Valinhos”

Márcia Ribeiro dos Santos – “Criação de Valinhos”

Vencedores: Prosa – Adulto

1º lugar – Vera Campos Ferrão – “Valinhos, aurora de um novo milênio”

2º lugar – Eduardo Pacheco Camargo – “O tesouro de Valinhos”

3º lugar – Priscila Godoy Amaral – “Meu pedacinho do céu”

Menção Honrosa: Prosa – Adulto

Eliana de Oliveira – “Sementes”

Vencedores: Poesia – Adulto

1º lugar – Marlene Cecilia Mendes Sabatini – “Valinhos, aurora do novo milênio”

2º lugar – Patrícia Luders Borin – “Ode à Terrinha”

3º lugar – Fernando Luiz Torsani – “Pequeninos verdes vales”

Menção Honrosa: Poesia – Adulto

Eduardo Pacheco Camargo – “Retrovisor do futuro”

Leonir Ramos Pimenta – “Valinhos, aurora de um novo milênio”

Daniela de Cieta – “Novo tempo em Valinhos”

10º Concurso de Prosa e Poesia - 2001

Comissão Julgadora: Adriana Franco de Camargo Barroso

Ana Maria Massara de Oliveira

Carlos André dos Reis
 Denise Maria Pavanelli Rocco
 Maria José Tordin
 Oswaldo Muller
 Solange T. Castro Antunes do Santos

Desenho da Capa: Fernando Luiz Torsani

Vencedores: Prosa – Infantil

1º lugar – Gabriel Andrea Barbieri – “A carta”
 2º lugar – Karina Ciotto dos Santos – “O cofre”

Menção Honrosa: Prosa – Infantil

Claudenir Franzão Junior – “Medo de criança”

Vencedores: Poesia – Infantil

1º lugar – Gabriel Andrea Barbieri – “Olhos de uma criança”
 2º lugar – Francis Trindade Silva – “O menino sonhador”
 3º lugar – Giovanna Maria Barbieri – “Ronaldinha”

Menção Honrosa: Poesia – Infantil

Priscilla Bacan Faustini – “Procura”
 Carolina Leardine Zechinatto – “O sol e a lua”

Vencedores: Prosa – Juvenil

1º lugar – Andressa Godoy Amaral – “Máscaras”
 2º lugar – Marcel Gustavo Alvarenga – “História pré-escolar”

Vencedores: Poesia – Juvenil

1º lugar – Andria Trindade Silva – “O lamento de uma raça”
 2º lugar – Natália Ciotto dos Santos – “A criança e a estrada”
 3º lugar – Fernando Ferreira – “Desejos de um poeta”

Menção Honrosa: Poesia – Juvenil

Felipe Adolfo Capellato – “Nas manchas do tigre”
 Esther Gronau Luz – “Luz”
 Vanessa Cocco Capovilla – “Solidão”
 Marcel Gustavo Alvarenga – “Hino triste pela Natureza”
 Roberta dos Santos – “Identidade”

Vencedores: Prosa – Adulto

1º lugar – Vera Campos Ferrão – “A vitalina”

2º lugar – Pedro Alexandre Pazinato – “O curador”

3º lugar – Neli Ferreira Leal Amaral – “Memórias de uma folha”

Menção Honrosa: Prosa – Adulto

Sandra Regina Daniel Almeida – “Estranho”

Tanea Mara Luz – “Mais um sábado chuvoso”

Larissa Nadine Rybka – “Danças urbanas”

Vencedores: Poesia – Adulto

1º lugar – Sheila Nilma Pereira Barbosa – “Brado ao vento”

2º lugar – Giseli Cristina Tordin – “Flashes da vida”

3º lugar – Gabriel Gronau Luz – “Eternamente ele”

Menção Honrosa: Poesia – Adulto

Larissa Nadine Rybka – “Amnésia”

Rosemari Moises Marcomini – “Sedu-som”

Shirley Luzia Guizelli Adestro – “O vale verde”

Não foram publicados livros referentes aos textos premiados no 11º e 12º Concursos de Prosa e Poesia, portanto não tivemos acesso aos nomes dos vencedores de forma que eles não serão descritos aqui.

ANEXO: “LETRA DO HINO DE VALINHOS”

Valinhos
Meu torrão natal!
Valinhos,
Terra sem igual!
Á sombra da Bandeira,
Tu te ergues altaneira,
Em busca de um ideal!

Terra do figo roxo,
Vales e montes mil:
Ergue-se um colosso,
Num gesto, a mão gentil!

Terra das belas artes,
Fontes e encantos mil;
Teu povo bandeirante
Inspira amor febril!
Qual Éden de Deus presente,
Pedacinho reluzente
Do meu imenso Brasil!